

5 17 a 20

TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA
E ETNOGRAFIA.

Alberto Souza

SUMÁRIO

N.^{os} 17 a 20 — JUNHO A SETEMBRO DE 1917

	Pag.
O Povo da Minha Terra — Notas e registos de etnografia alcobacense — <i>M. Vieira Natividade</i>	97
A Renascença na Península (A proposito de um discurso do Sr. Lampérez y Romea) — <i>D. José Pessanha</i>	167
Antas do Alentejo — <i>Vergilio Correia</i>	171
Tecelagem caseira — As Mantas de Terroso — <i>Manuel Silva</i>	172
Do Alentejo — II — A «Coca» ou «Mantilha» de Portalegre — <i>D. Sebastião Pessanha</i>	174
Rendeiras de Niza — <i>Luis Keil</i>	175
O Museu Etnografico de San Sebastián — <i>V. C.</i>	170
Cronica: <i>Alberto de Sousa; Dr. Eduardo Hernandez-Pacheco; Grupo de Estudos Etnograficos e Arqueologicos; Livros.</i>	

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado; cobrança á custa do assinante)

SEMESTRE

PORTUGAL	1\$20	ESTRANGEIRO	7 frs.
AFRICA E INDIA	1\$40	BRAZIL	7\$00

Preço d'este numero: \$80

TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITTERARIO :
VERGILIO CORREIA

EDITOR E PROPRIETARIO :
D. SEBASTIÃO PESSANHA

DIRECTOR ARTISTICO :
H. SANTOS JUNIOR

ANNO 2.^o — N.^{os} 17 a 20

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Rodrigo da Fonseca, J. P. — Lisboa
Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

JUNHO A SETEMBRO
DE 1917

O POVO DA MINHA TERRA

NOTAS E REGISTOS DE ETNOGRAFIA ALCOBACENSE

O POVO

Quem é pobre sempre é pobre,
quem é pobre nada tem ;
quem é rico sempre é rico,
e ás vezes não é ninguém.

Minha terra, minha terra,
ela lá e eu aqui ;
os anjos do céu me levem
para a terra onde eu nasci.

POPULAR.



E os povos de Alcobaca, nos ultimos seculos, tivessem vivido naquela doce e serena paz que gera o encanto e a poesia, o sonho e a estetica, certamente nos teriam legado os mais interessantes documentos etnograficos. Tinham a seu favor a accumulacão de origens multiphas, e a sucessão, *in loco*, de vida não interrompida durante longos milénios.

Saído das primeiras manifestações do neolítico, recebeu a novidade das edades metalicas, a civilização romana, lutou com a onda dos barbaros, aceitou os aperfeicoamentos que os mouros lhe traziam. E foi nas terras do Carvalho d'Aljubarrota, e outros logares da região serrana, nas fundas grutas que o jurassico preparára e que as falhas geologicas deixaram a descoberto pela vertente da montanha, que ele assistiu ao desenvolver de successivas civilizações. Foi nessas grutas que colhemos documentos preciosos da sua existencia, como se prova pela nossa colecção arqueologica (1).

(1) *Portugalia* — vol. I, e, mais largamente, nas *Grutas d'Alcobaca*, do autor.

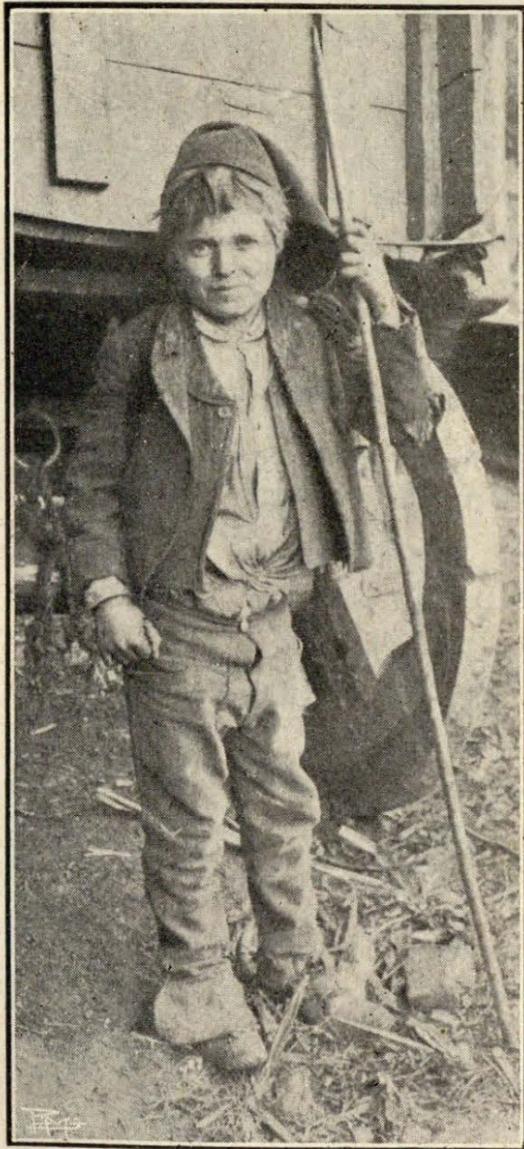
O POVO

Nos periodos rigorosamente historicos foi triste a sua vida acorrentada ao poder absoluto dos monges ; e assim resultava que um povo sobre cuja alma dominava a amargura, não podia ter rasgos creadores de poetica fantasia. Basta ver os modelos das suas habitações mais rudimentares para termos a nota da sua vida de tristeza. São poucos, infelizmente, esses documentos, e só nas mais pequenas aldeias um ou outro resistiu para os interesses da nossa curiosidade.

Os dois primeiros seculos de vida monacal foram uma onda de progresso e fraternidade, e serenamente correu a vida agrícola e os esboços industriais, até o tempo de D. João I. Até então o monge foi o grande mestre, o grande amigo, o companheiro inseparavel, e até o pastor dos proprios rebanhos.

De França teriam vindo os mestres que ensinaram a cortar a pedra, a ustular, a martelar e moldar os metais, os que ensinavam a fiar e a tecer a lã e o linho, os que aproveitavam os juncos para o conforto das esteiras, os que tudo sabiam e ensinavam, e até os mestres de risco, os imaginarios, para delineação e construcção do monumento que se ia levantar. Foi uma onda de luz donde espumavam a bondade e as delicadezas do carinho.

Exploravam-se os jazigos metalicos, estabeleciam-se povoações, criavam-se as granjas agrícolas, publicava-se a garantia dos foraes, e o trabalho, sereno, frutificador, e bemdito, cantava por toda a parte.



SERRANO

Um tardio feudalismo surge então, e a vida do povo sofre a comoção mais intensa. A' bondade sucede a violencia, ao carinho sucede a crueldade, e por forma tão brutal que o capricho era a lei com que se esmagava até a letra dos proprios foraes. Desapareceu o respeito mutuo, aquela doce e amiga convivencia, aquela serenidade de trabalho, e o povo livre, rapidamente, fica transformado no escravo mais miseravel.

Exigem-se-lhe serviços pessoais sem remuneração, alternativa ou equidade, lançam-se fintas e tributos e aquelles que se recusavam eram lançados nas masmorras do castelo. O povo queixa-se ao rei, mas a voz do povo é bem mesquinha para ser escutada pelos ouvidos dos soberanos.

A queixa que os povos de Evora e Turquel fizeram a D. João I é a denuncia de uma serie das mais horrorosas violencias. São vinte e dois capitulos de dôr e de desespero. Citaremos tres desses capitulos que são o mais lucido documento.

«Em cada hum logar dos sobreditos — Evora e Turquel — ha juiz e alcayde e outras justiças que som postas para fazerem direito aquelles que perante elles o demandarem ; e o dito abbade com seu poderio manda prender tambem os juizes como as outras justiças ; e tambem outras pessoas se dellas ha sanha, ou nom fazem quanto el manda ; e nom por erros que de direito devessem ser presos ; mas

O POVO



quer levar delles e de nós o nosso e nos sujar com soberba; e estes som presos e levados por seus homens ao castello do dito mosteiro e manda-os deitar por cordas em os fondos das torres; e outros manda lançar em aljube, onde nom ha claridade de sol nem de lua, com muito grande crueza, e sem nenhuma caridade, mandando os alcaydes, que os nom deixem ver as sas mulheres, nem filhos, nem parentes; e andam nas ditas prisoens até que perdem a vista ou lhes dam ou fazem o que elle quer...»

É muito mais doloroso este capitulo da queixa em que se referem as exigencias de dinheiro para as obras do castelo, etc. Diz assim:

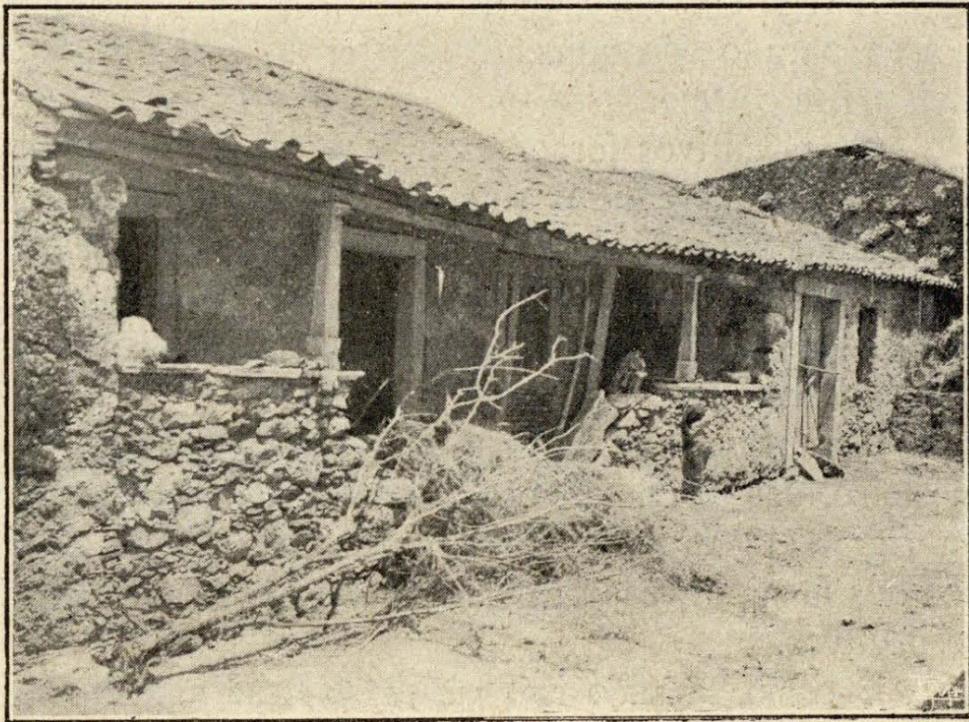
«... e porque a tam aginha nom pagassemos... alevantou-se, o abbade, uma segunda feira, de madrugada, era de 1425; e chegou a Evora hu ainda as gentes jásiam nas camas; e por sa propria pessoa andou lançando fora de casa as mulheres que entam se levantavam, nom vestidas, e os meninos nus; fechando-lhes as portas, e tomando-lhes as chaves, e casas nom quiz abrir, nem que em ellas entrassemos, até que pagamos quanto el mandou; e assim fomos forçados e roubados, e vivemos em terra hu nom ha justiça que direito faça...»

Outro capitulo é este: «Item quando foi a batalha com aquel que se chama Rey de Castela (1) todos tinhamos nossas mulheres aredor do dito Castello Dalcobaça, e de ellas dentro da barbacam e nas matas, e, como precalsavam alguma coisa levamos para o dito castello e logares de luz assim tinhamos nossas mulheres embiadas; e o dito abbade per si e por seus homens e por o seu ouvidor tomou por força e contra nossas vontades todas aquelas coisas que assim precalsamos dos inimigos; e se sabia que algum escapara, que assim nom fora roubado, mandava-os prender e lançar em aljube até que lhe davam o que assim tinham...» (2)

Os capitulos restantes não representam menos amargura. Ha um até que se queixa do abbade João Dornelas — «fazendo o que nunca fez abbade que em Alcobaca ouve»; o pedem que os não obriguem — «a ir mais a seu chamado, e, se algumas do conselho cumprir, por suas cartas ou mensageiros o mande dizer; e assim se escusaram suas pancadas e injurias que faz...»

Eram violentas e aviltantes arbitrariedades.

O resultado de tudo isto era a revolta. E ela veio como um arranco de esperança;



CASA DE TURQUEL

(1) Refere-se á batalha d'Aljubarrota.

(2) Fr. Manuel dos Santos — *Alcobaca Illustrada*.

O POVO

mas os monges facilmente a sufocaram. O que eles não destruíram foi o germen do odio mais vivo que o vento da revolta lançara por todas as terras dos seus dominios.

Eram do abade as justiças e os municipios, e o povo tinha que submeter-se, porque o grito de socorro era — *Aquí do abade e não aquí de el Rei*.

O abade condenava sem apelo nem agravo até às penas de açoites pregão e degredo, e só dava apelação para o rei em casos de pena de morte. Mas esse apelo era uma fantasia, porque, quando o odio abacial incidía sobre um infeliz, lá estavam «os fondos das torres hu nom ha claridade de sol nem de lua» segundo a letra da queixa.

O abade João Dornelas — tempo de D. João I — foi quem trouxe aos povos dos coutos as amarguras da mais triste escravidão: — abusando do seu poder de Fronteiro-mór, fazia-se acompanhar por cavaleiros armados e era ele quem, num requinte de malvadez, ordenava as mais barbaras justiças. Foi quem iniciou a epoca de terror.

Apesar dos vinte e dois capitulos que, contra ele, deram os povos d'Evora e Turquel, apesar desses vinte e dois capitulos da mais intensa dôr, da mais terrivel angustia, o rei não melhorou a situação do povo. E o povo, então, emigrou.

Abandonava a casa em que nascera, os campos que o seu suor arroteara, as arvores amigas que lhe davam os frutos consoladores, e, cheio de odio e de dôr, ia em busca de terras onde o senhor fosse menos cruel, ou onde houvesse, pelo menos, promessas de felicidade.

A intensidade da emigração alternava-se com a bondade ou crueldade dos abades.

A fuga dos povoadores, que assim se chamava aos homens do povo, trazia a falta de braços para o corregimento das terras, e a fome e a miseria caminhavam victoriosas no mais triste cortejo.

Os primitivos foraes eram humanos: — davam aos povoadores determinada extensão de terras, embora delas só podessem dispor, para herança ou venda, ao fim de um tempo estipulado, variavel com a especie do terreno ou com a zona preferida. Alem disto garantiam a madeira para a construção das casas, para o fabrico das vasilhas e para todo o material do apeiro. Agora, porem, tudo faltava, por que tudo para o mosteiro representava fontes de receita.

Arrancavam-se á força os moços de lavoura, obrigavam-se os homens a trabalhos do mosteiro, das fortalesas, dos caminhos, da almocrevaria, e nada se lhes pagava. Aos fachos ou vigias (1) da Pederneira, S. Martinho, Cela e Vestiaria, que deviam observar as entradas dos inimigos, nas grandes bacias do Valado e Alfeizarão, eram obrigados os moradores respectivos.

E como se tudo isto não bastasse, vinha a cobrança dos dizimos, oitavos e quintos determinados pelos foraes. O pão e os legumes tinham que esperar nas eiras, ao sol ou á chuva, e, algumas vezes, por muitos e muitos dias, a chegada do celareiro ou rendeiro. Não se podia tocar no pão, que o suor do homem produzira, sem a chegada do cobrador; corria-se o risco das mais severas penas.

Senhores d'aguas e ventos, só a eles pertenciam esses grandes agentes de trabalho.

(1) Eram as vigias situadas nas eminencias que dominavam as grandes lagôas de Alfeizarão e o grande porto do Valado (Pederneira) para prevenirem os povos da entrada dos piratas ou outros inimigos.

O POVO

Os lagares, os moinhos de vento, as azenhas, e até, nalgumas povoações os proprios fornos tudo era privilegio do mosteiro. A algumas povoações dava-se a regalia de poderem usar as mós de braço — que eram pequenas mós manuaes que só produziam uma grosseira farinha. As uvas, e a azeitona apodreciam, mas não havia recurso. Esperava-se a vez, e esta era quasi sempre transferida pela manha dos peiteiros.

Logicamente se aceita a emigração, cada vez mais intensa, dos homens validos. E ela efectuava-se. Quando os monges reconheceram o grande mal era já tarde. Casas inteiras tinham sido abandonadas. As terras que o trigo dou-rava, que os legumes enriqueciam, e onde os linhos prometiam a consolação dos bragaes, essas terras onde, não ha muito, se cantava um hino tres veses santo — de paz, d'amor e de alegria, — apresentavam-se agora com a nota de tristeza e abandono que aos pousíos dá o crescer das tãdegas, das silvas e dos sargaços.

O mosteiro buscava remedio mas não era facil achal-o. Recorreu a um extremo autorizado: — lançou mão dos marcos de couto, que eram as colunas que, uma vez alcançadas punham certos criminosos fóra da acção das justiças. Era um privilegio medieval, de que se serviam os senhores e donatarios para aumentarem a população dos seus dominios, embora população criminosa.

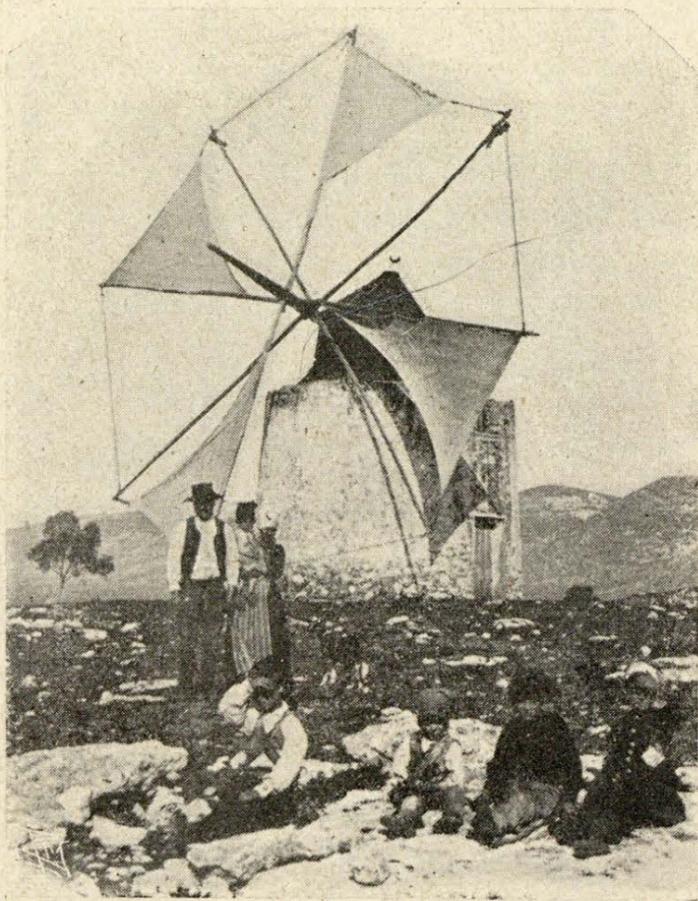
O mosteiro de Alcobaça tinha esse privilegio, e a designação — *Coutos d'Alcobaça* bem mostra a sua vastidão. Apesar de tudo poucos vieram abrigar-se á columna protectora, e esses mesmos, constituíam pessimos exemplos de moralidade e trabalho.

A amargura dos monges devia chegar tambem. E chegou como um castigo do ceu. Os abades, até ali, de eleição vitalicia, eram tirados de monges da ordem ou do proprio mosteiro. Agora, inesperadamente, o abaciato d'Alcobaça, transforma-se numa comenda e o abade d'Alcobaça deixa de ser um monge para ser um apaniguado do rei.

Monges e povo ficam submetidos ao mesmo dominio, ficam participantes da mesma angustia. O abade comendatario erguia-se como uma sombra inaudita deante dos monges e deante do povo. Se exceptuarmos o cardeal-rei que deu a ambos um curto periodo de progresso e de paz, nenhum outro aqui teve permanencia e alguns houve, que nem o mosteiro visitaram.

A *peste dos comendatarios*, como lhe chama o cronista, mesmo de longe fazia mal. Para cobrança das fartas rendas tinham os seus delegados, e almoxarifes, e estes aumentavam o mal comum com as suas deshumanas violencias.

O *relego*, por exemplo, que era o direito exclusivo de vender certos generos durante um periodo estipulado, quasi que se eternisava. Havia encoberto um exclusivo de compras, e para a venda estabeleciam-se os preços mais escandalosos. Era a exploração, sem recurso. As queixas perdiam-se na vastidão do espaço e nas friezas da crueldade.



MOINHO DO CASAL DO REI

O povo procurava remedio para tão aggressivo mal, mas não o encontrava.

Nos *Livros de visitas* ás egrejas paroquiaes dos coutos, repetem-se as queixas mais dolorosas. Os visitantes escutam as queixas do povo, querem acudir-lhe e, em nome de Deus, protegê-lo. Condenam os abusos e estabelecem multas para aqueles que venderem generos por preços mais elevados do que aqueles que ficam estatuidos nos livros da igreja. Os almoxarifes nada respeitam. Citam-se-lhes os nomes, ameaçam-se com a excomunhão, mas nem o livro da igreja nem a excomunhão os assusta.

Aos proprios monges era assinada a mais parca ração, e a mais miseravel quantia para vestuario.

Era um descalabro geral.

Na grandiosa e Real Abadia de Santa Maria d'Alcobaça diminuia a concorrência dos noviços e, como consequencia, a dos monges professos. E a tão diminuto numero chegaram os monges d'Alcobaça que, — quando, já em tempo de Afonso VI — aqui se pretendia estabelecer um *Laus-perennis*, não havia monges que chegassem para esse acto de permanente culto.

A emigração continuava, e estes êxodos que traziam a diminuição de gentes, traziam tambem a diminuição das receitas abaciaes. Para que estas se mantivessem, a bem dos abades e da ganancia dos almoxarifes, aumentavam-se as violencias e as extorsões.

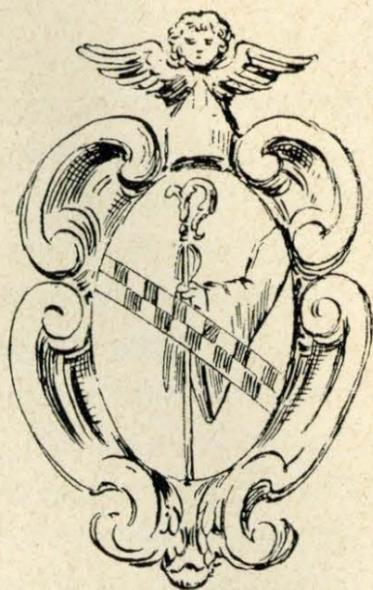
Era o circulo vicioso da mais desgraçada vida, um negro ceu onde não brilhava a estrela duma esperança. Este estado manteve-se inalteravel quasi dois seculos, e durou até 1640. A restauração de Portugal foi para os monges e para o povo d'Alcobaça o sol da mais risonha liberdade.

D. João IV deu ao mosteiro os seus abades monges, mas de eleição trienal, confirmou-lhe privilegios e regalias. O monge, emfim, administrava o que era seu, e procurava achar horisontes de progresso. A situação melhorou para os monges e para o povo, mas só muito tarde a população, escarmentada, se fixa nas terras dos coutos.

E' só no seculo XVIII que a população se adensa e progride.

Iniciavam-se, então, as grandes obras architectonicas do mosteiro: — levantavam-se as grandes fachadas, o claustro grande, a biblioteca, mudava-se o curso aos rios, faziam-se obras do maior dispendio e valor, para o que eram precisos centenas de operarios. Aos que vinham era garantido o mesmo foral dos primeiros seculos — a terra para cultivar. O operario, na sua maioria, estabelecia-se e fixava a sua residencia. Eram novos elementos de população.

A acção do grande marquez traz ás terras de Alcobaça os melhoramentos mais valiosos. Inicia os saneamen-



O BRAÇO DE S. BERNARDO QUE APARECEU A D. JOÃO I NA BATALHA DE ALJUBARROTA — AZULEJO DA SACRISTIA DO CONVENTO DE CÓS



FRADÉ BERNARDO

PSICOLOGIA RELIGIOSA

tos dos extensos apaulados de Alfeizarão, Famalicão, Valado e Maiorga, e este grande trabalho vem dar ás terras dos coutos vastas extensões de terrenos de primeira ordem, á volta das quais a população aumentava e as povoações floresciaam. Eram novos elementos de prosperidade que chegavam, e abençoada foi essa aura de paz e de trabalho, que se reflectiu em todos os coutos.

As grandes obras do mosteiro levaram-no a contraír dívidas enormes. Era o fausto monacal que devia ser arrancado ao suor do povo; e para que esse fausto subsistisse só havia aquela fonte de receita. Caía-se novamente no campo das expoliações e violencias. Era o circulo vicioso donde irradiava a dôr dos homens.

Depois da extinção dos monges o povo caminhou, mas era muito pesado o dominio de quasi sete séculos para que a sua alma pudesse fruir todos os horisontes de liberdade.

Compreende-se, pois, que um povo oprimido pela fôrma que se descreve não podia ter caprichos de imaginação. Para que a alma cante é preciso a paz e a felicidade intima. Para que ela possa crear é preciso que a deixem voar nos espaços infinitos e luminosos da liberdade.

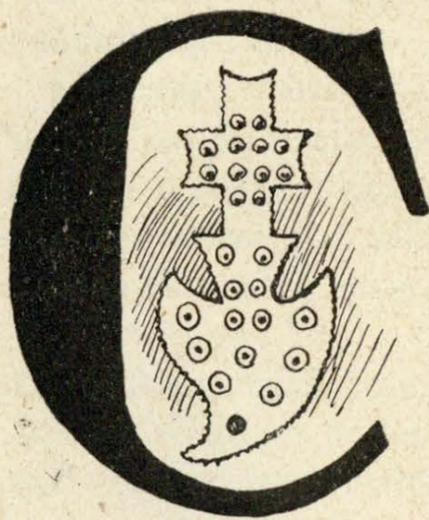
E o estado da alma de um povo é representado em toda a sua ethnica.

PSICOLOGIA RELIGIOSA

O pouco que Deus me deu
cabe numa mão fechada;
o pouco, com Deus, é muito
o muito, sem Deus, é nada.

Eu adoro a Deus no céu
e os Santos no seu altar
e o meu amor cá na terra;
não tenho mais que adorar.

POPULAR.



OMO todos os povos de aldeia, onde o requinte das civilisações não chegou, pertence o povo da minha terra aos descabros do fatalismo. Repete estas frases que lançam nos espiritos cultos nuvens de sombria tristeza: — *Será o que Deus quizer. — Tem de ser — E' fado que se ha-de correr*, sem procurar remediar um mal com um rasgo de energia.

E' certo que para esses espiritos onde não luz um nitido raciocinio, nem fusila a energia de uma vontade, representam essas frases uma consolação suprema. A vontade de Deus é a mais suprema das vontades.

Se lhes morre o filho querido, a esposa adorada ou a mãe estremecida, chora, sim, mas consola-se com a vontade de Deus: — *Deus levou-o — Quil-o para si — Não era deste mundo*. Essa preferencia de Deus pelas pessoas queridas é uma grande consolação para a alma. Depois, a outra vida, a vida do céu, que as religiões com tanto carinho, com tanta poesia, com tanta delicadeza crearam, essa existe com uma certeza indiscutivel. E' para lá, para essa vida sonho, que vão as almas queridas levadas pela ternura das nossas almas. E' lá que pedirão ao Supremo Senhor, que nos guie, que nos ampare e proteja.

Nas profundezas da sua crença reza a esse Deus Supremo, e, nas orações noturnas,

implora a todos os Santos da sua devoção — o pão de cada dia — o aumento dos rebanhos — o engrandecimento das ceáras. A Santo Antonio que lhe defenda e guarde os rebanhos, que o livre de *maus visinhos do pé da porta* — e de *quem bem lhe fala e mal lhe quere*. A S. Sebastião que o livre dos tres males: — a peste, a fome e a guerra, e aos santos da sua preferencia, da sua fé, que lhe dispensem a protecção nos casos em que eles são advogados no céu.

Foi uma interessante herança da mitologia antiga a multipla advocacia dos Santos. Cada um, como os velhos deuses e divindades, tem a sua especialidade protectôra e raro tem variado poder.

Santo Antonio é o modelo dos Santos porque é particularmente querido de Deus: — tem — desde as orações das raparigas que lhe pedem noivo até á oração da velha que lhe responsa o gado. Para Santo António o gracioso Santo que, com a maior galanteria, quebrava as bilhas ás raparigas que íam à fonte, ha casos de uma grande familiaridade. E' delicioso este caso ha pouco acontecido no Santuario de Alcobça. O guarda vae achar uma rapariga dando bofetadas no Santo.

— Que está fazendo, menina, porque bate em Santo Antonio?

A rapariga não responde e o guarda insiste:

— Diga, porque bate no Santinho?

Ela córa e responde muito confusa:

— Desculpe. Eu bati no Santo porque tenho muitas escandulas dêle. . .

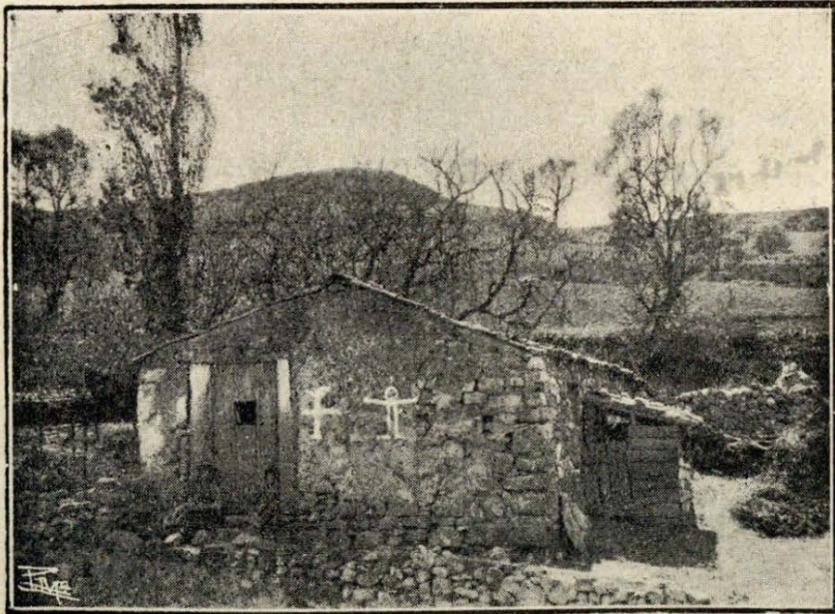
Era uma namorada infeliz. Outras escrevem-lhe cartas, fazem-lhe requerimentos; quando o Santo não defere dão-lhe um banho, e, quando isto não basta, quando o Santo se não comóve, atam-no a um cordel e deitam-no num poço. Santo Antonio é o Santo patricio, e para um patricio ha sempre a mais franca familiaridade.

Como representação da mitologia antiga, tem o povo, no seu lar, os proprios deuses, e até os amuletos catolicos: — a véla benta — a relíquia do santo — o pão do Espirito Santo — o vintem de Santo Antonio — etc. O seu oratorio é composto de *registos* — gravuras de santos — encaixilhados, formando os mais caprichosos e fantasticos paineis. A' volta deles prendem ramos de alfazema, alecrim e rosmaninho, que são plantas sagradas. Ao lado

a candeia de azeite, que, numa recolhida consagração, se enche para a iluminação noturna.

Aos seus santos fazem as promessas mais extranhas em casos de doença: — o pezo em trigo, o dinheiro dos bois, voltas de joelhos á volta da igreja, paineis explicando o milagre, dadas generosas, a mortalha, missas, sermões, festas, etc.

A iconografia mitologica greco-romana foi a origem da iconografia catolica, como aquela representava outras formas primordiais da prehistoria. A' pleiada dos deuses sucedeu a pleiada dos santos. Ha adorações variadissimas e em tudo se-



CASA DE CHIQUEDA, COM PINTURAS A CAL

PSICOLOGIA RELIGIOSA

melhantes: — S. Tiago — advogado dos guerreiros — representa Marte; Santa Suzana e Santo Antão — advogados do gado — representam Pan; Himineu — que presidia aos casamentos — está, por analogia representado em S. Gonçalo e Santo António; S. Tiago — advogado também das ceáras — é Ceres na mitologia; S. Jeronimo e Santa Barbara — por analogia representam os raios de Jupiter. Seria extensa a lista até terminar na Concordia donde N. S. da Paz nasceu.

A' simples crença abstrata sucedeu o simbolo que a concretizou e objectivou. E' a forma cronologica de todas as religiões e de todos os povos. A' mitologia greco-romana podemos chamar a religião em arte, e na arte e na poesia mais divina do mundo. Foi o periodo em que o espirito humano teve a mais creadora das energias, e os sonhos de maior encanto.

Foi a alma a falar e a mão a esculpir. Os mais belos versos que a humanidade tem articulado, pertencem á poesia das religiões. As grandes biblias da humanidade foram escritas pela fé e foi a fé quem levantou os mais belos monumentos do mundo. A historia da evolução religiosa, feita com arte, amor e carinho, daria o mais formoso de todos os livros, porque as religiões são os cantos mais sentidos e mais profundos da alma.

E' por tudo isto que, quando observamos qualquer manifestação de religiões extintas, o nosso espirito se sente arrastado por ela e voeja por essas longas eras passadas em busca da origem d'onde essa manifestação nasceu.

Foi o povo quem fez as biblias, foi da alma do povo que saíram as maiores delicadezas da crença. E' a alma — na mais nobre das liberdades — a pensar, a crear, a adorar. E' um ciclo que jámais se fechará, porque as creações que representam uma intensa vibração da alma, jámais se podem apagar, e a alma humana ha-de vibrar enquanto existir.

Foi a Grecia, foi Roma, foi mesmo o oriente quem deram ao mundo as notas de religião mais requintadas. Corresponde, inteiramente, nelas, a pureza da génese ao sublime da objectivação.

Essas mitologias foram modêlo e exemplar seguidos pela mitologia catolica. Tudo se corresponde, tudo se relaciona. Aos deuses manes e tutelares sucederam, como não podia deixar de ser, os santos da igreja. Ao paganismo foram-se buscar as advocações e o nome de cada Deus tutelar teve o seu correspondente no catolicismo.

Ao domínio da alma pertencem todas as crenças, todas as superstições, todos os amuletos, e todas essas fórmulas se acentuam e se definem desde as mais remotas edades. Essas maneiras religiosas primitivas foram-se fundindo, modificando e adaptando na sua significação, mas sem perderem a forma primitiva.



PSICOLOGIA RELIGIOSA

Esse evoluir de crenças quasi que se cristalisou no catolicismo, porque este, para imperar, absorveu e adoptou tudo o que a alma popular creára na sua peregrinação de muitos seculos.

Chega até nós a mais arcaica representação do triangulo da prehistoria, do triangulo que é a grafia, o simbolo de todas as trindades religiosas.

As antigas crenças encravaram-se no catolicismo como joias da mais suprema riqueza. Encravaram-se, é certo, mas nunca perderam o brilho e o valor que uns olhos curiosos e atentos sempre hão-de saber achar.

Os cultos mais estranhos ali se vieram agrupar: — o do sol está representado na irradiação do sacrario, na fôrma da hostia, na orientação das primitivas igrejas, e até nos resplendores e nos nimbos dos santos; o da lua, no crescente da Conceição; o das estrelas, que são a representação do céu, na ornamentação dos paramentos e alfaias, e até nos versiculos sagrados — *Stella matutina* — *Avé Maria Stella*. O culto do pão está no simbolismo da hostia; o sangue das imolações, no vinho — que na missa representa o sangue de Christo; o da arvore, no santo lenho; o das plantas, na videira que simbolisa a eucaristia, nas flores que ornamentam os altares, nas plantas que tapetam o pavimento da igreja, e até a mirra, o aloes e o benjoim que se queimava nos cortejos orientais para purificar o ar, por onde esses cortejos passariam, esses mesmos, e pelo mesmo motivo, se queimam nos templos catolicos e no trajecto das procissões. O culto das aguas está representado nas aguas do baptismo, nas pias das igrejas; o dos animais é vasto: — os simbolos dos evangelistas, a

serpente da Conceição, o *Agnus dei*, e até o dos peixes se acha no mais primitivo dos simbolos christãos.

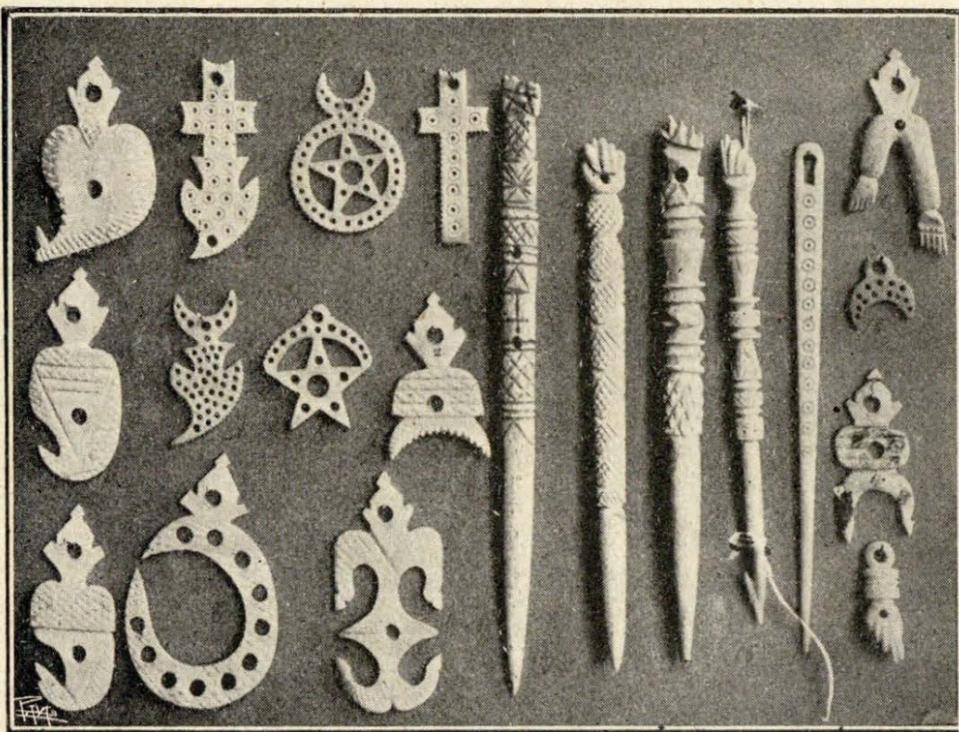
Mas onde tudo isto se definiu com a maior clareza, é no momento em que Christo nasce na Judéa: — os proprios animais ajoelham perante o pequenino Deus que acaba de nascer, e uma estrela guia, para ali, os reis mais poderosos da terra, e os mais humildes pastores. E todos trazem ofertas ao novo Deus como levavam aos deuses antigos.

Esta deliciosa criação que faz ajoelhar os animais, — os velhos deuses da mitologia popular — perante o Deus que acaba de

nascer, é uma maneira de os impôr ao espirito do crente; e a adoração dos reis mais poderosos e dos pastores mais humildes representava a submissão do mundo inteiro.

Sempre a lenda a par da religião. E assim deve ser, porque a religião e a lenda representam toda a vida espiritual dos povos.

O catolicismo depois da mais larga adaptação de crenças, tambem quiz inventar al-



GANCHOS DE MEIA E BICOS DE DESCAMISAR ONDE SE VÊEM DIVERSOS MOTIVOS SOBRE QUE INCIDE A SUPERSTIÇÃO POPULAR

guma coisa. Inventou as indulgencias para conquistar mais adeptos. As indulgencias eram a conta corrente com as virtudes dos santos. Havia santos que tinham virtudes em excesso, porque nem tantas eram precisas para terem o direito de gosar a divina protecção. A igreja fazia o seu balanço e, quando achava virtudes demasiadas, punha-as em leilão para os pecadores. Comprava-se assim o direito de entrar no céu.

Foi este escandalo papal que, fundamentalmente, fez nascer ideias de pureza religiosa, de que o luteranismo é um exemplo. Ainda hoje se adoram santos que tiveram virtudes tão excessivas que chegam para dar indulgencias a um numero infinito de pecadores.

As indulgencias foram um negocio, e ainda hoje se vê, em muitos registos de santos esta significativa inscriçao: — *100 dias de indulgencias* — isto é cem dias em que nenhuma especie de pecado é registado no céu.

Voltemos ao povo.

Uma das raras notas do culto das flores e dos frutos ainda hoje se pratica na nossa região serrana.

Na grande falda da montanha que limita toda a zona oriental das terras de Alcobaça, estendem-se, em grande esplanada, os mais vastos olivais. No dia da *Senhora das Candeias* — 2 de fevereiro — quando as oliveiras já esboçam promessas risonhas de flores, sae da capela da Ataija de Cima um sacerdote, com suas vestes sagradas, acompanhado de acolito e muito povo. Dirigem-se á montanha e sobem-n'a até que dominam todos os olivais adjacentes. Então o padre faz exorcismos e votos — *deita a bençam aos olivais*. Exorcismos para afugentar as doenças, votos para que a flor seja fecunda e a colheita abundante.

Nesse dia em que se celebra a bençam dos olivales, e por uma tradição cuja origem não atingimos, em todos as casas se fazem filhós. E' como que uma prece, um voto á patrona dos olivales, que se faz em toda a região serrana. *Quem não tem que fritar fritas folhinhas de oliveira*.

E' isto, certamente uma reminiscencia de Ceres, uma recordação de Flora ou de Pomona. Como é complexa e rica esta crença: — pede-se a bençam do céu para a oliveira, para que ela dê a luz que ha de alumiar o proprio Deus, porque o azeite que ela produz é o unico que pode arder nos lampadarios do mais rico lavor, como uma oração permanente dos homens. E' porque o azeite que ela produz é para o homem o sol das noites, é porque amacia as asperezas das hervas que ele ha de comer, e, emfim, porque é um mimo do céu que nem todos podem alcançar.

— Em Serro Ventoso ha um costume identico: — quando os milhos nascem sae d'ali uma procissão que se dirige ao Casal da Marinha — que dista dois quilometros — e durante todo o trajecto se lança a bençam ás sementeiras para que o *bicho* não corte o milho que nasceu.

— Na Maiorga faz-se identica procissão quando a lagarta ataca o milho já regularmente desenvolvido.

— A bençam do gado doente é muito vulgar. Pede-se para ele a protecção de Deus e dos santos patronos — S. Suzana e S. Antão, por meio do veículo sagrado — a agua benta.

— Em casos de doença prolongada vulgarmente se recorre á bençam, ao exorcismo e até as rezas supersticiosas.

— Em muitas casas, currais e objectos de trabalho pinta-se ou grava-se uma cruz para afugentar o diabo e todos os espiritos malignos; e o homem e a mulher benzem-se an-

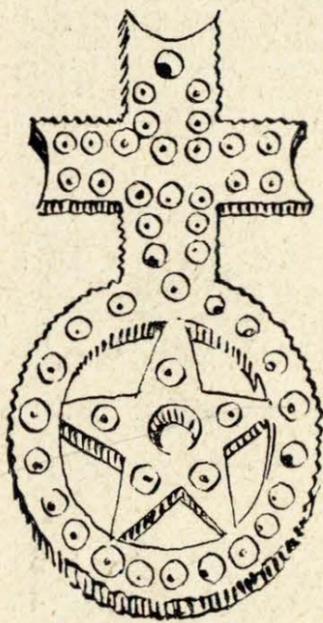
tes de começar muitas especies de trabalho. A cruz tem um poder supremo sobre os espiritos maus, assinala o logar onde, num caminho, um homem morreu, e, no caminho dos cemiterios, indica o ponto de descanso aos portadores do cadaver.

A tatuagem caiu em desuso, e só a achamos no povo da beira-mar — Nazaré e S. Martinho. A representação das cinco chagas, é a forma mais repetida, embora algumas vezes se represente a cruz e simbolos amorosos.

Ha, emfim na alma do povo da minha terra um grande predominio religioso. Compreende-se que seja assim. O homem culto tem a amparar-lhe e a fortificar-lhe o espirito mil teorias que as civilizações lhe legaram. O ignorante tem só a sua alma, a sua fé, e é nos infinitos da fé que ele deixa voar a sua alma, suscitada pelas estrelas do intangivel, pelos abismos do misterioso.

Não admira, pois, que na alma do povo existam todas as crenças que as mais vagas ou as mais nitidas religiões conservaram, e que ali fusilem na mais complicada das confusões, nas ligações mais inesperadas. O sobrenatural é o terror que oprime a alma do povo, e essa alma, numa pretendida defeza, guarda tudo quanto julga ter a virtude de se opôr aos malficios e á fatalidade. Não despresa detalhes.

A soma de todos os sobresaltos psicicos, de incidencia religiosa, representam a universalidade da sua fé. Em toda a parte pode estar o remedio para o seu mal, em muitas coisas pode estar a fonte do seu bem; e é por isso que ele por toda a parte procura, por toda a parte implora. E' assim que essa alma triste e dolorosa, numa hesitação que bem pinta o seu desanimo, se lança no mar vago da fé, e faz, pelo mesmo motivo, promessas ao seu Deus, rogos aos santos da sua devoção e consultas á mulher da virtude.



GANCHO DE MEIA
DE INTUIÇÃO RELIGIOSA

E' por esses motivos que ela põe ao pescoço dos filhinhos os mais extranhos simbolos catolicos e as numerosas peças de superstição e bruxaria. E' por esses motivos, ainda, que ela dependura da testa ou do pescoço dos animais as meias luas, as estrelas, o sino-saimão, as figas, as fitas de côres especiais, tudo o que, na sua crença, tem poder contra o que é mau. Acumula tudo o que tem poder contra o mau, o mau oculto, que não se sabe onde está, mas que existe e que de toda a parte nos pode surgir para nos ferir com a sua garra adunca.

E' uma psicologia cheia de riquezas a psicologia do povo.

A' volta das suas crenças vive toda a sua vida espiritual, porque só nelas vai achar o conforto e a consolação para todos os seus males, e a esperança, a esperança tão infinita e onde tanto a sua alma vive.

O proprio fatalismo é uma necessidade para ela, porque só o fatalismo, e nenhuma outra coisa, lhe dá a resignação para os trabalhos, o estoicismo para a desgraça, a coragem para os actos mais graves e mais solenes da sua vida. *Seja o que Deus quizer* — é, para a alma do povo, uma frase que é uma biblia. E ela encosta-se á vontade de Deus como á mais suprema e grandiosa protecção que o pode amparar.

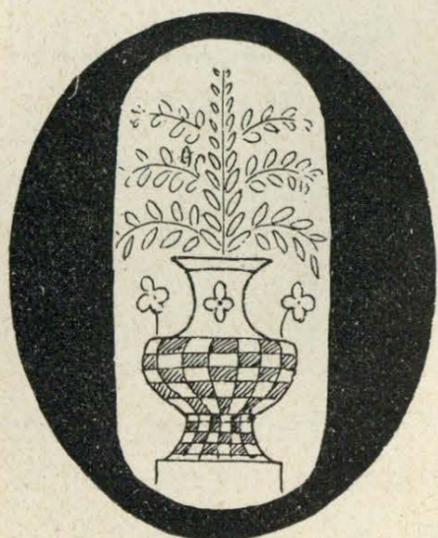
E' assim a grande alma popular de todo o povo, e o povo da minha terra, embora sacrificado ao dominio monacal, não podia abrir uma excepção ás leis evolucionais do mundo.

PSICOLOGIA DO AMOR

Quem tem amores não dorme,
quem os não tem adormece,
quem os tem ao longe, chora,
quem os tem ao pé, padece.

O amor quando se encontra
causa alegria, dá gosto,
sobresalta o coração,
faz subir a cor ao rosto.

POPULAR.



amor é a grande lei do infinito, porque no infinito ordena e atrai como um equilíbrio supremo. E' ele quem origina a gravitação das estrelas, quem define a rotação dos mundos. E' a grande lei da natureza que, no amor misterioso das coisas pelas coisas, se chama afinidade, atracção e gravidade.

E' dele que sae a luz do sol para nos aquecer e guiar, é ele quem dá a poesia ao luar, o sibilo á tempestade, o cantar ao vento; foi quem produziu os misterios da criação, quem dá a verdura á terra, a flor ás plantas, o fruto ás arvores, o perfume ás flores, o canto ás aves, a ternura ás feras.

E' por ele que as aves voam, que os insectos brilham, que as civilisações caminham, que o homem tem aspirações de riquezas e ancias de gloria. Dele nasceram todas as variações affectivas, tudo quanto faz vibrar a alma humana. Tem o poder da atracção universal e faz vibrar os cilios de uma flor. Tem a doçura da aragem e a violencia de um tufão. Alisa o pêlo eriçado das feras, leva as aves ao instinto creador dos ninhos, faz brilhar os insectos na negra escuridão da noite, como pequenas almas que se chamam. Para o amor todos os animaes se alindam, e até as plantas se toucam com a policromia das flores.

E' a ancia da beleza e da perfeição que se manifesta no capelo aberto e irisado das aves, nos requebros galanteadores dos animaes, nas musicas do sentimento, nos fulgores da poesia, nas garridices e encantos da mulher. E' o preparar de duas almas que se amam, que se enternecem, que se sentem tremer e vibrar para gosarem os prazeres infinitos da comunhão do amor.

E' ele que faz os poetas, e que produz todas as maravilhas e delicadezas da linguagem, e as mais belas manifestações de sentimento.

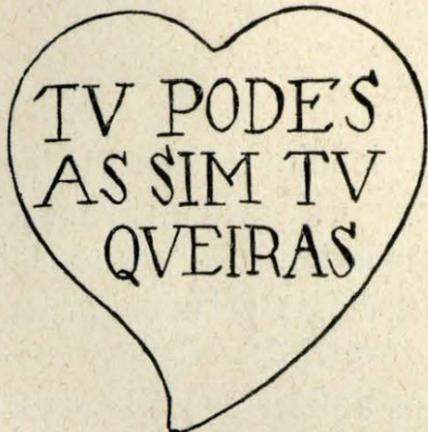
O Amor teve um culto profundo na alma antiga. Creou-se-lhe um politeismo especial e deram-se-lhe as mais divinas origens do paganismo. Sua mãe é Venus, que nascera da espuma das ondas, Venus que é o simbolo da perfeição. Marte, filho de Juno, a rainha dos deuses, e o deus da Força e da Vitoria — é o pae do Amor. Tem a mais nobre das ascendencias: — a beleza e a força.



PSICOLOGIA DO AMOR

Aparece em todas as mitologias como aparece em todos os corações.

Para o homem, para a mulher, que é onde o sentimento mais sublimado existe, é uma coisa áparte. Fal-os sorrir e chorar e, pelo mesmo motivo, dá á alma o goso e a dor. Surge como um desejo, existe como uma oração, prolonga-se como a expansão mais doce da alma.



GRAVURA EM MADREPEROLA

Ideal ou material, arrasta, subjuga, domina. Dá o goso infinito que eleva ou a dor profunda que mata.

Difunde-se, modela-se, adapta-se e liga-se a todas as manifestações afectivas, porque vão todas nele achar a sua fidalga origem.

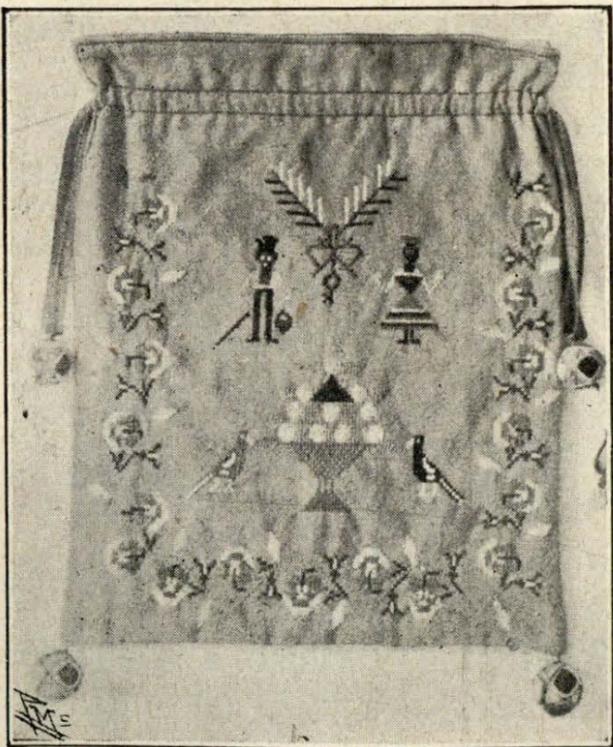
E' Christo morrendo no Calvario, é a alma de um sabio na resolução de um problema, é a mãe que chora, é a ave que canta, é a flor que se expande. E' um sonho e uma prece. E' um raio de luz a dissolver a escuridão da noite.

E' do dominio da alma, porque só ela vibra, só ela sente, só ela estremece, enquanto o corpo sofre um choque que dá lagrimas aos olhos, sorrisos aos labios, que fez estender os braços para que o coração sinta o objecto amado, e que, pela aresta dos labios, procura a consolação e a doçura de um beijo.

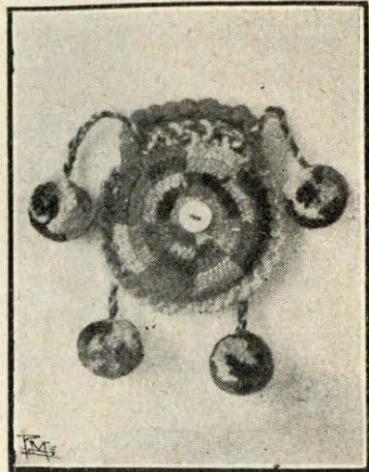
Se existe é para dominar as almas; não tem alternativas. E' doce como o mel e amargo como a dor. Domina o pensamento até chegar ás fantasias do sonho. E' uma esperança cheia de auroras, é uma desilusão triste como a escuridão da noite.

Estas leis que a alma do povo melhor do que outras entende, porque as sente mais profundamente, não podiam deixar de ter sobre ela a mais poderosa influencia. E tiveram-na.

A alma aldeã é dominada, como nos tempos medievaes, pelos ideaes da fé e do amor.



SACA DE FARNEL



BOLSA DE RELOGIO

Para a mulher a fé e o amor são as contas do seu rosario, os ideaes mais elevados da sua vida. Na ignorancia profunda das coisas precisa que a sua alma se absorva numa vida toda de sonho; e nesse idealismo deixa-a absorver, deixa-a cantar amando e adorando.

Para amar e para adorar canta. Canta sempre, ou no trabalho mais violento ou nas abstracções mais vagas. Deixa-se ir sonhando e cantando. E canta sempre, á lareira, no trabalho do campo, ao sol das eiras, nos lavores da costura mais delicada, lavando a roupa, guardando o gado. Os seus labios só sabem cantar o amor, e só os cantos d'amor fazem levantar a sua voz.

Quando é mãe canta ainda as cantigas do seu amor; do amor donde o seu filho nasceu. Já velha canta aos netinhos, embala-os recordando os tempos da sua mocidade, as saudades de um amor que se extinguiu e ainda pretende avivar, nas suas cinzas, reliquias que-

PSICOLOGIA DO AMOR

ridas da sua juventude. O netinho adormece, e ela fica-se ainda a cantar na doce poesia do seu sonho. E, quando acorda dele, deixa esboçar um palido sorriso de saudade, e volta-se para Deus, que é quem, agora, só lhe resta para amar e adorar.

O casamento para ela, é uma legitima aspiração, e representa, ao seu espirito, a segurança do futuro, isto é o seu amparo. Amparar uma rapariga é casal'a, e fazel'a entrar na constituição de uma nova familia, e essa palavra — amparo — é o sonho ardente do amor dos paes. A sua pobreza não tem que legar, e o marido é o pão, a protecção e o abrigo da filha estremeçada

Como é pobre bem cedo começa a trabalhar na previdencia do seu enxoval, a pouco e pouco, com o producto do seu trabalho, e com o auxilio da mãe e das amigas. E vae sempre trabalhando na esperança de uma coisa que ha-de realisar-se um dia; e vae accumulando no cantinho da sua arca as peças mais interessantes do seu bragal. Faz as roupas brancas, os entremeios e bicos para a ponta das toalhas, d'aquelas toalhas que servirão um dia para enxugar o corpinho de um filho que ha-de nascer, ou para limpar o rosto trigueiro do marido, aos domingos ou nos dias de festa.

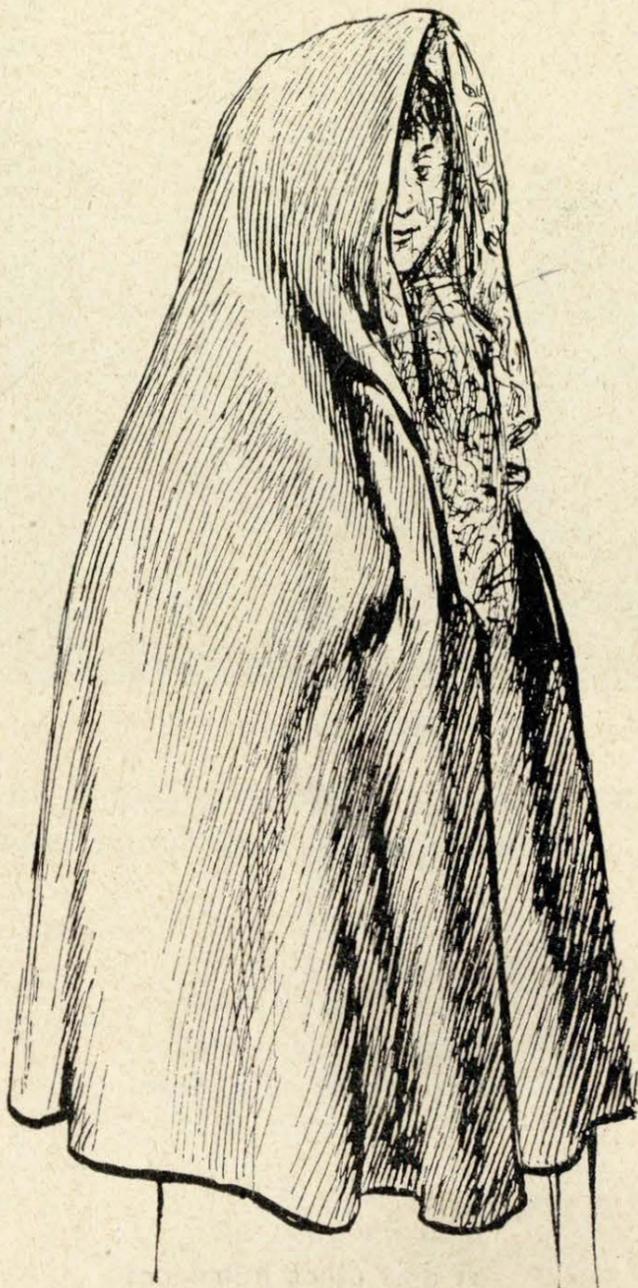
Depois faz rendinhas mais estreitas para as suas camisas, para a fimbria das suas saias, e outras, muitas outras, na fé intima de que hão-de enfeitar o fato dos filhinhos que hão-de nascer.

E ella sonha sempre. Sonha com um marido que ha-de vir, que não sabe onde está, mas que existe como uma realidade. Sonha e espera, e vae ordenando uma casa que, por muito tempo só existirá na poesia da sua esperança.

E assim embalada, só d'amor podiam ser os motivos do seu cantar. E que formosissimas coisas que ela diz nas suas cantigas, que são flores silvestres cheias de perfume e de côr. Faz então a eleição dos rapazes que lhe poderiam convir, e, dessa eleição, apura aquele a quem o seu coração se inclina.

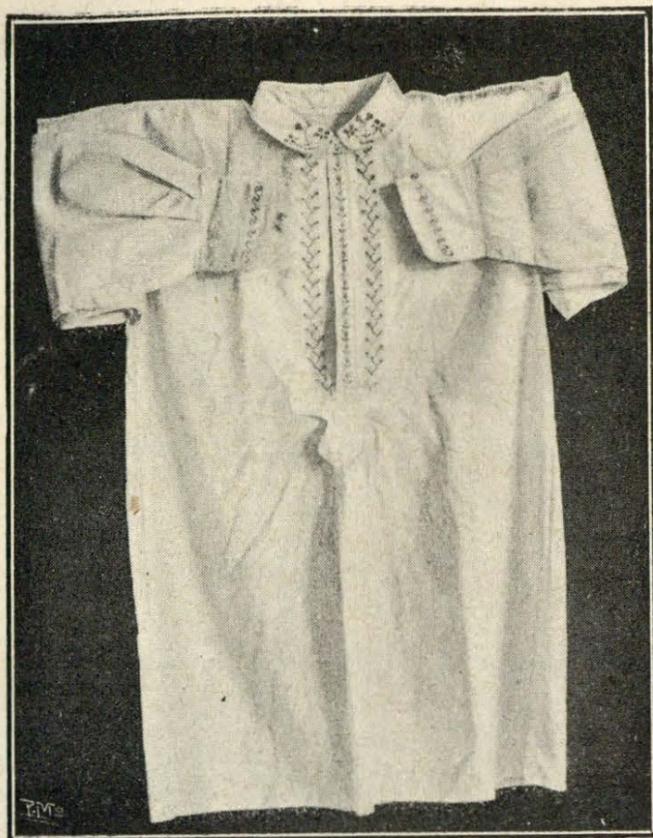
Nas durezas do trabalho tambem, para o rapaz, fulge a poesia do amor. Carece de companheira e independencia. Faz a eleição da sua noiva e o namoro começa. Anos depois se fará o casamento, porque muito tempo leva a grangear o dinheiro para fazer as casas e para comprar o recheio.

Do suor do seu corpo e do vigor do seu braço ha-de sair o seu ninho d'amor. Espera as sortes do serviço militar, e vae accumulando pouco a pouco o seu peculio. Se os paes não dão terras, vae escclhendo o logar onde ha-de fazer a casinha, e como



CAPA OU BIÔCO DE CASAMENTO — TURQUEL





CAMISA DE NOIVADO

ha-de organizar o quintal. A doçura dessa esperança anima-o, enche-o de coragem e dá-lhe energia e vigor.

Trocam-se as prendas mais interessantes. Ela borda-lhe os lenços, faz-lhe a bolsa para o relógio, a saca para o farnel, e, já próximo do casamento, borda a capricho a camisa que ele ha-de levar ao noivado.

Nascem nos bailes os amores da aldeia, porque os bailes são, ali, a alegria da mocidade. Ali se cantam as declarações mais delicadas, se dizem as maiores finezas, se jogam as maiores ironias, se amordaçam as maiores saudades, e se deixam, até, aflorar vaidades. E' o poema da vida que brota daqueles lábios comovidos.

São versículos da bíblia sagrada do amor, no mesmo precioso estilo comparativo de todas as bíblias religiosas.

Vejamos como essa alma canta; e ela vae

cantar aqui, na sua simbologia aldeã, coisas que ninguém como ela sabe dizer e sentir. E assim diz nas cantigas d'amôr:

Eu subi á oliveira
cinco folhas apanhei;
foram os cinco sentidos
que por ti, amôr, deitei.

Já vi hoje, já vi hoje
mais me valia não vêr;
vi dois olhos numa cara
que me fazem padecer.

Já não ha nem pode haver,
debaixo do Sol nascido,
dois corações tão leaes
como o meu para contigo.

O luar da meia noite
demora mais uma hora;
deixa dormir o meu bem
que se deitou mesmo agora.

Eu gosto do teu cantar
o teu cantar me regala,
regala-me estar ouvindo
requebros da tua fala.

Eu quero subir ao alto
que eu do alto vejo bem;
quero vêr se o meu amor
dá falas a mais alguém.

A açucena com o pé n'agua
póde estar quarenta dias;
eu sem ti nem uma hora,
quanto mais noites e dias.

Alevanta-me esses olhos
debaixo dessas pestanas;
que eu quero bem conhecer
as luzes com que me enganas.

O sol posto quer encontro
e eu morro por te encontrar;
tu morres só por me vêr
eu morro por te falar.

A folha da oliveira
deitada no lume estala
assim é meu coração
quando contigo não fala.

PSICOLOGIA DO AMOR

Se mil corações tivesse
com eles te armaria
mil vidas que Deus me desse
em ti as empregaria.

Vae-te carta, vae-te carta
por entre o céu e o mar
não demores no caminho
que alegria vaes levar.

Como são sentidas as saudades:

Eu hei-de-me ir ao comboio;
hei-de arrazal-o com ais
já que não traz meu amor
assim como traz os mais.

As ondas do mar são brancas
por dentro são amarelas;
coitadinho de quem tem
seu amor no meio delas.

Eu hei-de mandar fazer
uma varanda no mar,
para vêr o meu amôr
no Brasil a passear.

O meu amôr, coitadinho
coitadinho adoeceu;
faltaram-lhe os meus carinhos
não pôde vivêr, morreu.

Da minha janela eu reso
à Senhora das Areias
que dê saude ao meu bem
que anda por terras alheias.

Quem disser que a vida acaba
digo-lhe eu que nunca amou;
quem deixou ficar saudades
nunca a vida abandonou.

Dizem que o chorar consola
eu chorar não chorarei;
que assim perdia as saudades
a que já me acostumei.

Eu dei um ai sobre os montes
responderam-me as montanhas;
ai de mim que já não posso
sofrer ausencias tamanhas.

As tristezas canta-as assim:

Se eu soubesse que voando
alcançava o que desejo,
mandava fazer as azas
que as penas são de sobejo.

Eu corri o mar á roda
com uma vela branca aceza;
em todo o mar achei fundo
só em ti pouca firmeza.

Alegria, se a tenho
deu-ma Deus de condição
e não é por me faltarem
tristezas ao coração.

Se os passarinhos vendessem
as penas que Deus lhes deu
tambem eu vendia as minhas,
ninguem as tem mais do que eu.

Se eu soubesse quem tu eras
ou quem tu vinhas a ser,
mandava vir da botica
remedio para morrer.

Uma pobre rapariga
em tudo é desgraçada —
só por amar e querer bem
já é doida variada.

As ironías:

O rosa tu não consintas
que o cravo te ponha a mão
uma roza enxovalhada
já não tem aceitação.

Eu subi ao altar mór
acendi velas ao trôno
bem tolo é quem se mata
por amôres que já teem dono.

PSICOLOGIA SOCIAL

Eu já vi trigo, retrigo,
misturado com tremez;
eu já vi amôres ausentes
chegadinhos outra vez.

O meu amôr, de brioso
não quer que eu fale a ninguém;
mas eu falo a quem me fala
faça ele, assim, também.

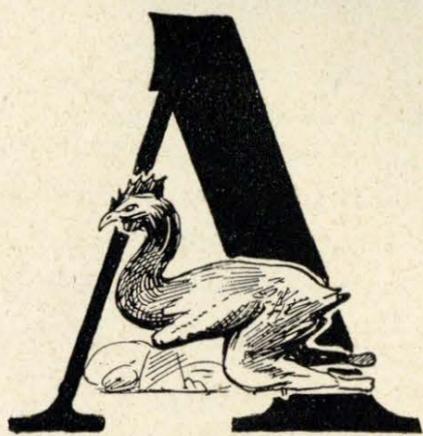
Por cima se ceifa o trigo
por baixo fica o restolho
menina não te namores
de rapaz que pisca o olho.

Coração que a dois namora
que firmeza pode ter?
só se fôr coração de homem,
de mulher não póde ser.

PSICOLOGIA SOCIAL

Eu hei-de casar este ano
que é ano de muito milho
minha sogra dá-me um moio
mais o maroto do filho.

POPULAR.



o lado da poesia das crenças e da sublimidade do amor, ha encantos e delicadezas de socorro social. E não são vulgares essas fórmulas. Ha carinho nos cumprimentos e votos, e muito de bondade nesses singelos dizeres.

O cumprimento da manhã — *Deus te salve* ou *Deus te guarde*, a saudação ao que trabalha — *Deus te ajude*, ao que se encontra no caminho — *Vae com Deus* ou *Deus te acompanhe*, o desejo a quem está comendo — *que te faça muito bom proveito*, a despedida noturna — *boas noites nos dê Deus*, e, por fim, o voto ás creancinhas e aos pequenos animais — *bons olhos te vejam e os maus quebrados sejam*, e ainda o voto geral — *Deus te dê o que desejas*, tudo isto representa muito de carinhoso e affectivo.

E' a alma a pedir para todos a protecção do ceu e a companhia de Deus. São quasi os cumprimentos de uma comunidade religiosa; são votos e bençãos adoraveis de ingenuidade e de amor. São uma bençã que sai da alma como uma oração ao céu, como um desejo do bem.

A esta forma social corresponde o socorro social bem entendido e nas mais diversas manifestações.

Se a algum visinho falhou uma das sementeiras, ou o mal lhe levou alguma das novidades, lá vão muitos socorrel-o, levar-lhe a oferta que o compense do que perdeu: — as abadas de legumes, os cestos de batatas, os cabazes de fruta, saquinhos de pão, saídas de couves, a cabaça do vinho, a almotolia do azeite, etc. Não esquece o *jantar de carne* — o raro mimo — em dias de festa, e até fóra deles, áquele que não matou porco, e que é, assim, fartamente socorrido. *Quando Deus dá é para todos*.

Para os doentes ha quasi uma liturgia. Ha o socorro da alma e o socorro do corpo — a palavra de consolação e o mimo da oferta. Tratar dos doentes e consolar os tristes são obras de misericórdia que Deus e a alma manda que se cumpram.

Ao doente pobre ou rico *faz-se a visita*. *Fazer a visita* é levar-lhe alguma coisa de bom; e levam-lhe galinhas, frangos, arroz, manteiga, mel, ovos, assucar, pão alvo e bolos. O doente pobre, especialmente, é vastamente socorrido na região serrana, e nas visitas, repetem-se sempre os mais ricos artigos de alimentação. São os mimos mais delicados que se reservam para os doentes.

Se é o chefe da casa que adoece, reúnem-se os vizinhos e fazem-lhe o amanho das terras. Se algum dos chefes falta e ficam filhos pequenos, os mais caridosos tomam conta dos filhinhos que ficaram, levam-nos para sua casa, e tratam-nos como seus próprios filhos.

Se a mãe faltou o leite para alimentar o filhinho, não faltam mulheres que venham oferecer o seu seio á creancinha e dar-lhe a *esmola do leite*, pela qual nunca se deve receber recompensa, porque é alimentar um anjinho.

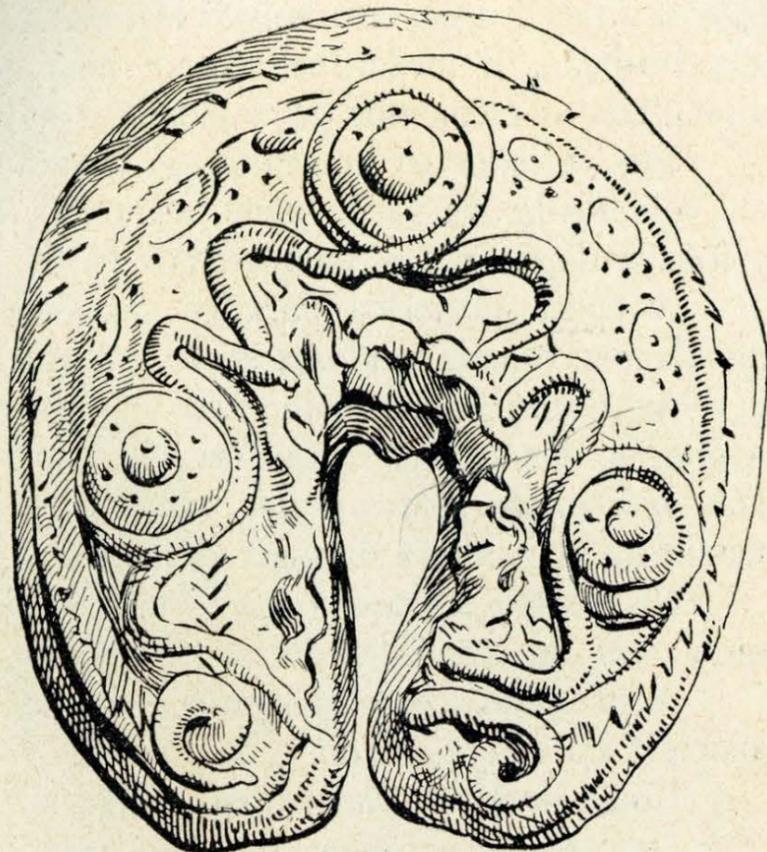
Para a mulher grávida ha um profundo respeito. Os *desejos* próprios da gravidez e que, em certas mulheres, tomam quasi um caracter de loucura, satisfazem-se religiosamente, para que, o que vae nascer, *venha são e escorreito*. Depois, durante os quarenta dias que dura o regimento da parturiente, é preciso *fazer-lhe a visita*: — leva-se-lhe chocolate, chá, café, assucar, galinhas, e pão alvo. As vizinhas mais proximas substituem-na nos labores domesticos.

Ao recém-nascido levam-se as benções e os votos: — *Benza-te Deus, bons olhos te vejam — Deus te faça um homem*, e para a rapariga ha este delicioso voto que é uma carinhosa oração: — *Deus te fade bem*.

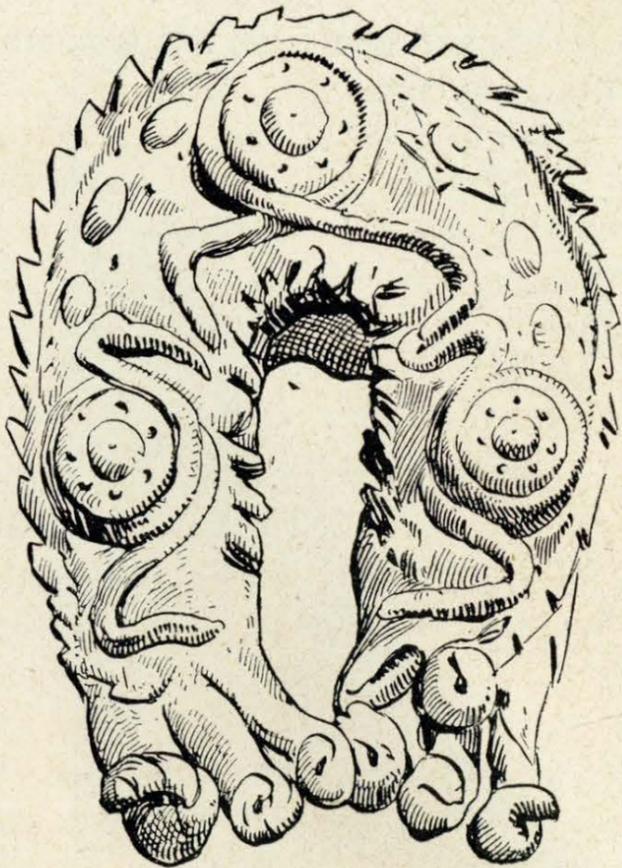
Ao *irmãosinho* — o mendigo — dá-se a *esmola do pão*, o calor da lareira e o agasalho da noite; e quando se não se lhe pôde dar a *esmola*, dá-se-lhe o *perdão*: — *Deus lhe perdoe — Deus o remedeie*, isto é Deus perdoe os seus pecados e dê remedio ao seu mal, ou o favoreça com o seu perdão. *Dar o perdão* — e que linda frase que ela é: — é dar o perdão de Deus quando se não pode dar o objectivo da *esmola*. Dá-se-lhe então a *esmola da alma* naquele voto, naquela prece.

Bemditas sejam estas fórmulas.

Outro caso de muito interesse são as *fogaças* do noivado. *Dar a fogaça* — é dar ou levar aos noivos no dia do seu casamento ou no domingo immediato — *domingo das visitas* — o seu presente de noivado. E o



BOLO DOS NOIVOS



BOLO DOS NOIVOS

levar a fogaça é dar aos noivos alguma coisa, é cumprir um dever imposto pelo costume e pela tradição. E levam-lhe sempre uma nota de auxilio, de providencia, que vai dar aos noivos bastos elementos de economia domestica.

São variados os presentes de noivado: — uma ovelha, um lenço, um alqueire de pão, um vélo de lã, varas de pano, saquinhos de legumes, azeite, mel, dinheiro, galinhas, etc. A fogaça dominante é o alqueire de pão, e a oferta de dinheiro.

A epoca preferida para os casamentos é depois da realização as colheitas. Ha mais abundancia, e mais rendosas serão as fogaças e mais rica será a festa.

As *ajudas* de trabalho são vulgares. Representam o mesmo auxilio no labor das sementeiras, das sachas, das ceifas e até no variado trabalho das eiras. *Andamos neste mundo para nos ajudarmos uns aos outros* — é a frase que sae da boca do povo como um compendio da mais alta e da mais sã filosofia.

Na região serrana organisam-se para a doença, rudimentares sociedades de soccoro mutuo, em que as visitas do medico são pagas pelos associados.

A gratidão, como elemento afectivo, não subsiste em toda a sua inteireza. Ou existe completa ou apaga-se com a oferta de um presente, em que se vê a paga do favor recebido.

Como nota do primeiro caso citaremos um factio pessoal muito curioso: —

Um velhinho a quem fizemos certos favores, veiu um dia visitar-nos. Trazia-nos um presente.

— Meu menino — foi assim que sempre nos tratou — venho trazer-lhe um presente de que deve gostar muito.

— O que me traz então, bom amigo?

— Hontem na serra matei uma vibora. Trago-lhe a cabeça dela. Dizem que dá ventura e eu quero que o menino seja venturoso.

O velhinho tinha filhos e netos, mas o talisman foi guardado para mim.

Era a suprema nota de gratidão.

Fóra destes casos, fica o egoismo feroz da aldeia, o egoismo que é um dos lamentaveis attributos da humanidade e, até, infelizmente da humanidade culta.



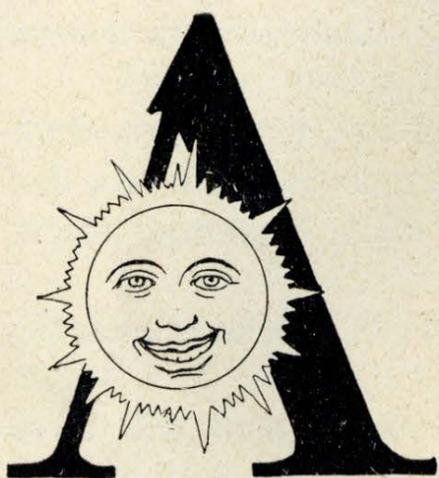
VELHO TRAJO DA REGIÃO SERRANA (1850)
(Aguarela de Alberto Sousa)

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

O SOL

O sol é que alegra a terra
pela manhã ao nascer,
eu bem sei quem anda triste
e fica alegre em te ver.

POPULAR.



grande maioria das crenças e superstições são comuns a todos os povos. Infiltraram-se com o decorrer dos seculos, transportaram-se e tomaram definitivo logar na alma humana. Largamente se acham já registados os casos mais variados de crença e por isso só aqui referimos aqueles que mais impressionaram o nosso espirito.

São casos de um resto do culto do sol e da lua, que, como muitos outros, se esclarecem na velha mitologia, embora se deixem perder nos misterios da prehistoria.

E' vulgar na ornamentação popular a representação dos dois grandes astros — o sol e a lua — e ainda as estrelas, que alem de constituirem, pela fórmula, um belo elemento decorativo, são especial objecto de crença.

O crescente, a estrela, e ainda mais raramente a representação do sol, pendem do pescoço das creanças e da testa dos animaes á mistura com outros simbolos da mais variada e vasta significação e poder e ali se misturam na confusão mais inesperada.

E tão viva é a revivencia da astrolatria que, ainda hoje, na região serrana, vamos achar claros vestigios do culto solar.

Em nenhuma parte será mais belo o nascer do sol do que na zona oriental d'Alcobaça. Tem muito de espectacular e sugestivo. Não é como n'outras partes, nascendo ao longe, indiferentemente, sem predilecção, sem alma, sem grandeza.

O sol e a lua, aqui, parece nascerem para nós, com a suprema grandeza de uma bençã de luz que o ceu só para nós envia.

Uma elevada e extensa montanha de jurassico eleva-se e recorta-se junto de nós com a doçura e suavidade de uma onda, e para nós fecha toda a vastidão do mundo. E' por detraz dessa montanha que a alvorada se esboça como um sonho, que a luz avança e se estende como onda de alegria. E, depois, sobre a aresta viva da montanha, desenha-se a primeira aresta do sol nascente. O sol sobe, sobe, vitorioso, dominador, fulgente, grande como o rei dos deuses.

E' um deus que parece nascer só para nós, para nos aquecer, para nos alegrar, para nos consolar, para entrar no nosso convivio numa fraternidade sonhada. E eleva-se no espaço, sósinho, grandioso, sem nada que o ampare, sem nada que o guie, sempre poderoso e belo a beijar-nos com a sua luz.

E' o maior dos deuses porque nem a sua imagem se pode contemplar. Se olhamos para ele perturba a nossa vista, e deixa ficar no nosso cerebro a visão da sua imagem apagada.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

A nossa alma compreende, sente e aceita a adoração do sol. A sua grandeza, o seu brilho, a sua luz, são conjugações de um poder supremo. De noite tudo é negro; e é a luz do sol que traz a alegria das coisas, é da sua luz bemdita que nascem as cores que nos comovem, que nos educam, que nos sensibilizam.

O sol é a alegria da terra. De noite só a lua vive na natureza inteira. Parece tudo caído na triste escuridão da morte.

Quando a alvorada anuncia a aparição do grande deus, a natureza acorda. As aves cantam, os animaes movem-se, só as feras se ocultam no sombrio das cavernas. As plantas vestem o manto alegre dos verdes e tomam o aspecto risonho da vida; as flores sorriem no seu hino delicioso de côr; as pedras tomam as tonalidades que tornam belas as paisagens das montanhas e até o ceu veste o azul rutilante da sua profundidade para melhor deixar brilhar a luz radiante do sol.

A côr é o simbolo da vida e morre com a luz do sol. Apaga-se nas trevas da noite para renascer com os fulgores da alvorada. A luz, ao nascer, vae beijar a aresta viva das montanhas, e por elas desce, suavemente, brandamente, como um longo e amoroso afago, até que as inunda de carinho.

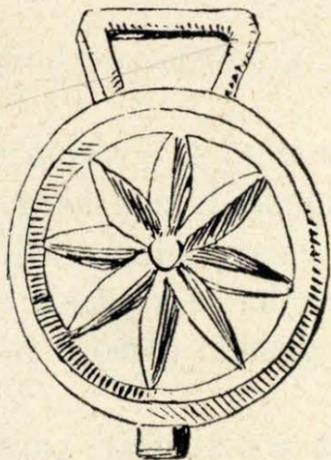
Quando o sol tomba para o horisonte, a sua luz sobe, lentamente, pelas montanhas até lhe deixar o beijo do adeus nas suas mais altas culminancias.

E' a luz do sol que faz as côres que são as sinfonias e os poemas amorosos da terra e das coisas.

E o homem não podia deixar de adorar o sol que era a vida e a luz.

Foi o sol quem, ao produzir a sombra creou a alma, porque o nosso ser foi duplicado com a sua luz. Ele fez a sombra que nos acompanha, que não se separa de nós, que faz parte do nosso ser, porque o nosso ser a produz.

O homem viu essa sombra, observou-a, estudou-a, pretendeu explical-a. A sombra era do corpo; vinha dele porque era dele, e só ele a produzia. Era dele e não era ele. Era alguma coisa que o acompanhava, que o seguia, que lhe era inseparavel. E então explicou assim: — era o espirito do corpo, era o que nele mandava e sentia. Foi deste raciocinio que a alma nasceu.



ESTILISAÇÃO DO SOL

Não ha corpo sem alma, porque não ha corpo sem sombra; e a sombra foi julgada a alma das coisas.

Foi o sol que, ao dar a alma, deu tudo quanto em nós vive, sente, ama e odeia. Se a luz falta, a sombra extingue-se e a alma foje. Só o sol a pode fazer voltar.

Ao crear a alma das coisas fez o homem a primeira biblia d'amor e de crenças. Dessa dualidade infinitamente grande nasceu tudo o que nos faz amar, tudo o que nos faz sentir. Nasceu a criação do bem, nasceu a criação do céu, porque foi para a alma que o céu se creou.

Mas não era só esta forma subjectiva que punha em vibração o sentimento humano; era muito mais.

O sol trazia-lhe o descanso do espirito depois de uma noite de trevas, o calor ao corpo depois das gélidas nevadas, mostrava-lhe o caminho perdido na hediondez da noite, dissipava as alucinações e as visões mais dolorosas. Por tudo isto não podia, aquele poderoso astro, deixar de lançar na alma do homem as mais fundas comoções.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

E como todas as religiões, todos os cultos, todas as crenças nasceram de um estado de vibração da alma — do sol fez-se um deus. E foi um deus para todo o mundo com a grandeza e sumptuosidade de Apolo. Foi um deus para os homens, um deus para os animaes, um deus para toda a criação.

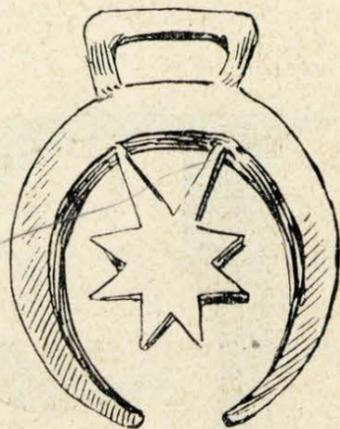
Os homens adoraram-no, as aves saudaram-no, os animaes amaram o consolo do seu calor, e as plantas voltaram para ele a delicadeza das suas gémulas e para ele elevaram a preciosidade das suas flores.

Não admira, pois, que no espirito do homem essa fôrma resistisse atravez de longos milénios e chegasse até nós; e que, sem se apagar, se fosse encravando e fulgindo, sempre, em todas as crenças posteriores e nas religiões mais complexas.

Resistiu, modificou-se, adaptou-se, mas ficou sempre, como na nossa alma ficam saudades vagas que não se extinguem.

E' na região serrana que nós vamos achar o resto desse culto, embora fundido no subjectivismo catolico.

Quando ele aponta na aresta viva da montanha, os homens descobrem-se e rezam. Rezam o quê? Orações ao sol? Rezam, mas rezam uma linguagem, uma oração com que o catolicismo pretendeu apagar o velho culto. E que linda que é essa oração! E como o homem a faz grande, articulando-a vagarosamente, num crescente de voz que comove e a faz sentir:



Bem dita seja a luz do dia
bem dito seja o Sol que a cria
bem dito seja o filho da Virgem Maria
a quem eu me ofereço neste dia.
Em sua honra e louvor
Padre nosso e Avé-Maria.

ou então

Bem dita seja a luz do dia,
bem dito seja quem a cria, etc.

Como são belos e sentidos aqueles versos da deliciosa oração:

Bem dita seja a luz do dia
bem dito seja o Sol que a cria.

Ha neles a unção mais profunda da crença. Vibra a alma e a linguagem como numa prece ardente para que o sol a escute e entenda.

E' sempre a aspiração da alma para as profundezas do céu. E' sempre a alma a fugir das cruzezas da terra para o ignoto, para o infinito, para a região da felicidade.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

A LUA

O sol prometeu á lua
uma fita de mil côres;
quando o sol promete á lua
que fará quem tem amores.

POPULAR.



PARA cada incidencia de culto procurou o homem as mais altas razões espirituais. E' por isso que em todas as crenças, embora aparentemente grosseiras, existe um grande fundo de delicadeza. Representam um trabalho de espirito, de uma subtileza grande, uma aspiração realisada, a riqueza de uma criação que surgiu e viveu com a consolação e a esperança.

Assim deve ter acontecido no tão extenso culto lunar. Achamol-o representado em amuletos, e, ainda com intensão reservada, na ornamentação popular e objectos de trabalho.

O culto da lua deve ter nascido no espirito do homem primitivo em momentos de grande comoção, e deve ter-se acentuado e definido pelas observações mais longas, pelas atribuições mais exageradas.

Se a lua, para o homem de hoje, ainda tem encantos e misterios, muito bem deveremos julgar que muitos mais teria para o homem primitivo, em cujo cerebro começou a scintillar a luz do raciocinio e talvez a poesia da vida.

A lua impressionava sempre: — ou na solidão da noite entre o seu misterioso cortejo de estrelas, ou de dia, seguindo ou precedendo o sol, como branca escrava que segue ou precede o seu senhor. De dia imagem apagada que corre pela vastidão do céu; de noite fulgindo, iluminando, dando aos homens e ás coisas os mais fantasticos aspectos, tornando tudo misterioso e vago, creando no espirito as visões e alucinações que provocam as coisas que se não vêem claramente, e de onde o medo resulta.

Era ela quem presidia aos misterios da noite. Era uma ronda de luz que pelo céu vagueava, aparecendo, desaparecendo, mudando de aspecto e de fórma. A aresta de luz que dava o fio curvo do seu crescente era a alegria dos homens. Era a lua que renascia com as suas promessas de luz. E esse crescente, que era uma esperança, que foi sempre o simbolo preferido para fazer a sua representação, era tambem a sua fórma mais bela.

A lua é a mãe da astronomia. Os homens contaram por ela, e fizeram a cronologia; quizeram por ela ler no futuro, e a astrologia nasceu.

Fóra de todas aquelas fórmas outras havia para impressionar profundamente o espirito humano: — a noite era o periodo do sono e de descanso, mas era tambem a propicia ocasião dos perigos. De noite dormia-se no agasalho das grutas ou sob o abrigo das rochas, e era dormindo que se sonhava. O sono era o descanso, e o sonhar era viver uma outra vida, longe das tristes e dolorosas realidades do mundo. No sonho vivia-se muitas vezes num mundo que não existia; viam-se coisas que nunca se tinham visto; vencia-se porque, no sonho, sempre se é vencedor; viam-se os amigos ausentes, as regiões mais belas, e até, no sonho, os mortos reviviam e voltavam ao dôce convívio dos vivos.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

A noite era também a chamadora dos perigos. Perdia-se o trilho que conduzia á gruta, onde o corpo se abrigava, era a noite que trazia, com mais frequencia, o ataque das feras, era de noite que elas vinham fazer as rondas sinistras ás miseraveis habitações do homem, que elas vibravam, nos seus uívos, ameaças que faziam temer os mais ousados.

O som, o vento, a tempestade, avolumava-os a noite. O vento dobrava as arvores, rasgava-lhes num acesso de loucura, as braços mais vigorosas, e, como um espirito poderoso e máu, arrancava-as, esfacelava-as; e fazia tudo isto assobiando, uivando o seu hino de ameaça. O som do trovão ecoava pelas montanhas, profundo e tétrico como a violencia de um odio. Era a tormenta da natureza, fazendo-se adorar por quem a temia, e que, no tremor de um assombro, dela fazia um deus, o deus da vingança.

Nas noites serenas, sem aragem, que só podem ser compreendidas pelo que vive no isolamento da montanha, havia os doces misterios do amor e do silencio. Era a quietação universal serena como a paz doce do amor. Era como que uma paragem subita da natureza, um escutar infinito do ignoto.

E era ao dominio da lua que tudo isto pertencia, porque ela era a deusa da noite.

E' nas noites sem lua que a tormenta ruga mais forte, que se avolumam, com mais intensidade, os misterios do terror, que aumentam, violentamente, os tremores convulsivos do medo. E então evoca-se a lua, chama-se, roga-se que venha, implora-se que volte com a sua luz divina e que faça parar a tormenta. E' uma préce ardente da alma, é uma oração fremente de amor, uma ancia donde nasceu a sublime criação da fé.

E, então, quando, depois de o sol se esconder no horisonte, se desenha no céu o gracioso fio curvo do seu crescente, os homens ajoelham e a sua alma reza orações cheias de carinho e de esperança, de esperança de uma nova luz. E o crescente vai aumentando a sua luz, com a imponencia de um deus que se sente adorado; e os homens adoram esse crescente como um deus que os vae salvar.

Mas para que uma coisa tivesse poder — aos olhos do homem primitivo — era preciso que tivesse uma vontade como a do homem, era preciso que nessa coisa existisse o amor e o odio, o medo e a vingança.

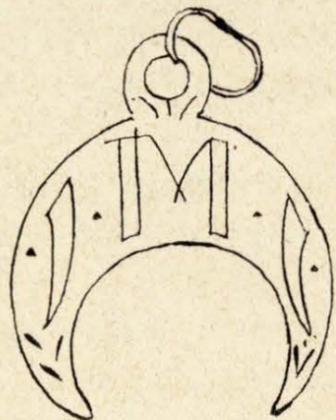
A isto se chama — antropismo — e dele foi que nasceu a mais vasta pluralidade de cultos.

A' lua, como a todos os objectos de culto, se deram todas as maneiras de sentir, todas as virtudes e todos os defeitos da alma humana. O deus em tudo devia ser semelhante ao homem; só deste se extremava pelos seus occultos poderes.

Foi assim que nasceram os votos e as preces, as promessas mais vastas e as oferendas mais generosas.

E á lua deu-se uma vontade para explicar o seu variado e intenso poder. Homificava-se a lua, sem o que ela não podia fazer a sua tão vasta absorção do poder, nem podia estender a sua acção ás grandes e ás pequenas coisas, influir nos destinos e dominar, emfim.

O homem atribue á noite as suas dôres, os seus males, que por acaso se agravavam com as fases da lua; e, como a doença e a dôr eram productos do mal, do mal que vinha da noite, cujos horrores a lua afugentava, o homem chamou a lua, e implorou-lhe a saude, o bem, a protecção contra o mal. Chamou-a para si, gravou a ima-



CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

gem dela como um simbolismo de força e de poder — creou assim o amuleto que o defendia do mal.

Foi mais longe: — creou a primeira sciencia — a astrologia quando explicou a acção que ela tinha sobre a vinda e duração das chuvas, e a sua acção benefica sobre o momento das sementeiras. No crescente, no adorado crescente, semeava, porque a lua, crescendo, para si chamava as plantas, fazendo germinar as sementes. E era na frescura das noites que as plantas nasciam.

Do minguante se cortaria a madeira para que tivesse mais longa duração, porque a lua diminuindo, morrendo, tambem fazia parar a vida plantas, e era durante essa morte transitoria que as arvores condensavam as causas misteriosas da sua duração.

Da maneira como a lua nascia e o céu se apresentava nesse momento, ou salpicado de nuvens, ou manchado de cirros ameaçadores, assim seria o tempo tambem — sereno ou tempestuoso.

Foi o oraculo magno das crenças.

A grande mitologia aceitou a lua como uma grande deusa. Tinha poder no céu — chamava-se Lua; dominava no inferno — chamava-se Hecate; tinha imperio na terra — chamava-se Diana.

Ficavam assim deificadas as multiplas crenças que tinham saído da alma sonhadora do povo.

Diana — a Lua — teve o mais faustoso dos templos; e tão faustoso que foi uma das maravilhas do mundo. A' lua se referem os mitos mais belos e mais extraordinarios, e as crenças e superstições mais profundas.

E ali, na grande mitologia, assim como na criação ingenua, mas rica, da alma popular, a lua estende o seu poder sobre todas as coisas até tocar mesmo os casos de feitiçaria.

E', por todos estes motivos, que o culto da lua resistiu triunfante por entre todas as crenças, por entre todas as religiões, e chegou até nós como a mais preciosa reliquia, como o documento mais rico das primeiras fantasias da alma.

Como em todas as velhas crenças, o catolicismo pretendeu dominar; mas o culto da lua era extenso de mais para desaparecer. O catolicismo, então, aceitou o lindo e adorado crescente e colocou-o aos pés da Conceição. Era Diana aos pés da Virgem, mas assim mesmo era Diana.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

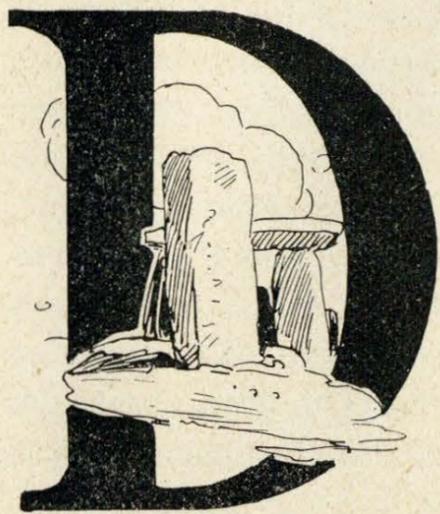
A PEDRA

Passei pela tua porta
puz a mão na fechadura ;
pedi-te agua não m'a déste
coração de pedra dura.

POPULAR

Por causa dos santos se beijam as pedras.

AD. POPULAR.



o culto da pedra ainda o povo da minha terra conserva os mais interessantes vestígios: — a pedra do raio, a figa de coral, a conta leiteira e ainda, por analogia, a conta e a figa de azeviche.

Não admira que esse velho culto resistisse também, como muitos outros casos de crença, porque a pedra constituia, para o homem primitivo, um dos genuínos símbolos da força.

A pedra era a mais dura das substâncias, e era de pedra a arma com que se abatia a caça, com que se venciam as feras, era dela que se fazia a ponta de frecha que ia ferir a distancia, e a ponta de lança que perfurava o corpo do inimigo. De pedra eram as paredes das grutas e o material das antas, e a natureza, sempre previdente, para toda a terra espalhava as pedras, como ceára de armas onde o homem, em todas as ocasiões, as podia escolher para sua defesa.

Era o ultimo recurso do homem que lutava.

O homem soube procurar e escolher, para as suas armas, as pedras mais resistentes e achou a maneira de as talhar para produzirem as arestas e os gumes mais vivos. Achou o silex a mais dura das rochas ao seu alcance, e aquela que melhor satisfazia ás condições de uma boa arma. Era aquele silex que, mais tarde, lhe havia de dar a riqueza incalculavel do fogo.

Nele achava também a graciosa estetica das côres — o branco imaculada da ágata, o amarelo triste, o vermelho vivo, o castanho vigoroso e o negro retinto. As escalas de côr encantavam-no porque lhe davam a noção do belo e da riqueza, e só n'essa rocha, da duresa mais extrema, ele achava a galanteria das côres.

Foi depois do silex que veio a escolha dos schistos, da dioríte, da fibrolíte para os seus machados, a verde calaite para as contas dos seus colares, das hematítes para a tatuagem, e do azeviche e do osso para objectos de enfeite.

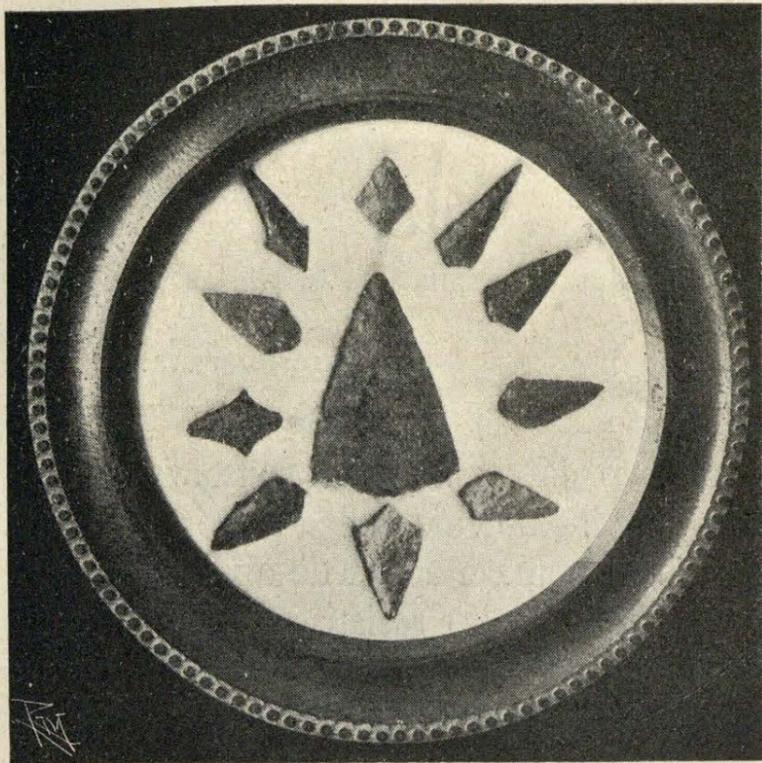
E todos esses objectos tinham delicadesas de fórmãs, polido irrepreensivel de superficies, coisas que só podiam achar-se com verdadeiros assomos de estética.

Era a *idade da pedra*; e chamava-se assim porque o selvagem, na sua grande ignorancia das coisas, desconhecia a maleabilidade e o progressivismo dos metaes, e só sabia aproveitar a pedra para as necessidades da vida.

E então, muito naturalmente, adorou a pedra. O precioso silex não se achava por toda

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

a parte. Era indispensavel procural'õ, distinguil'õ, conhecer os terrenos onde ele se podia encontrar, e foi nessas pesquisas que o homem fez a sua primeira lição de geologia. Os



ARMAS DE SILEX, PREHISTORICAS

schistos não eram vulgares ; e perante a abundancia dos machados dessa rocha, que por toda a parte se encontra, bem se adivinham as arriscadas peregrinações para a sua pesquisa e transporte.

O culto da pedra, como o dos astros foi universal, e nele se vae entroncar o grande culto da geração, simbolizado nas pedras erectas, e que até nós chegou na pedra dos casamentos, modificada para as fontes dos amores, as fontes dos namorados, e até naqueles santos a quem se pede, nas mais trementes ancias, a doçura e a alegria da fecundidade. Chegou na figa, o mais popular dos amuletos, que, na sua significação primitiva era o simbolo da fecundação. A esta fórmula poderíamos juntar o cornicho que, por outros motivos, se põe ao pescoço das creanças para que sejam

fecundas e vigorosas. E' possivel até que as pedras dos *cromleches* e dos *alinhamentos*, façam incidir a sua origem no culto da geração.

Desse culto, ainda hoje se conserva e aplica o mais interessante monumento: — são os *frades* ou *marcos* de pedra, que se colocam proximo da bica das fontes, para impedir a acumulação de pessoas ou a aproximação de animaes, aqueles mesmos *frades* que se levantam na embocadura de certas ruas para impedir o transito de animaes e de veículos. Esses *marcos* ou *frades*, como a mais simples observação confirma, são, pela sua colocação, pela sua fórmula e desenho, a representação do simbolo activo da geração.

No acaso da colocação de três pedras erectas, se acha representada uma das mais primitivas trindades religiosas. Na toponimia portugüesa acham-se as designações de Pedra Fita, Pedra Furada, Pedra da Paciência, etc., como extintas designações de pedras de culto, e o catolicismo teve que sagrar pedras que eram objecto de popular adoração — insculpindo-lhe imagens sagradas. *Senhor da Pedra, Senhora da Rocha, Senhora da Pena* são sugestivas invocações. Outro tanto aconteceu ás pedras de justiça, pedras do casamento, pedras de fecundidade. A ultima tem a representação católica em — Santa Ana, a mãe da Virgem-mãe.

Para os proprios enfeites, o homem escolheu as pedras das mais lindas côres — como se pôde vêr em qualquer colecção arqueologica — e é possível que ás suas côres andasse ligada particular significação, especialmente ao verde que é a côr da rara e preciosa turqueza amorfa — calaite — tão espalhada pelas nossas grutas e pelas nossas antas. A pedra entrou largamente no domínio da crença como, posteriormente, devia entrar no dominio da terapeutica.



MAGHADO VOTIVO
EM FIBROLITE

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

A medicina popular e científica lançou mão das mais variadas espécies — como se pôde lêr em qualquer antigo tratado de medicina e farmácia — e fez eleição daquelas em que reconheceu ou a que atribuiu mais virtudes. Não se contentou com isto — adoptou as concreções que achava em diversos órgãos animaes, e até de alguns fez os mais singulares amuletos.

Na ancia de descobrir, até os esqueletos, carbonisados ou não, de alguns animais ou uma parte desses esqueletos eram usados como remedio. Era uma fórmula da prehistoria, onde já se traziam ossos nos colares, e, até, pequenos discos da abobada craneana do homem.

Depois vieram os navegadores primitivos trazendo a novidade d'outras que cá não existiam, vieram os nossos descobrimentos maritimos, e das pedras vindas das mais afastadas regiões do globo se fez, quasi inteiro, um sistema de medicina.

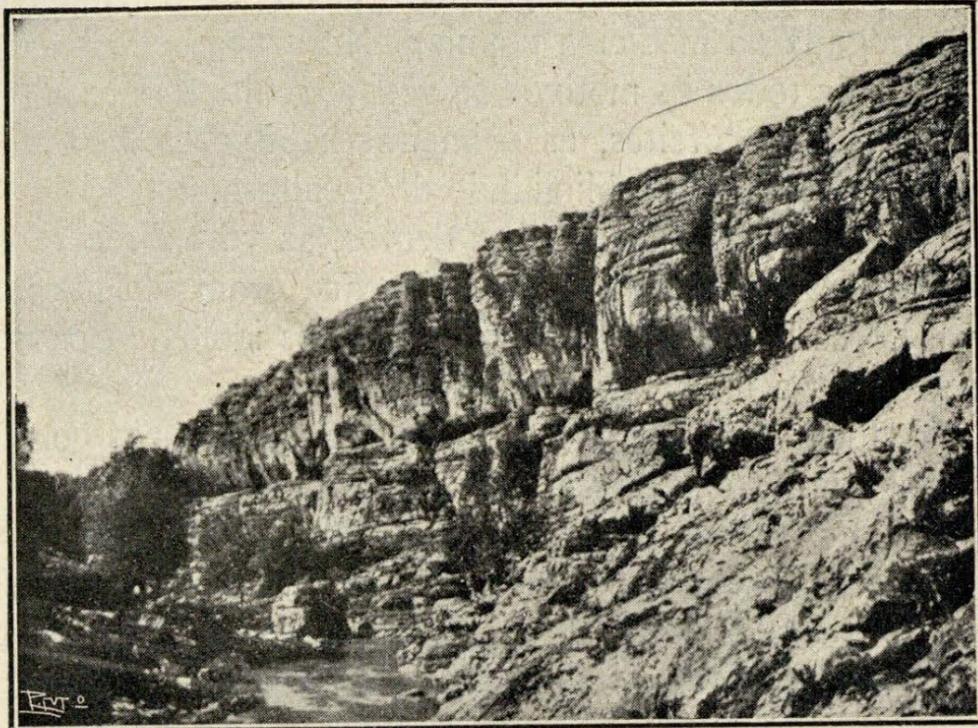
A pedra era a panacea, porque a pedra era o que a natureza creára de mais duro e resistente, e nela acumulára grande soma de virtudes. Tudo morria, tudo se alterava, tudo se desfazia, só a pedra, em simples pedra ou blóco de metal, que tambem era pedra, mantinha, invariavel, a sua eterna duração. Era a objectivação do eterno, e o material escolhido para se esculptarem os deuses.

A pedra de raio representa um culto mixto de ascendencia e de força — porque *pedra de raio* chama o povo aos machados da prehistoria. Nas edades metalicas já eles se apresentam com o seu character votivo, como se vê nos exemplares desenhados, da nossa collecção. No culto objectivo reduziram-se-lhe as dimensões e executaram-se numa rocha rara e preciosa — a fibrolíte. Deu-se-lhe o mais pequeno tamanho e a fórmula mais bela. Depois perforaram-se, abriram-se-lhe ranhuras para que se podessem trazer suspensos entre enfeites e amuletos. A crença primitiva perdeu, como em muitos outros casos, a sua significação, mas o culto manteve-se, embora com outra incidencia.

Foi esse um criminoso esquecimento da humanidade. O machado de pedra a quem ella devia a sua existencia, atravez de uma vida de luta, de dôr e de miseria, deixou de ter o culto da ascendencia, da arma dos avós, deixou de ter uma origem humana e a sua criação foi attribuida a um castigo do céu. Era, agora, a poderosa força que simbolisava o poder fulminante do raio, do raio poderoso de Jupiter.

Ceraunia lhe chamavam os romanos, e, por analogia, defendia o lugar em que estava da queda d'outro raio. Foi esta a crença final que subsistiu e que ainda hoje com intensidade se mantém.

A *conta leiteira* é a conta feita de uma pedra que tem a côr do leite, e que, pri-



BANCADAS CALCAREAS DO CARVALHAL D'ALJUBARROTA

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

mitivamente, se escolhia com a propriedade de, parcialmente, se desagregar na agua tornando-a leitosa. *Galactite* lhe chama a sciência, pelo mesmo motivo. Dela se faziam as contas que as recentes mães dependuravam ao pescoço, para que o leite não faltasse á alimentação do filhinho.

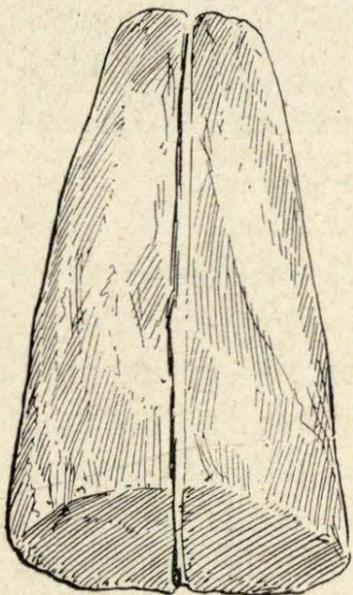
No culto da pedra se pode incluir o uso das contas do ambar para que os dentes nasçam ás creancinhas, e as figas de coral e azeviche, substancias que teem um poder particular contra o mau olhado e outros feitiços.

Na mesma origem se devem incluir as *pedras de bexiga* — belenita fossil — ainda hoje empregada na medicina popular contra as doenças daquele organo.

Por todos os motivos se aceita o culto da pedra: — dela se fizeram as primeiras armas, os primeiros enfeites, as primeiras habitações, nela se viu o remedio para o mal, e se fizeram os deuses na sublimidade da escultura.

Os templos dos velhos deuses, as vestes sacerdotaes, de todas as religiões do oriente e de todas as que d'ali se derivaram, eram recamadas de pedras brilhantes e das mais vivas côres. Nos corpos e nas corôas dos idolos e dos deuses, e em todos os objectos de culto se repetia a mais extranha riqueza.

Identicamente se fez no catolicismo: — nas corôas e vestes dos santos, nas alfaias da igreja, nos vasos sagrados, para tudo se procurava o luxo da pedraria e dos metaes mais preciosos. Até de pedra só podia ser a ara sagrada dos altares católicos.



MACHADO VOTIVO
EM FIBROLITE

Quando, talvez o seculo XIV, enriqueceu a arte com a delicadissima pureza da lapidaria, o culto intimo da pedra aumentou, mas diminuiu em religiosidade, porque deixava de ter o sentimento religioso para ter simplesmente a significação de fausto e de riqueza.

Só o povo se mantinha na sua esfera de ação primitiva. Para as sepulturas que se praticavam perto dos caminhos, naqueles casos de religião em que, certos mortos, se não enterravam nas igrejas — os casos de peccado mortal — de muito longe se transportavam pedras para sobre elas religiosamente se collocarem. As pedras iam-se accumulando até formarem, muitas vezes, um grande morouço. E fazia-se assim, para que as feras não profanassem o cadaver.

A pedra que se trazia era uma oração, um voto, uma prece; era uma oração pela alma do morto e a prova de que os vivos por ela praticavam actos carinhosos de piedade.

Era muito vulgar e arcáica essa fórmula, que passa através de muitos povos, até se perder nos reconditos sertões africanos; e nela poderíamos achar, talvez, a origem das grandes piramides do Egipto e dos mais antigos *menhirs*.

O catolicismo não desprou esta formula; aceitou-a tal como ela existia, e ás pedras que sobre as sepulturas se iam accumulando, chamava ele — *Fieis de Deus*.

Na região serrana ainda se conserva a memoria dessa pratica, e se refere á sepultura dos enforcados. Era a piedade da grande alma do povo a pedir a Deus o perdão, a misericórdia para a alma do justicado.

O adorar uma pedra, é, para os espiritos superficiaes, um acto da mais grosseira selvageria, e, todavia, reconhece-se agora, quanto esforço mental, quanta esperança, quanta poesia foram precisas para que uma pedra chegasse a ser objecto de uma adoração.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

O FOGO



Um dia caiu um raio na floresta. Nas folhas secas, amontoadas, decompostas, levantou-se uma chama quente, viva, vibrante. O céu atirára para a terra um elemento de destruição e de purificação. Essa chama alastrou-se e devorou tudo o que a cercava — as arvores colossaes e as ervas rasteiras. Deixou atraz de si a tristeza e a morte, pôz em fuga os homens e os animaes, perseguindo-os como ao mais feroz dos inimigos. Desapareceram as florestas em fitas e piramides de fogo, e um fumo espesso e acre levava ao longe o aviso da sua devastação.

Ficava a terra negra e triste, sem a mais pequena manifestação de vida, ou no mimo de uma erva ou na poesia de uma flôr. Atraz d'aquella chama que caminhava doidamente, subindo até ao mais alto d'aquelas arvores gigantescas que durante seculos procuravam o céu com o crescer dos seus ramos, que devorava as ervas, as flores e os frutos, que eram o encanto e a alimentação do homem, só ficavam as tristesas da morte.

Perante esse grandioso e extranho painel que punha na alma do homem os assombros do medo e os extasis da admiração, e no corpo as culminancias dolorosas do perigo, o homem teve a noção exacta de um novo e grande poder. Nada resistia à violencia do fogo. As proprias pedras estalavam ao seu contacto, e a propria terra ficava com a tristeza das coisas mortas.

Quando o alimento lhe faltou, o fogo extinguiu-se. O selvagem aproximou-se, então, desconfiado, hesitante, vencido pela curiosidade. Observou-o nos restos dos troncos que ardiam, reconheceu-o, procurou guardal'o e mantel'o no interior da gruta. Era preciso guardar uma coisa que tinha tão grande e tão nefasto poder.

Observou as rochas que o fogo queimára, passou-as em revista, e dentre os silices que ele estalára, achou o seu primeiro machado, a sua primeira e poderosa arma. O fogo dera á pedra arestas e gumes, arestas que perfuravam, gumes que cortavam. Era preciso guardar o fogo, alimental'o para poder ter armas semelhantes. São desta origem todos os silices lascados do homem terciario.

E' impotente a fantasia e a sciencia para determinar a fôrma como o homem, pela primeira vez, obteve o fogo segundo o capricho da sua vontade. E' um problema que ficará irreductivel ás curiosidades e interesses do espirito humano.

Do choque rapido e violento de duas rochas de extrema duresa, resultava uma fita de fogo. O homem produzia-o mas não podia aproveitall'o, senão no mais fortuito dos acasos.

A fôrma mundial de produzir o fogo, foi sempre a mesma: — a fricção rapida de dois pedaços de madeira resinosa ou esponjosa, ou um deles terminando em ponta que entrava numa cavidade aberta noutro, e onde se fazia girar com a mais doida das velocidades. O movimento gera o calor e, graças a essa velocidade, o fogo muitas vezes se conseguia, depois de repetidas tentativas.

Atravez dos milénios seguiu esta fôrma, e ainda o grande navegador portugûes Fernam de Magalhães, a foi achar no extremo sul da America, como outros viajantes dos seculos XVI e XVII a encontraram no interior da America, nos sertões da Africa, e nos arquipélagos da Oceania.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

Mas esse trabalho era extenuador e, muitos vezes, improfícuo. A quebra de velocidade diminuía a temperatura, e o fogo nem sempre se produzia. Mas, uma vez alcançado, guardava-se religiosamente em carvões incandescentes, cobertos de cinzas. Para alcançar a chama acharam-se as ervas secas e os ramos das arvores resinosas.

Guardava-se o fogo com as atenções devidas a um deus.

As resinas que escorriam de certas arvores, envolviam-se em ervas secas, na ponta de pequenos paus, e assim conseguiam a iluminação das miseráveis moradas.

As feras fugiam do fogo, e do fogo se fez o guarda poderoso das habitações.

Com as riquezas da velha mitologia creou-se-lhe um culto. Vesta era a deusa do fogo e tinha a sua grandiosa corte de vestaes. Havia na velha Roma e nas nações mais cultas da antiguidade, os templos do fogo, a cuja esmola se recorria.

Vestaes eram as sacerdotisas do fogo, e só tinham por fim sustentar nas piras o lume sagrado. Faziam solenes votos de castidade e religião, mas se o fogo se extinguia ou a castidade se quebrava, sofriam a afrontosa pena de serem enterradas vivas. Vestiam de branco, como fadas, de branco que era a candida cor da pureza, da paz e da castidade; e era delas que, nos circos romanos, se esperava o sinal que daria a morte ou a vida ao gladiador vencido.

O mito do fogo — Canopo — é o mais eloquente dos mitos. Os seus sacerdotes desafiaram todos os deuses para se reconhecer qual deles era o mais forte. Os deuses vieram, representados na pureza dos metaes mais preciosos e das pedras mais duras, e lutaram. O fogo fundiu os metaes, estalou as pedras, e só ele resistiu. O fogo era o mais forte dos deuses.

O fogo purificava porque consumia. Fenix é o simbolo de ressurreição pelo fogo.

O catolicismo foi buscar o culto do fogo para o absorver. Mas como era intenso de mais para se apagar, resistiu com toda a sua intensidade, com todo o seu brilho atravez de todas as tentativas.

Como nos sacrificios brutaes da antiguidade, tambem o catolicismo sacrificou nas fogueiras da inquisição, ordenando os mais tremendos autos de fé. Era o queimar dos corpos para uma pretendida purificação das almas, em nome de um Deus de piedade.

Para o Deus do catolicismo, estava a pira de Vesta no lume e na riqueza maravilhosa dos lampadarios. As velas que ardem nas igrejas durante a missa ou nos dias de grandes festividades, são outras tantas fontes de adoração catolica, são outras tantas piras a representarem o culto do fogo.

O *galo das trevas* que, com os seus treze lumes, arde nas ceremonias da semana santa, representa a luz dimanada dos doze apóstolos e a santidade e pureza da Virgem-Mãe.

Na pratica de todos os sacramentos, de todos os grandes actos da igreja se acendem as velas, por um principio liturgico.

A creança que vae receber o baptismo, recebe-o entre tochas acesas, e na sua mão se coloca uma para completa imposição do sacramento.

Com luzes se acompanha a eucaristia, as procissões, e ainda no turibulo dos perfumes ardem os carvões para a purificação do ar. E' a luz que sempre acompanha Deus nas suas visitas aos pecadores, que acompanha os mortos na sua ultima despedida do mundo, e a propria morte se simbolisa num simples facho apagado.

Fazem-se aos deuses promessas de luz nas velas de cera e nas bilhas de azeite, e para a abelha e para a oliveira existe quasi um culto. A oliveira é a arvore sagrada que dá o

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

azeite sagrado também, e a abelha, o insecto quasi adorado, porque dá o mel, e das flores e das gémulas tira as substancias com que graciosamente ha-de produzir a cera no misterio da sua colmeia. E' um mixto do culto dos frutos e das flores tão deliciosamente representado.

O culto sublimado do fogo que os sacerdotes primitivos tanto elevaram, chegou até á grandesa dos carvalhos drúidicos, porque eram os carvalhos que produziam o agárigo, o cogumelo que seco e batido conseguia prender o raio de fogo que o choque violento de duas pedras produzia.

O povo isolou o seu culto do fogo das grandezas sacerdotaes, mas, nem porisso, ele ficou menos nobre e menos vigoroso.

Adorou o fogo no cepo do natal, nos cirios das igrejas, no simples facho ou candeia que, de noite, lhe iluminava a morada, e, até, inconscientemente, no agasalho da lareira, no fogo que nela ardia, tão consolador, e que adoçava a temperatura e dava conforto ao corpo fatigado.

Era com o testemunho desse fogo que se contava a historia da familia, que se conservavam as tradições gloriosas da patria, que se falava dos casos de amor, que se ajustava o casamento dos filhos.

E ali, naquela atmosfera de bem estar, o homem traduzia, inconscientemente nas chamas graciosas dos lenhos e nas espiras delicadas do fumo, as coisas mais extranhas e mais belas. Dos tróços mal secos saíam lagrimas de resina e de seiva que ardiam na mais rica policromia. Era o ultimo sorriso da arvore, a despedida gloriosa que ela fazia, sacrificada, aos olhos do homem a quem dava o calor e a vida.

A luz era uma das ligações do homem com Deus; e de todas as casas do mundo catolico, saíam para o céu, para Deus, aquelas orações de luz.

As fogueiras, nas montanhas, foram o primeiro telegrafo que o homem creou, para prevenir de um perigo, ou para guiar um caminheiro perdido; os fogos d'artificio uma sinfonia de luz, uma imitação das noites estreladas, com que se celebravam as vespersas das grandes festas da igreja; o fogo de Santelmo, que ardia nas arestas dos mastros das caravelas, era a bonança para os marinheiros; os fogos fatuos eram a alma dos mortos, e até a luz das estrelas cadentes servia para devassar os misterios do futuro.

O sol, a lua, as estrelas, eram fogos que ardiam no céu, e as fogueiras dos santos populares, eram notas desse culto desordenado mas sempre belo e grande.

Antes da tão recente invenção dos fosforos, pedia-se ao visinho a esmola do lume num carvão incandescente, e grande era a esmola do fogo que nem sempre se podia alcançar.

Purificava-se o ar e as habitações com os perfumadores — os turibulos caseiros — e era queimando as plantas sagradas, o assucar, o mel, as cascas de frutos, que essa purificação se fazia.

Purificavam-se os doentes, as creanças e os gados, queimando as plantas sagradas, e nesta fórma se podem incluir as fogueiras de Santo Antonio e S. João.

Como castigo do céu, creou o medievalismo o fogo do inferno e simbolisou-o na fauce de um monstro vomitando chamas. Era o castigo de Deus, para os maus, para os pecadores, de cujas almas o diabo se apossára na mais insistente das conquistas.

Depois dessa universalidade de culto, dessa intensa e não interrompida adoração, muito dele devia ter ficado na alma popular. Ficou, em primeiro logar, essa adoração certa,

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

poderosa, objectiva, cuja significação primitiva o catolicismo pretendeu apagar, e ficou também alguma coisa primitiva naquele respeito que para ele se ensina ás creanças: — que não se deve cuspir no lume, porque um grande pecado se comete cuspindo no lume sagrado.

De tudo se conclue que se adora o Deus do céu, com outro deus que ele criou, e que aquele Deus se não pode adorar sem que nos seus altares estejam ardendo as velas ou os lampadarios: — é o caso singular de uma dupla e mistica adoração — o deus fogo adorando o Deus supremo.

A AGUA



COMO em todos os casos de culto devia haver para a agua poderosos motivos de adoração. Foi talvez o consolo supremo de a beber durante um longo e ardente acesso febril, ou de a achar quando, ao cruzar as montanhas o devorava a sêde mais violenta e mais dolorosa, que uma comoção de reconhecimento, inconscientemente, fez adorar a agua. A sensação de goso, bebendo-a, era infinitamente grande para ser esquecida.

Depois, quando começou a compreender e a amar natureza, mais entendeu e amou a agua. Observou que era depois da estação das chuvas que uma nova vida voltava á terra, que novas plantas, novas flores, novos frutos se estendiam pelas vertentes da montanha, pela frescura dos vales; que quando as plantas tombavam emurchecidas pelos ardores do sol, reviviam, voltavam á vida, com a quêda creadora das chuvas. Viu e reconheceu que a agua era uma das fontes da vida.

Começou então, a observá-la: — via-a no fragor das torrentes que serra abaixo, levavam de vencida a terra, as pedras, as arvores e os animais; regosijou-se quando viu que a superficie tranquila dos lagos repetia, espelhando, a magestade do céu, a delicadeza das arvores, o vôo das aves que cruzavam no ar, quando viu que até a sua propria imagem se reproduzia naquela agua cristalina. Depois compreendeu a corrente mansa dos rios, observou as linhas cruzadas e trementes da chuva que do céu caía, e até o mimo das plantas que marcavam o lugar onde as fontes brotavam a sua frescura consoladora.

A agua era o sangue da terra.

Dessas observações resultou um culto, uma adoração intima que se foi estendendo nas mais variadas manifestações.

O mar, na sua vastidão infinita, ou com a serenidade de um lago, ou com o rugir hediondo do mau, levantando para o céu a ameaça das suas ondas, quebrando-as, depois, em acesso de desespero, contra as rochas, em espumas violentas de raiva ou alongando-as na praia aberta como um afago prolongado e amoroso; esse mar, espectacular, belo, horrível, meigo, ameaçador, acabaria de lançar no espirito do homem as comoções mais fundas e mais sentidas.

E depois, nas pedras desse mar, creavam-se mariscos que eram a alimentação; e nas suas aguas creavam-se os peixes que constituíam o mais raro manjar. E era lá no fim desse mar, que o sol desaparecia, era de lá que o crescente da lua nascia na sua vida nova, com a sua linha de esperança.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

Era sobre essas aguas que o sol, ao deixar o mundo, atirava para o céu os fulgores mais gloriosos da sua luz, ou na poesia saudosa de um claro adeus luminoso, ou no vago misterioso e impenetravel das nuvens. Era então que as côres mais belas e mais extranhas nimbavam o seu desaparecimento, como o fulgir mais opulento da gloria.

E o mar era a agua, e era para o mar que os rios levavam a riqueza das suas correntes.

A agua era um grande deus porque matava a violencia mais grandiosa do fogo; era o poder unico que o dominava e extinguiu.

Quando o homem procurou auxiliares para o seu trabalho, achou a agua, o vento e os animais. A agua era a grande força e a mais domavel. Dominou a corrente dos rios, dividiu-a, conduziu-a em canais que a sua mão fabricára, e obrigava-a a cair da altura para que nessa queda movesse os primeiros engenhos que a sua mão creára, poupasse a energia do seu braço e produzisse trabalho, emfim. Era o aproveitar do movimento e da força das coisas.

E o homem viu-a correr, viu-a cair, viu-a produzir aquele trabalho que ele sonhára; viu-a mover as rodas em velocidade desordenada, viu, enfim, que ela lhe moía o grão com que o pão havia de ser fabricado, e domava as asperezas do ferro naqueles engenhos que a sua imaginação produzira.

E a agua, assim, se não era um deus, era uma divindade benéfica que se devia adorar. Era um deus que o auxiliava, como nenhum outro e que trazia o descanso aos seus membros fatigados.

Perante tudo isto, o homem adorou a agua objectiva e subjectivamente.

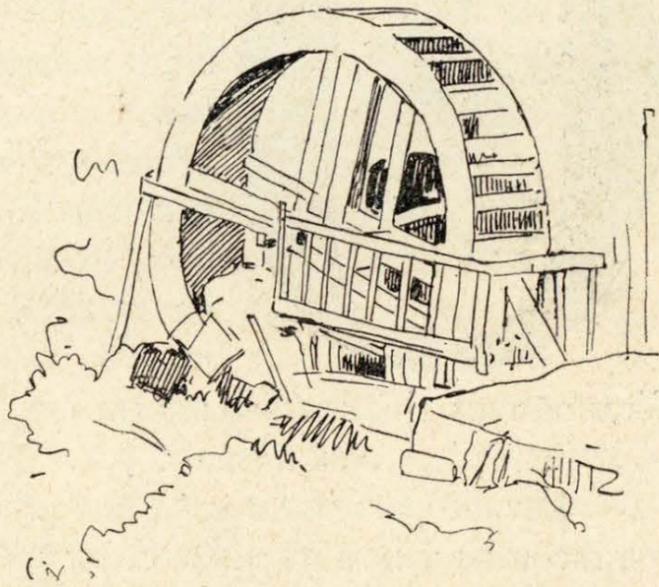
Como em todos os casos de culto, entrou a agua no ritual da mitologia e das religiões. E assim devia ser. A agua era a vida e sem ela não teriam logar as leis da criação. Não teriam existido os homens, as arvores, as flores. A terra seria um mundo morto, vogando no espaço com aquela tristeza e dureza com que rola um calhau pelos caminhos.

Nas grandes nações da antiguidade havia o culto objectivo da agua. A Grecia, Roma, todo o Oriente, crearam as termas, os balnearios e a agua lustral; e a agua lustral entrou depois nos dominios do catolicismo. Aqui, empregou-se no baptismo, no sacrificio da missa, entrando no misterio da transfiguração, creou-se a agua benta, a mitologica agua lustral, com que se dispensava ao crente a graça protectora de Deus.

E' ahi que devemos achar a origem dos banhos sagrados do povo, cujas virtudes duram um ano inteiro.

Banhos sagrados são os de Santo Antonio, S. João e S. Pedro. Cada um vale por tres, vale por muitos, segundo a crença. Por uma aberração de numeros, ou pela predilecção dos impares, deverá ser impar o numero de banhos. Escolhe-se, em geral — sete, nove, treze ou quinze, conforme a gravidade da doença, e não ha maneira de impôr o contrario. Parece que, segundo a explicação confusa, se estabelece uma neutralisação de efeitos nos pares, e que só um impar poderá manter o poder infalivel da cura.

Dessa adoração das aguas, veem as *Fontes Santas*, as *Aguas Santas* tão vulgares e



CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

tão repetidas. Veem as aguas milagrosas, que dessas fontes brotam, operando os maiores prodigios.

Não ha muitos anos que *as aguas Santas, da Senhora da Luz*, proximo de Cós, caíram no agrado do povo. Descobriam-se a nascente, já noutros tempos frequentada, e começa a serie dos mais extraordinarios milagres. Fazem-se peregrinações áquele logar, e de longes terras vinham os crentes e os fanaticos. A agua transportava-se em vasilhas, e lá mesmo, ao longe, operava as curas mais extraordinarias.

E' rica a hidrologia pagã do povo da minha terra. E' a agua do Poço do Mouro que faz saltar as sanguesugas das guélas do gado, são as fontes de Cós, Maiorga e Chiqueda para as doenças d'olhos, é a agua da Fervença para os casos de reumatismo e doenças de pele, é, emfim, a toponimia de fontes que já não existem, como Fonte Santa, Fonte Quente, Fonte do Ouro, etc.

A agua era uma panacea empirica, como hoje pretende ser uma panacea scientifica. Depois vinham as aguas manipuladas, as aguas destiladas, as aguas dos chás e dos cosimentos, a quem as plantas cediam a riqueza das suas virtudes.

Era á agua que as plantas dispensavam a pureza dos seus perfumes, por meio da destilação, e a quem o vinho, pela mesma fórma, cedia toda a sua força.

Era o grande agente terapeutico. A propria medicina, á volta dela, creára o seu culto mais definido.

E quando a religião e a sciência faziam da agua quasi um deus, não admira que, na alma popular, esse culto se mantivesse cheio do maior carinho, cheio do maior misterio.

OS ANIMAIS



culto dos animais deve ter nascido nas duras convulsões do medo, e na fera deve ter incidido a primeira manifestação desse culto. É facil comprehendel-o: — a fera tinha os dentes e garras com que rasgava, vencia e matava; tinha energia violenta no ataque, decisão nos movimentos e velocidade na carreira. Era um simbolo de força, cujo poder existia nas garras e nos dentes. Dispunha de armas que a natureza negara ao homem e o homem julgou-a superior a si. Perante a fera era o homem um ser inferior.

Eram aquelas armas que ela cravava nas carnes palpitantes da victima, era com elas que alternava os golpes com que subjugava, vencia e matava. A garra e o dente eram a morte. Se a féra não os tivesse, nada teria que recear dela. Era, portanto, ali que estava toda a sua superioridade, toda a sua força.

Levado por essa crença que era uma esperança, procurou chamar a si esses objectos, e arrancou-os á féra abatida. Eram aqueles caninos compridos, ponteagudos, que se cravavam na carne e a mantinham na mais invencivel prisão; eram aquelas garras recurvadas, contracteis, que se alongavam para ferirem mais profundamente, produzindo as dores que subjugam e que matam.

O homem, então arrancou esses dentes, essas garras, perfurou-os e dependurou-os, cheio de fé, no fio do seu colar, como um simbolo da força; e creou, assim, um dos mais

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

primitivos, se não o mais primitivo dos amuletos, que, ao seu espirito, dava a força e o poder da féra. (1)

Foi viva esta crença que chegou até nós, embora transformada. Os grandes caçadores guardam, ainda hoje, as péles, os dentes e as garras das féras vencidas, como troféus de valentia e de gloria.

Na superstição popular ainda se usa o dente de lobo ao pescoço das creanças para que os dentes lhe nasçam — para que lhes dê a força do nascimento; e as frases —

ter dente de lobo, ter dente de cão, bem traduzem as dificuldades que, muitas vezes, se encontram na resolução de um caso.

Desde a mais alta antiguidade que os guerreiros se cobriam com péles de féras para o ataque. Era uma fôrma de incutirem terror. Preferiam as péles de leão, tigre, lobo, etc., a que cautelosamente escarpelavam a cabeça para lhe conservar as mandíbulas. Cobriam-se com ela, e á cabeça adaptavam a cabeça da féra, para com ela se parecerem. Entravam em combate soltando urros ferozes e em grita desordenada.

Da fera facilmente se estendeu o culto e a curiosidade a outros animaes. Depois de os arrebanhar em manadas afeiçoou-se a alguns dos mais lindos e mais mansos, e fez a domesticidade. O animal era um auxiliar da sua vida: — era a alimentação do corpo, e na carne e no leite, estava toda a sua riqueza, todo o seu descanso, porque a criação das manadas diminuia-lhe os perigos da vida.

Nos ocios da sua vida pastoril, naquele descanso mental que só pode existir nos domínios da paz, começou a estudar a natureza e começou a compreender as coisas que nela havia de mais belas. Começou a escutar o canto das aves, e creou as primeiras toadas musicas da sua voz, começou a admirar a luz, as flôres, os frutos, as plantas, os insectos, e as delicadezas da estetica nasceram.

As aves, cantando, diziam coisas delicadas que o homem não entendia; — chamavam-se, acarinhavam-se e, nos periodos d'amor, quando a nova estação creadora chegava, quando a natureza, sob todos os aspectos, apresentava o seu formidaval banquete, as aves multiplicavam os seus cantos e era desse cantar delicioso que resultava o instinto creador dos ninhos.



LAGOA DE FERRO — CASAL DO REI

(1) Este assunto — a *Religião da Força* — está largamente estudado no livro do autor — *As Grutas d'Alcobaça*.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

Foi talvez do cantar das aves que o selvagem recebeu a intuição e a sugestão da linguagem, porque a sua voz não tinha nascido com modulações delicadas e, como consequência, não tinha palavras para o amor e para o carinho. A génese da linguagem é a mais morosa das génesis. Nas suas multiplas origens, nas suas multiplas procedencias, alguma coisa de extranho haveria para que a emissão de um som significasse uma coisa, para que a articulação de palavras definisse ideias, objectos, projectos, sentimentos, para que, finalmente, assinalasse um logar e definisse um facto.

Naquela linguagem primitiva, muito reduzido seria o numero de palavras, como é, ainda, nos povos selvagens, e como nitidamente se averigua na linguagem do povo.

O culto dos animaes foi muito extenso, quer na mitologia popular quer na mitologia erudita. Até nós chegou o respeito pela andorinha, o mau preságio tirado do grasnar do corvo e do grito do mocho e da coruja — as fatídicas aves noturnas. Ha uma grande simpatia pela rola e pelo pombo, uma repugnancia criminosa pelo sapo, e pela cobra, que entravam no conluio das feiticeiras.

O cão é o animal *bento*; é o amigo, o defensor e o guarda do homem, e a sua lingua pode lamber as chagas porque as purifica.

A cabeça da vibora dá felicidade, e, especialmente, se fôr alcançada na primeira sexta-feira de maio.

Depois, como creações do mal, vinham os animaes venenosos que, com as suas mordeduras, produziam a dôr ou a morte.

Para o boi e para o cavalo ha requintes de cuidado que um passado culto transformou em simpatia ou interesse por esses dois grandes elementos do trabalho. O cavalo transporta o homem e defende-o com a velocidade da sua carreira; o boi lavra-lhe a terra, transporta-lhe as pesadas cargas, debulha-lhe o pão, e levanta-lhe a agua dos poços, entre o som gemente das nóras, para ela ir dar a vida e vigor ás ceáras. E até, por ultimo, o boi amigo lhe dá a carne para alimentar o corpo e a pele para proteger os pés nus das asperzas do caminho.

Uma das mais interessantes notas de antropismo que conhecemos é aquela que, em todas as linguas, refere as historias do tempo em que os animaes falavam. E' uma interessante atribuição essa pretendida semelhança com o homem. Resulta, certamente, como reminiscencia dos animaes deuses, cujos movimentos ou vozes serviam para esclarecer casos e para fazer os mais extraordinarios vaticinios.

Foi com a fala dos animaes que se fizeram as fabulas, que se registaram as lições da experiencia e de moral. Entrou nos cancioneros populares antes de Esopo e antes de Phedro.

A velha mitologia deificou muitos animaes, e dentre as suas soberbas creações sobresaes o Pégaso, o cavalo alado que levava os poetas ás regiões do amor e do sonho, ás sublimidades do Parnaso olimpico. Apis era o grande Deus do Egipto representado na figura de um boi. O leão, o carneiro, o escorpião, o urso, entravam na constelação do Zodiaco. Seria infinita a serie.

A propria heraldica inscrevia, nos seus escudos, os mais variados animaes e interpretava as suas atitudes como notas reaes de uma simbologia.

Os insectos, pela curiosidade do seu vôo, pela originalidade das suas fórmulas, pelo seu brilho, pela riqueza metalica das suas côres, tiveram larga representação nas crenças

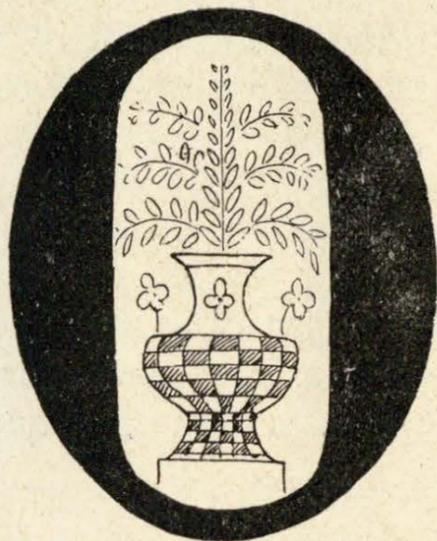
CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

antigas, e até nós chegaram reminiscências desse culto. Chegou o gorgulho, o amigo dos pobres, porque devasta o celeiro dos ricos quando, além do tempo próprio, guardam o pão; a louva-a-Deus, em cuja atitude agressiva o povo vê uma oração ao céu, ou o pedido de misericórdia a quem a vê e a toca; a borboleta branca que é portadora de paz e de felicidade ou a borboleta preta que é indicio de lucto ou desgracia; a abelha que produz a doçura do mel e o misterio da cera com que se alumia o proprio Deus. Depois vem, para as creancinhas a transformação do pirilampo em dinheiro, como uma transformação do fogo que nele arde.

O catolicismo sancionou a velha zoolatria, afirmou-a no cordeiro do Baptista, na pomba do Espirito Santo, nos simbolos dos evangelistas etc., e assim devia fazer para respeitar as velhas tradições.

O culto do animal ou representado na extrema grandeza do elefante, ou na ave que vôa e canta, ou no insecto que brilha á luz do sol ou acusa a sua existencia fosforescendo na escuridão da noite, ou simbolizando a força brutal ou a delicadeza suprema, matando, cantando ou brilhando, foi sempre um motivo da mais alta admiração do mais extremado culto.

OS VEGETAES



homem adorou a arvore e as plantas através de todas as gerações. Existiam para isso os mais poderosos motivos. A arvore dava o cajado a que se amparava, e com que se defendia, os frutos com que se alimentava, a sombra que o protegia, e, até, era o refugio para onde trepava quando as feras o acometiam nos ataques mais temerosos.

Era das plantas que vinha a delicadeza das flores e a preciosidade do pão.

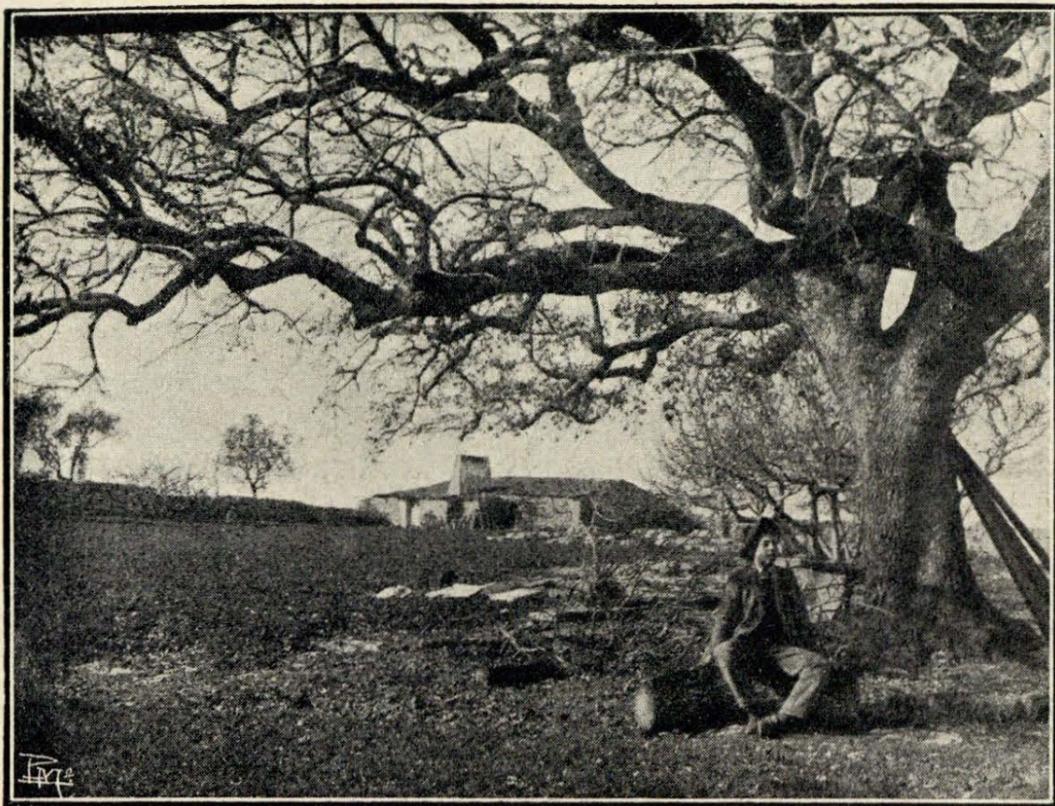
As arvores eram aqueles gigantes cujos cumes se não atingiam e onde só as aves pousavam, aquelas gigantes que, doidamente, cresciam para o céu, e que, ao longe, como amigos, indicavam a passagem dum trilho ou marcavam o lugar de um abrigo. Eram os amigos que achavamos no mundo, e que ainda depois da nossa morte, continuariam a sua existencia, aparentemente insensíveis ao homem e ás coisas. Depois aquele misterio que as levava, no inverno, a despedirem-se da vida, despindo o seu manto de folhas, fazendo-as cair na tristeza de uma saudade, seria motivo de admiração e assombro. As pequenas plantas, depois de florirem e frutificarem, tombaram também para sempre, desfaziem-se como as esperanças de uma realidade se apagam, como os encantos de um sonho se extinguem.

Mas as arvores e as plantas, depois desse periodo de morte novamente renasciam á luz do dia. As arvores novamente se cobriam de folhas, de flores e de frutos, e da terra nua e triste, nascia uma nova e pujante criação, para florir e frutificar também, nas doces promessas dos frutos e do pão.

Foi este, certamente, o primeiro ciclo de vida que o homem estudou e entendeu, obrigado pelas suas proprias necessidades, e dele foi que a agricultura nasceu com os seus valiosissimos elementos de progresso.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

O culto alargou-se e tomou os mais risonhos aspectos. A arvore que doidamente crescia para as profundezas do céu, que cravava na terra os fios das suas raizes para depois as transformar em alavancas poderosas, que cantava um hino ao sol, na sublimidade das suas flores, essa arvore era a delicia dos olhos e um assunto particular da imaginação. E



CARVALHO SECULAR DO CASAL DO REZ

depois, nessas quasi impene-traveis florestas, onde, uns sobre outros, caiam velhos troncos apodrecidos, onde as plantas voluveis por eles tre-pavam com abraços d'amor e de carinho, amortaliando-os na doce efusão de verdura e de flores, numa intensa e eterna manifestação de pie-dade e de amor, pretendendo dar-lhe a vida n'aquele vi-goroso abraço, tudo isto de- via impressionar o espirito do homem.

As plantas mais mo-destas cresciam nessa som-bra da morte, como filhos dos gigantes vegetaes que o tempo vencera e derruira.

Sobre essas arvores mortas, e, ainda, sobre as velhas arvores que o peso ou a leveza das braças tornára tortuosas ou esbeltas, outras plantas cresciam com a delicadeza dos musgos, com a grandeza dos fetos — como se a arvore, morta ou viva fosse sempre um motivo de criação. Eram as arvores que alimentavam essas plantas, esses filhos seus, que elas amamentavam e protegiam.

A arvore era a mãe carinhosa e creadora.

A' sua sombra eram mais frescas e mais mimosas as ervas, e parecia, até, que para ali se tinham escondido, fugindo aos ardores do sol. E ela acarinhava-as com o abrigo das suas folhas, e estendia sobre elas a protecção das suas braças. Era a mãe abençoada protegendo os filhos até contra as violencias do céu.

As grandes arvores eram o assombro do homem. Eram as maiores de todas as coisas da terra, resistiam á furia dos ventos e raras vezes o raio conseguia derrubar'as. Tinham uma grande força e um grande poder aquelas arvores gigantescas. Eram um grande Deus que o homem adorava — primeiro pela sua propria grandeza, depois pela sua utilidade.

Desceu a sua analyse e reconheceu que o instinto dos animaes recusava certas plantas para a sua alimentação, e que outros, ao ingeril'as morriam. Observou as que, como as feras, tinham garras para sua defeza, as que se elevavam procurando a luz e as que raste-javam na terra, sem dela se apartarem. Analisou e adorou as flores, adorou e comeu os frutos e as sementes.

Fez um inventario delas, e, quando creou a linguagem, distinguiu cada uma com o

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

característico de um nome. Dividiu-as em duas categorias: — as plantas boas que alimentavam; as plantas más que produziam o mal: — a dôr e a morte.

Quando levantou os primordiaes e já apagados esquiços da sua habitação, foi á arvore e á planta que recorreu para se abrigar. Os troncos e os colmos protegiam-nos das chuvas, do frio cortante do vento, das neves frígidas do inverno. A' arvore e á planta foi buscar a flacidez do seu leito, o berço para os filhos e a eterna consolação do lume.

As mitologias e as religiões incluíram-nas nos seus objectivos e esse culto fez a marcha triunfal mais gloriosa.

Elegeram-se as plantas alimentares, as plantas sagradas, as plantas medicinais, e ficava-se assim com o conhecimento seguro de tudo o que a natureza oferecia. Das plantas sagradas advieram as plantas supersticiosas, e é ali que devemos

achar a origem das plantas que tem poder contra o mau: — deve ser de aroeira a figa que o padrinho faz para o afilhado; de sabugueiro serão as contas que livram da erisipela; de alecrim, o ramo para aspensão da agua benta; a arruda, as sementes da mostarda, o trovisco, a noz de tres lobulos, têm poder contra o mau olhado, e livram do mal. Seguem-se as plantas que, num mixto de crença, tem poder contra a doença e força contra o feitiço: — a maçã do cipreste, a folha de louro, a roca de alfazema, a erva da lua, e, por fim, as plantas beneficas, que trazem a felicidade: — a folha de trevo quadrilobado — o trevo de quatro folhas, o saião, a erva da fortuna, o ramo de oliveira.

Algumas plantas, como as flores e as côres, teem uma significação especial com que se traduzem sentimentos intimos.



CARVALHO SECULAR, DOS COVÕES

Quem pelo alecrim passou
e um ramo não apanhou
do seu amor se não lembrou.

A tristeza e a fôrma da flor — saudade — é um delicioso simbolo de crença: — o roxo é a tristeza, e, a fôrma piramidal da flor, representa bem a base da magua donde nascem as culminancias da dôr. Dá-se uma flor branca como simbolo de pureza e alegria, a flor amarela dirá o desespero e a vermelha a intensidade de amor mais ardente. O malmequer é um augurio do amor, como com as flores — as perpetuas — se diz a sua eterna duração.

AS COISAS

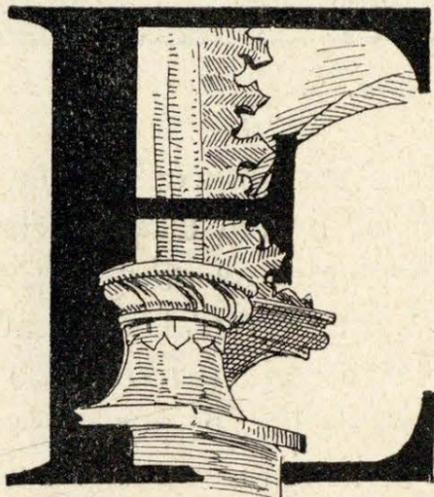
Depois veem as plantas fatidicas: — a sombra da figueira faz mal á saude, e a losna que, morrendo, traz a morte de pessoa na casa a que pertence.

Entra-se depois na simbologia, com a mais curiosa significação: — de louro e de carvalho será a corôa dos heroes; de gramineas se fará a corôa dos guerreiros; a paz e a luz simbolisam-se na oliveira; a força, no carvalho; a morte, no cipreste. A flor significa a pureza, a semente simbolisa a vida.

O culto da arvore e da planta foi o mais fecundo dos cultos, porque dele muitos outros nasceram: — o das flores, o dos frutos, o do pão, e, subjectivamente, se incluye no do sol, do vento, da terra, das aguas, isto é, em tudo quanto se podia reflectir no valor da vegetação. Era um recurso para as fantasias do espirito, como era um recurso para as necessidades immediatas da vida.

Quando o espirito creador atirou para terra com os germens donde as florestas haviam de nascer, com que os campos se haviam de vestir e donde as flores e os frutos surgiriam como delicados mimos da terra, o espirito creador praticou o mais belo acto de previdencia e fez uma das mais formosas leis da poesia e do amor.

AS COISAS



SCLARECIDO, como fica, o estado vibratil da alma primitiva, a maneira como ela entendia e sentia tudo quanto, sob todas as formas e aspectos, a impressionava, e conferindo a sua profundissima ignorancia dos fenomenos e das coisas, compreendem-se, aceitam-se, sem custo, as mais inesperadas incidencias da sua crença, os mais extraordinarios motivos e objectivos da sua fé.

O mal e o bem existiam, porque ambos se faziam sentir, ou nos caprichos mais fantasiosos da alma ou nas dores mais pungentes do corpo. Mas para que esse mal e esse bem existissem, era preciso que em alguma coisa vivessem, que nalguma coisa estivessem, que de alguma coisa partissem para produzirem a realidade dos seus efeitos.

O sol, a lua, o fogo, a agua, eram fontes perenes do bem, mas tambem eram origens seguras do mal. O sol aquecia mas matava; a lua trazia a poesia dos sonhos, o poder magico do luar, mas tambem dava o horror das noites tempestuosas; e fogo aquecia como um afago, e matava como uma coisa cruel; a agua que mitigava a sede, que refrescava o corpo exáusto, que dava á terra a grandesa da vegetação, tambem devastava e destruia na loucura das suas torrentes; o proprio céu onde o sol, a lua e as estrelas caminhavam num hino de bondade e de luz, que era a gloria da terra, esse proprio céu vestia a triste escuridão das noites, e dele partia o poder abrasador do raio.

Em tudo, portanto existia o bem e o mal, mas do mal se conservava mais tempo a memoria, porque o bem gosava-se e o mal sofria-se.

O bem e o mal existiam por toda a parte, pertenciam a todas as coisas. O homem comparou e avaliou o seu proprio sentir e reconheceu que tambem nele essas coisas exis-

AS COISAS

tiam ; e como todas as coisas tinham uma alma, uma vontade, de tudo, igualmente, podia vir o mal e o bem.

Foi esta a psicologia de maior extensão e que ha de ser a eterna psicologia do povo.

Não entrava no cerebro desse povo aquele raio de luz divina que o civilisava, nem as teorias e raciocinios que fizeram crear as sciencias modernas.

As mais altas religiões e toda a pseudo sciencia antiga que evoluiu e existiu até, quasi, meados do seculo XVIII, tinham origem nas coisas, experiencias e observações populares. Quasi tudo, ou tudo, se baseava na tradição, nas leis do empirismo, nas trévas impenetráveis do misterio e quasi todas elas assentavam nas crenças e superstições que a humanidade viera acumulando.

Poder oculto ou *operando por oculta simpatia*, eram as frases com que se explicavam os fenomenos naturaes, a acção dos remedios, o poder dos amuletos e até a violencia e a atracção do amor. E que linda que é esta frase — *operando por simpatia oculta!* E' a explicação mental, de uma grande delicadeza, com que se define e se traduz a grande lei do amor das coisas pelas coisas, e que a sciencia incluye naquelas palavras duras, sem encanto, sem sentimento, sem poesia -- afinidade — atracção — gravitação.

Era a alma a entender e a explicar, mas a cair tambem na criação de novos elementos de crença e de superstição. Depois veio a serie de amuletos que a medicina aconselhava, as mésinhas da mais tremenda composição, a escolha dos ingredientes mais fantasticos, os motivos de cura nas explicações mais ideaes, e tudo concorria para perturbar cada vez mais a alma popular e para a lançar no mar mais vago e mais infinito da fé.

A um simples facto, a um simples objecto, a uma rara coincidencia, a um raio de luz, ao recorte de uma sombra, á forma de uma nuvem, a um sibilo do vento, a um som que se escuta, a certa ave que vóa, a um olhar que brilha e de certa forma incide, a tudo se atribuem causas geradoras do mal.

Fantasiando sobre estes motivos, sobre este têmea, nascem, vivem e afirmam-se no espirito as creações mais raras, e mais inexplicaveis. A' volta de tudo isto o cerebro encheu-se e regorgitou de crenças, de divindades, de superstições.

Fez-se uma verdadeira e grande mitologia; e tão grande que ainda impéra na alma popular com um valor invencivel, como uma eterna verdade. Fizeram-se deuses, idolos, divindades, amuletos e tudo com um unico fim: — livrar do eterno mal.

Dali irradiaram divisões lateraes; e a ramificação das primeiras creações foi-se alargando, crescendo, duplicando como de um tronco d'arvore derivam as grandes braças, os pequenos ramos e as folhas vibrateis. Cada culto inicial transformou-se numa arvore de crenças cuja copa tambem se cobria com a delicadesa dos fructos e das flores.

E foi caminhando sempre de vibração em vibração, ao mesmo tempo objectiva e subjectiva, e nada escapou á incidencia da sua fé, ás duvidas da sua desconfiança, ao terror das suas suspeitas.

Alem de tudo isto havia a fatalidade do nascimento e as contingencias da sorte ou da



MULHER DE ALPEDRIZ

AS COISAS

fortuna. Foi como resultante deste ponto de vista, que se crearam as bruxas, os lobishomens, os tartaranhos, os espiritos maus, coisas que representam os primeiros casos e exemplos de transformação corporea.

Nascia-se com um *condão*, com um *fado*, com aquela sorte que obrigava cada um a cumprir o seu bom ou mau *fadario*. A setima filha das que, successivamente, nasciam num lar — seria bruxa, e, identicamente, o mesmo aconteceria ao setimo rapaz que seria *lobishomem*. E tinham que seguir o seu *fadario*, a sua transformação em animaes que, de noite, corriam pelos caminhos para misteriosas reuniões e conciliabulos, até que, alguém, numa dessas peregrinações, os ferisse e lhe fizesse derramar o sangue. Só assim o triste *fadario* se quebrava.



TIPO REGIONAL

Para aumentar e confirmar essas crenças veio o medievalismo crear o poder do diabo, que passou a ser a encarnação do mal. O diabo dava maléficis poderes, tentava as almas, aparecia sob todos os disfarces, introduzia-se em todos os objectos, e dava maléficis poderes áqueles a quem conquistava a alma; e esses poderes estendiam-se ás palavras, ao olhar, aos gestos e até aos actos mentaes. Era uma nova e complexa modalidade onde toda se absorvia a alma do povo. Estava achado o mais nefasto dos agentes.

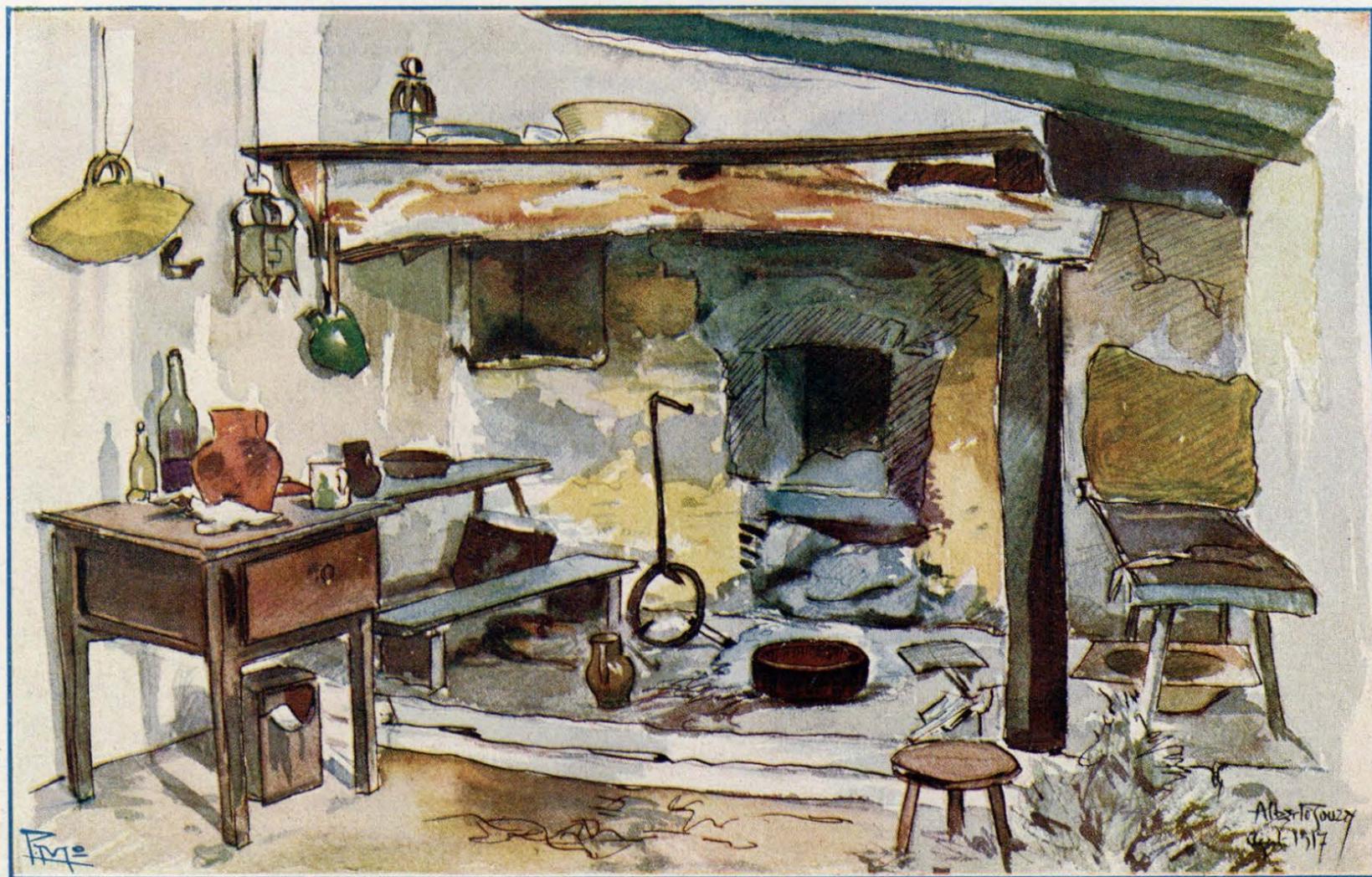
Estava já creado o feiticeiro, o adivinho, o intermediario entre o homem e os deuses: — era um eleito, um purificado, um clarividente a quem as divindades obedeciam ou cujos rogos entendiam e escutavam. Do feiticeiro foi que nasceram os sacerdotes de todas as religiões.

Havia o deus do bem e o deus do mal. Era ao primeiro que os sacerdotes imploravam a protecção contra o segundo. Era já um grande descanso para a alma humana, que, assim, tinha a quem directamente pedisse a protecção divina. O feiticeiro podia ser um crente ou um explorador. Perante a fé humana era um simples nevoeiro a occultar os fulgores da luz.

A cair neste estado psicologico chegou o catolicismo prégando as suas misticas e maravilhosas doutrinas, creando aquela tão bela e tão sentida redenção da humanidade, e impondo os seus dogmas e misterios: — era mais uma aluvião de causas que vinha perturbar a alma humana e que mais concorria para avolumar a luta dos preconceitos religiosos e a crença do sobrenatural.

A propria scisão dos anjos, os anjos fieis e os anjos rebeldes, os proscritos — isto é a felicidade do céu e as torturas do inferno, tudo continuava a confirmar a grande e eterna doutrina do bem e do mal. Eram novas visões e alucinações religiosas que vinham dominar a alma e imperar nela com o mais nitido exclusivismo.

A'queles a quem o diabo conquistava a alma chamavam-se — *os tomados do diabo*. Foi esta criação um duro sacrificio moral, especialmente para certos doentes. Os estrabicos tinham a obliquidade do olhar — que era um olhar mau; os corcundas não podiam levantar os seus olhos para o céu; os anémicos não tinham a côr rosada da saude, e estavam tomados do mal, andavam fóra da graça de Deus; e era nos histéricos onde o poder do diabo se manifestava em toda a sua grandeza. Era naqueles esgares e contorsões, naquela espuma que raivosamente saía da sua boca, naquele olhar aggressivo, hediondo que provocava o



INTERIOR DE COSINHA — CASAL DO REI
(Aquarela de Alberto Souza)

AS COISAS

medo e o pavor ; naqueles movimentos desordenados e violentos, naquela força sobrehumana que os animava durante os espasmos ou as violencias do seu sistema nervoso, naqueles gritos desordenados e palavras incompreensíveis que pronunciavam durante um acesso, naquele esquecimento de tudo o que se tinha passado, naquelas modalidades, emfim, do terrível mal, em tudo se viam motivos para acreditar que o diabo se tinha apoderado do corpo do infeliz.

O catolicismo confirmou a crença e creou os exorcismos com que expurgava o corpo e a alma d'aquêle tremendo mal. Para os casos mais rebeldes impunha as penitencias, os jejuns e as peregrinações. Era preciso que o corpo sofresse para ser agradável ao Deus supremo, e para se tornar digno da sua atenção e misericórdia.

A mais arcaica representação do histerismo, na sua manifestação diabolica, que conhecemos em arte portugueza, acha-se numa edicula do tumulto de Pedro I, em Alcobaça. Está ali toda a lenda : — um missionario catolico — S. Bartolomeu-acorrenta o diabo ; e é o proprio diabo que derruba o idolo — que é representado numa figura de mulher. E' uma *tomada do diabo* na mais perfeita representação de histerismo, naquela sentida e bem estudada *curva histerica*, que assim chamou a sciencia a essa manifestação mais nitida daquela terrível doença.

Emfim, a religião catolica era a religião dos prodigios.

Aos propios astros se foi procurar a razão das coisas, e a astrologia teve a sua epoca no mundo. Nos astros se liam coisas do futuro e deles se tiravam os vaticinios, as sinas do homem, e se faziam extranhas adivinhações. A' astrologia juntou-se a alquimia que deu origem á quimica, e onde nos metaes, nas pedras, e até nos animaes se procuravam transformações e se pretendia explicar os misterios da natureza. Era o dominio do mais completo subjectivismo.

Seriam infinitos os casos que concorreram para o culto e para a divinisação das coisas, embora nas fórmas mais inesperadas e fantasticas.

Por todos os casos descritos, por tudo o que seria impossivel referir no curto espaço deste estudo, e ainda pela vasta derivação que deles teve logar, se conclue toda a extensão e todo o capricho da fantasia humana no grande campo da religiosidade ; e compreende-se quanto será difficil ligar á sua origem, ou simplesmente relacionar, muitissimos casos que nasceram doutros casos particulares de psicologia exclusivamente pessoal.

E' vasto e belo esse estudo para quem o souber fazer, porque é trabalhar com a fé scientifica da nossa era, sobre a fé antiga, a fé primitiva que arrancou o homem ás materialidades da vida animal.

Quizemos, no limitado espaço de uma revista, justificar as causas das crenças capitais da humanidade. Muito ou quasi tudo fica por dizer, porque é grande a vastidão desse campo, e infinitas as suas fórmas.

Para o poder fazer, seria preciso sentir as causas que as produziram com aquella pureza e misterio das almas primitivas, mas nem sempre isso era facil. Era preciso viver com o povo, sentir como ele, e viver no seu estado isolado de crenças, de superstições e de reduzidos conhecimentos. Era preciso vêr como uma superstição, uma crença surge naquele espirito ingenuo, como os mais absurdos casos são aceites, e como nele impéra a grandesa invencivel do sobrenatural.

AS COISAS

Muitas vezes se ouve contar um caso que deu origem a uma superstição, ou confirma outras, e esse caso, ha pouco acontecido, já se duplica, se espalha e se confunde.

O aparecimento de uma *coisa má* — *espírito, lobishomem, bruxas*, etc., de dia ou de noite, é coisa muito frequente nos acontecimentos da aldeia.

Os ataques de alto histerismo, conjugados com a vontade de obter um fim, são motivos de exploração pecuniaria, de exigências religiosas, de sobrenatural e de crença.

É tipico o caso que vamos narrar.

Numa aldeia serrana existe uma família composta de pae viuvo, filhas e filhos. O chefe da casa era então nosso lagareiro.

Ao nosso conhecimento chegou a narração dos mais estupendos acontecimentos na casa do nosso operario. A filha mais velha fora *atacada por um espirito*, e repetia palavras que Deus lhe dizia: — quais eram os maiores pecadores, que o mundo acabaria no curto espaço de alguns dias, porque Deus assim lho disséra. Que para salvação das almas era preciso que se visitassem em romaria — o Senhor da Pedra, a Senhora dos Remédios, a Senhora da Nazaré. Impunha ao pae essas peregrinações e, o pobre velho, lá ía com a filha acompanhada de exploradores e de crentes.

Faziam-se farneis, alugavam-se carros, e a comitiva lá marchava de uma para outra igreja, numa louca folfa.

No entretanto, na aldeia, faziam-se promessas a Deus, e executavam-se as penitencias mais severas. Poucos dias faltavam para que o mundo acabasse, e era preciso tratar das almas.

Na nossa casa havia operarios da região que nos contavam as visões da alucinada, que repetiam, cheios de terror, as ameaças que, pela boca dela, Deus fazia e os altos castigos que ía executar.

Procuram acalmar a colera divina e fazem-se as mais severas penitencias. O sacrificio do corpo era o mais agradavel a Deus e sofrer dores, por ele, era a penitencia ideal. Então cada um, da sua morada, saía de joelhos, e de joelhos caminhava até á pequena capela, d'onde esse Deus sairía para gosar a sua vingança.



TIPO REGIONAL

O trajecto é longo e póde comprehender-se entre um e dois kilometros. O caminho é cheio daquelas duras rochas jurassicas; os joelhos ferem-se, mas as dôres e o sofrimento são agradaveis a Deus, e nada importa que o corpo sofra para salvar a alma. Os joelhos marcham, feridos, chagados, mas marcham sempre, até que a extenuação invencível e a dôr suprema dominem o corpo.

A' noite, á hora em que Deus mandava o *espírito á santa*, que assim já chamavam á rapariga, juntava-se a visinhança e alguns curiosos vindos de longe e onde a fama já chegára. Havia um interprete, um iniciado, que ía traduzindo os gestos e as palavras, por vezes desordenadas, da possessa.

Vinham os ataques de furiosa loucura. Com os olhos esgaseados, boca espumante, gestos e atitudes diabolicas, fazia investidas contra certas pessoas, predizia riqueza a uns, desgraça a outros, fazia promessas e ameaças. Investia contra o proprio pae, e, mais de uma vez, tentou agredíl-o.

AS COISAS

Depois, pela sua bôca falavam as almas dos mortos. Faziam, perante os ouvintes, a confissão dos seus pecados e até dos seus crimes. As famílias vinham ouvir o que elas lhes mandavam dizer pela bôca da *santa*, escutavam os seus conselhos, cumpriam as suas exigências. Ordenavam esmolas e missas e mil coisas fantasticas. A fama corria e de longe chegavam pessoas que queriam ouvir as palavras dum morto querido, a quem Deus concedia a graça da comunicação.

Um dia chega em que no espirito do velho se levantam suspeitas sobre o valor da filha e do iniciado, e, cheio de indignação, pretende castigal-a. Os espectadores tomam attitude hostil, e não permitem que o pae bata na *santa*. O pobre velho é agarrado, empurrado, obrigam-no a descobrir-se, a ajoelhar e a rezar, e pouco faltou para não ser victima da ira dos circumstantes.

Tudo isto se passa nas proximidades de uma romaria na propria aldeia. A rapariga vae a ela, cercada pelos adoradores da sua *santidade*. O padre, sabedor dos casos referidos, chama-a, aconselha-a, diz-lhe que não abuse da bondade de Deus. Ela, então, toma uma attitude desordenada, agressiva, diabolica, e tenta agredir o proprio padre. O povo opõe-se e leva-a para casa.

Ao termos conhecimento destes casos julgamos indispensavel uma intervenção. Dirigimo-nos ao administrador do concelho e pedimos providencias. A rapariga e o seu iniciado foram presos e conduzidos á cadeia d'Alcobaça.

E foi nessa cadeia que, ao fim de dois dias, ficou acorrentado aquele *espirito* e a sciência daquele interprete, enquanto muitos homens e mulheres, estendidos na cama, tratavam, com mésinhas, as chagas penitenciosas dos seus joelhos.

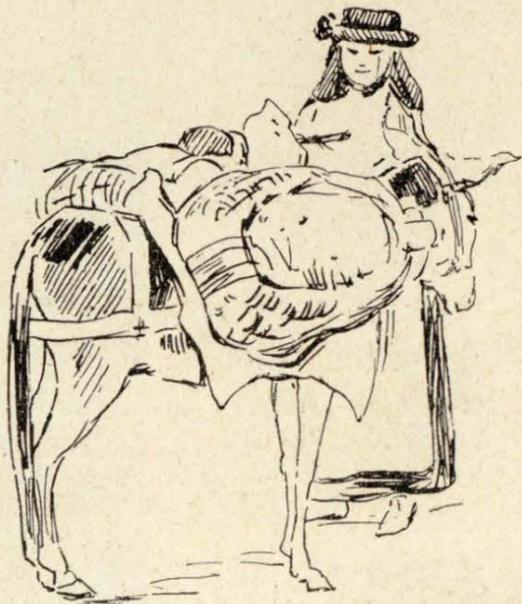
Outro caso não menos interessante é este: — De Alcobaça ha uma estrada que conduz á região serrana, e que nós repetidas vezes seguimos, por ser tambem caminho para propriedades nossas naquela região.

Um dia alguém nos sae ao caminho dizendo-nos — que não viesse de noite porque aparecia por ali *coisa má*, que luzia muito. Seguimos e não nos lembramos mais da prevenção. Voltamos de noite, e durante o trajeto, só os fulgores de um grande pirilampo entre as hervas rasteiras da valeta chamaram a nossa atenção.

Novamente avisados, investigámos e viémos a saber que o pobre insecto, nas suas chamadas d'amôr, era causa daqueles extranhos receios.

Doutra vez um gracioso namorado lembrou-se de causar um susto ás raparigas que íam á fonte, um pouco distante da povoação. Quando as raparigas passavam, escondia-se e atirava-lhes pequenas pedras, que, por vezes acertavam nos cantaros. O terror surge, a crença de *coisa má*, no caminho da fonte, estabelece-se como coisa indiscutivel.

Um ramo d'arvore que oscila no vago da noite, um som desconhecido, um ruído pela calada da escuridão, tem para o povo causas sobrenaturais.



VENDEDEIRA DE CAL — PATAIAS

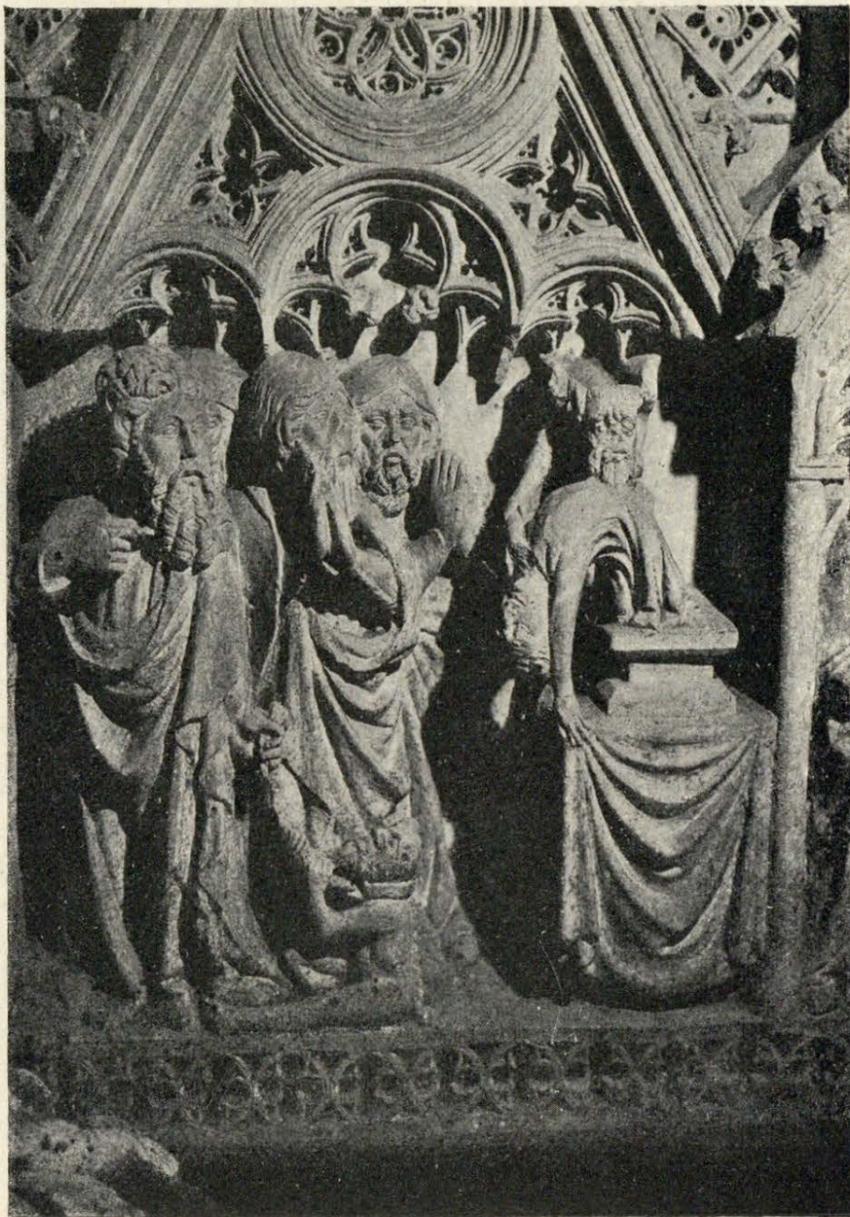
AS COISAS

São infinitos os casos desta ordem, donde se conclue o alto grau de sensibilidade supersticiosa da alma popular.

Nestas crenças e superstições d'ordem vulgar e que tanto concorrem para empobrecer o espirito, é que, nem sempre se pode referir uma origem. Nascem do acaso. São modalidades que resultam d'um aspecto momentaneo e que, uma vez produzidos, se modificam e transformam nas mais variadas incidencias; perdendo toda a fôrma e até toda a significação primitiva.

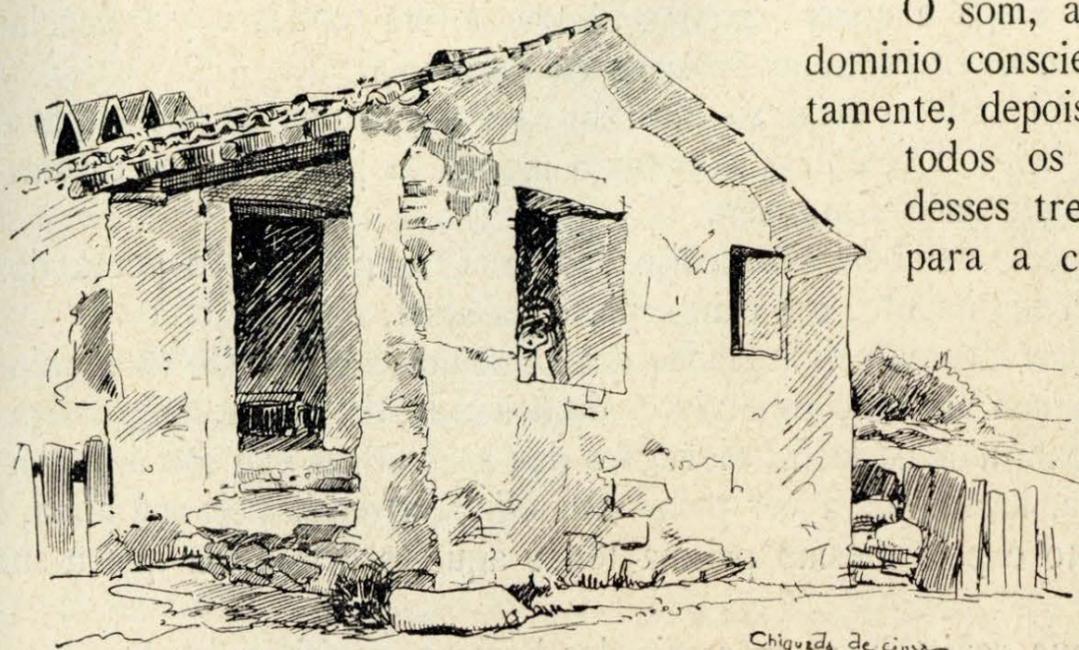
Do pouco que fica de cada uma, e da soma que dessas coisas se fez, é que nasceu a psicologia pseudo-religiosa do povo.

Mas não é só na alma do povo que a superstição existe. Nos jornaes da capital repetem-se os anuncios onde sonambulas e adivinhas relacionam os seus maravilhosos vaticinios, e a abundancia dessas sonambulas, clarividentes ou mulheres de virtude são, em tudo, bem dignas representantes da *bruxa* das crenças populares.



FONTES DA ARTE

O SOM



CASA DE CHIQUEDA

Chiqueda de cima

O som, a côr e a fôrma entraram no dominio consciente do espirito humano, certamente, depois de terem sido creados quasi todos os cultos objectivos. A analise desses tres elementos era indispensavel para a creação concrecta dos deuses.

Até então o som, a côr e a fôrma existiriam no espirito grosseiro do homem, sem interesse, sem curiosidade, e sem outro motivo que não fosse aquele com que a inconsciencia conhecia os caminhos, as coisas, os animaes e os perigos.

O sentimento, a arte e o poder creador do homem foram a resultante da observação da natureza e da analise profunda das coisas. Foi observando, estudando e entendendo que o animal se transformou em homem.

O homem escutou o cantar das aves, o cantar do vento, o cantar da floresta. Distinguiu o canto melodioso da ave, do som plangente do vento, do sibilo e do estrondo da tempestade, do urro das feras, do gemido ou balido dos animaes.

As aves tinham cantos da mais doce melodia, modulações de extrema delicadeza, escala de sons, pios de dôr, hinos d'amor e canções de saudade.

A floresta gemia, assobiava, cantava quando o vento lhe dobrava as verdes copas, dando-lhe movimentos e vibrações que nada se pareciam com o horror das tempestades.

A agua despenhava-se em cantos delicados na queda das fontes ou bramia ferozmente no ronco profundo das torrentes. E até o mar, na sua vastidão infinita, quebrava na espuma das ondas o seu fragor de ameaça ou a sua caricia de encanto.

O homem viu tudo. Tudo tinha um canto belo ou terrivel. Viu, escutou e aprendeu a cantar.

No canto das aves não havia o ritmo da vida; não havia o pulsar da nota subordinada ao tempo e ao movimento; era um cantar que só obedecia ás vibrações de um sentir. Era a nobre e plena liberdade da voz, por onde a alma golfava, em ondas de poesia, todas as delicadezas do sonho. O canto das aves era o mais formoso dos cantos da natureza.

Foi ouvindo o cantar das aves, das florestas, das fontes, e das tormentas que o homem começou a modular a sua voz. E, como a ave, cantou aquelas melodias, aquelas delicadezas que a sua alma feliz ou desgraçada sentia.

Fez o canto da morte, onde a sua alma cantava a dôr; fez o canto da vitoria no mais

FONTES DA ARTE

rubro dos entusiasmos; fez o canto da guerra que era o hino de destruição e de morte; fez os cantos d'amor, onde a sua alma gemia as torturas da dôr e da saudade, ou fulgurava nas intimidades do prazer; os cantos d'amor, que serão sempre o tema mais rico, mais belo e mais doloroso das sensibilidades do coração.

Fez a musica para os seus dançares, e foi ahi, certamente, que o ritmo musical nasceu.

A sua voz, embora fosse longa a aprendizagem, elevou-se em toadas e plangencias divinas e enriqueceu a terra com as ritmadas modulações da harmonia.

Senhor da melodia, e dominando o som, só lhe faltava a linguagem da poesia para, cantando, dizer as coisas mais belas. Ele, então, adaptou a musica ás palavras que o sentimento mais fazia vibrar, e o poeta nasceu tambem.

Como o artista, era o poeta tambem uma coisa áparte. O artista era o poeta das coisas, o poeta era o artista do sentimento, era o interprete da alma.

O poeta e o artista eram creaturas privilegiadas que punham em vibração os requintes do sentir, e para quem existiam alucinações e visões de bondade, de beleza, de grandeza e d'amor. As suas almas arrastam-n'os naquelas elevações das suas obras que são a linguagem mais bela e mais sugestiva, levam-nos a ver pelos seus olhos, a sentir pela sua alma, e a observar pelo mesmo aspecto e pelo mesmo prisma todas aquelas coisas em que a sua alma incide.

Foi o poeta, cantando, que registou, na memoria dos homens, os feitos dos homens e das raças; foi o poeta, cantando as suas visões, que creou e avolumou as religiões mais sublimes, que pôz no espirito do homem menos sensível vibratilidades e delicadezas que, até ali, não existiam.

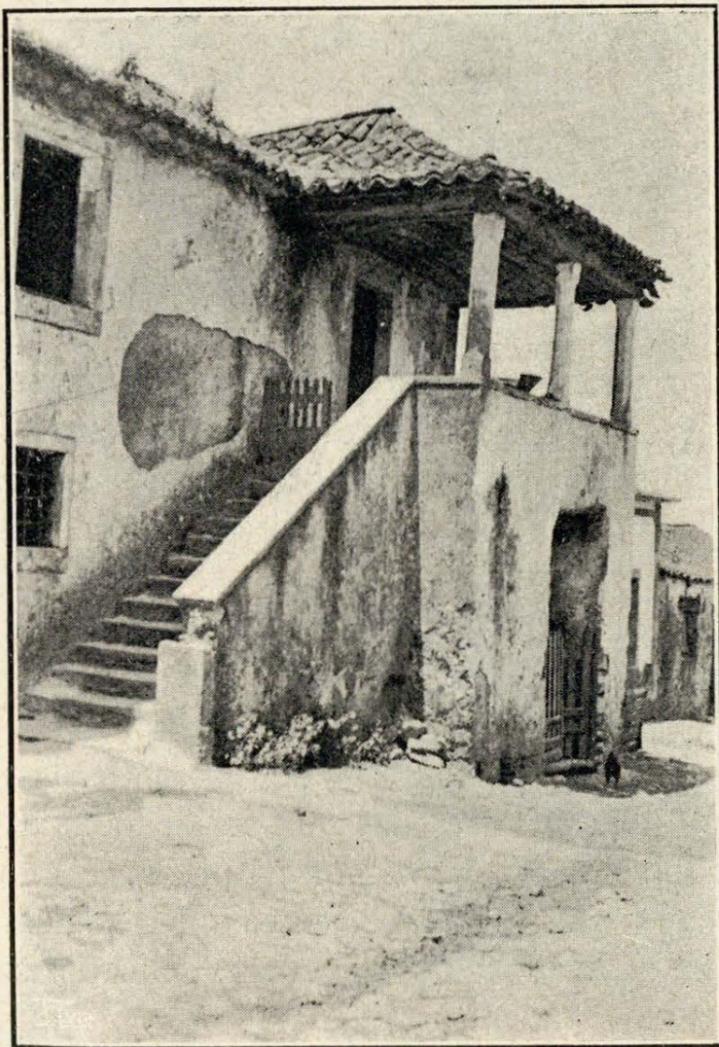
Fez as biblias das religiões, do amor, e das coisas belas.

Vivia na região do sonho, num céu áparte, numa região divina onde tudo era belezas e encantos. Impunha aquelas concentrações e abstrações da alma que nenhum outro poder conseguia.

O poeta era a sublimidade do sentir; e a sua obra de palavras e de musica — de poesia e de sons — era a unica obra d'arte que se podia atirar a todo o mundo, e por todo o mundo ser comprehendida. Elevou ao sublime as delicadezas do amor, o valor dos heroes e fez os cantos eternos da patria estremecida.

Dos poetas se fizeram semideuses, porque dos deuses era a linguagem dos poetas.

E foi a modelação do som, que a avésinha amorosa lhe ensinara, que fez uma das mais belas creações do espirito humano, e onde nasceu a grandeza da epopeia, a religião cultural das raças e a ciosa pureza das nacionalidades.



CASA DE TURQUEL

FONTES DA ARTE

A CÔR E A FÓRMA

A fôrma era o desenho e a beleza material das coisas. A côr era a delicadeza que as fazia sentir.

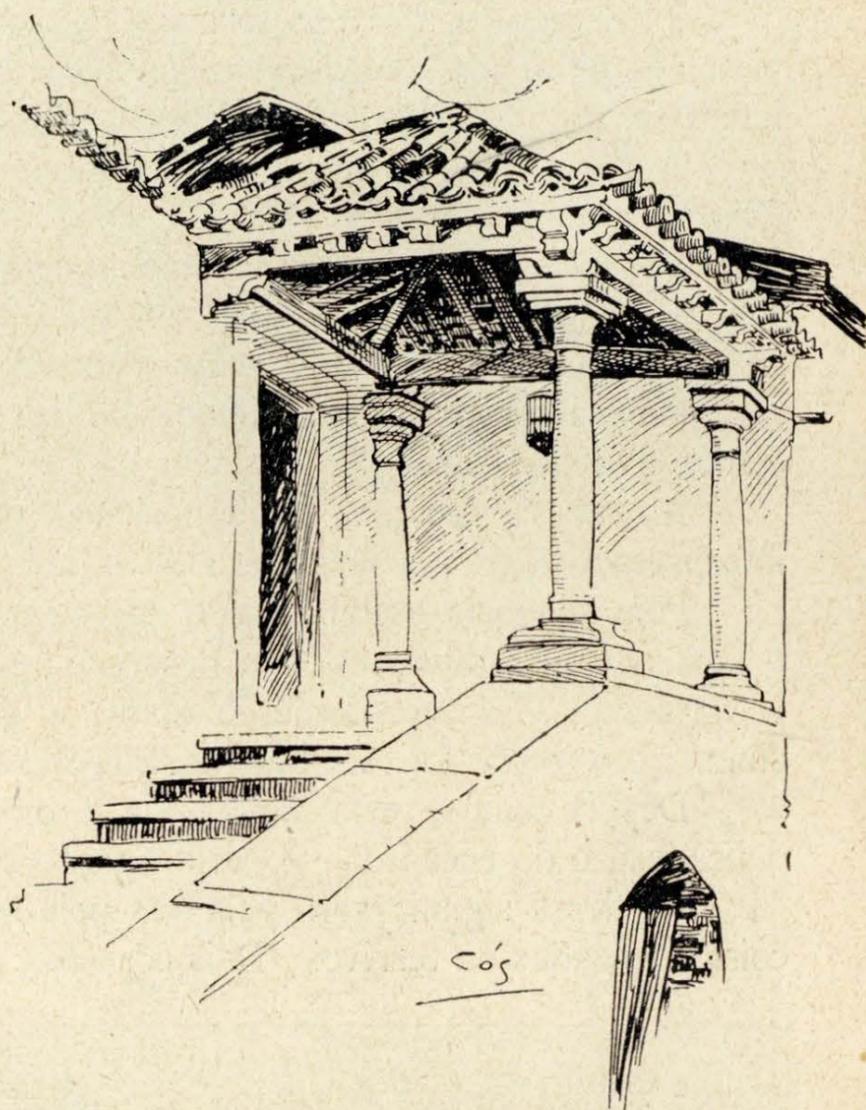
As arvores, embora vestidas com o mesmo verde, distinguíam-se pela fôrma dos seus troncos, pela fôrma das suas braças, pela fôrma das suas folhas e das suas flores. Cada arvore tinha a sua fôrma, como cada gruta tinha o seu caminho. A fôrma era uma lei infalível que a natureza inventára para distintivo maravilhoso da criação.

A fôrma, a dimensão e a côr, eram atribuições de cada especie, e cada especie crescia dentro das leis que a natureza lhe creára. Só muito excepcionalmente essa lei era excedida, mas, para isso, só tinham poder os acasos do nascimento, ou a incidencia directa ou indirecta do sol.

Era a planta pequenina que mal se distinguia á luz dos olhos, era a planta, rastejando na terra, e a ela unindo o seu caule, sem dela se apartar; era a planta voluvel subindo por outras plantas em amoroso abraço e fugindo á terra mãe onde só deixava presas as raizes; era o colmo esguio e flexivel, de esguias folhas presas á haste, adejando como azas, e dobrando-se á aragem mais leve; era a planta vigorosa e comprimida, não se vergando á tempestade que passa; eram os arbustos crescendo acima das ervas, eram as arvores excedendo tudo quanto a natureza creára, elevando a sua imponente grandeza como energias vigorosas da terra; eram as

plantas aquaticas, que, com a leveza especial da sua formação, sobre as aguas deixavam flutuar as suas folhas brilhantes e as suas flores como estrelas caídas do céu. E cada uma tinha a distinção do seu recôrte, a intenção do seu desenho, a exatidão da sua côr.

Na escala infinita dos animaes observou o homem a mesma riqueza, mas ali havia particularidades que deviam satisfazer a um fim. As aves, que eram animaes de fraca defesa, tinham azas, para voarem no espaço azul, em velocidades que outras coisas não atingiam; muitos insectos protegiam a fragilidade das azas, que o mais leve toque quebraria, com a couraça dos seus elitros; as borboletas irisadas salpicavam a floresta e a campina com a leveza das suas azas ricamente coloridas, como pequeninas almas que vem matar saudades da terra; os reptís rastejavam entre as ervas, sem membros para a marcha, como misterios que fogem; os grandes animaes tinham armas poderosas para o ataque ou membros vigorosos para a fuga; e até os peixes, nas suas scintilações de metal, tinham fôrma diferente dos animaes da terra.



CASA DE CÔS

FONTES DA ARTE

A cada um pertencia a sua fôrma como a cada um pertencia a sua côr. A escala era infinita.

Depois observou os frutos das ervas e os frutos das arvores. Desconhecendo-lhe o precioso valor, onde existia, latente, a vida vegetal futura, ele só se deixou absorver pela riquíssima pureza daquelas fôrmas, que em nada se pareciam com a fôrma das outras coisas.

Em tudo isso estava a g nese futura da arte, os embriões da sciencia e a pureza da verdade.

Para tudo existia uma fôrma invariavel, uma c r inconfundivel; tudo isso se apresentava aos olhos do homem com equilíbrios e belezas que, cada vez mais, lhe provocavam o interesse, a observa o e a análise das coisas.

A c r e a fôrma eram a vida porque as plantas e os animaes, morrendo, perdiam a fôrma e a côr.

Por elas se conheciam as montanhas, os companheiros e os caminhos, por elas se conheciam as pedras, as arvores, as escarpas e as coisas que guiavam por entre o espesso da floresta ou nas digressões mais afastadas.

Com a fôrma se fez o simbolismo das coisas, como com as côres se fizeram os simbolismos do sentimento.

As côres eram uma linguagem sem palavras, mas de exacta significa o, sem falsas interpreta es, e cada uma das mais nitidas côres dizia um sentir exacto da alma.

Para a morte escolheu-se o negro; o branco significa a pureza, a paz e a felicidade; o amarelo, — o desespero e o desprezo; o roxo, — as tristezas, as dores e as saudades; o vermelho, — o entusiasmo, o amor, a guerra e o orgulho; o azul, — as agudezas do cume; e o verde foi escolhido para representar o sonho delicioso da esperança.

Depois uniu-se esta simbologia   das flores; era a união da c r e da fôrma — da delicadeza e do encanto — e desta liga o resultou uma linguagem d'amor.

As flores significavam palavras pela sua fôrma, e pela sua especie; e pela c r diziam coisas delicadas ou terriveis. Dois cora es podem amar-se, ligar-se, odiar-se ou separar-se

para sempre, arrastados pela significa o de uma flor ou de uma c r.

As flores e as côres são os mensageiros da alma, os correios do cora o, os portadores de beijos que uns labios ardentes e saudosos mandam a um amor distante. São agentes indiferentes da vontade, levando a verdade ou a mentira, um sentimento falso ou verdadeiro, um estremecimento d'amor ou uma nota oculta da ironia.

A heraldica inscreve côres simbolicas nos seus escu-

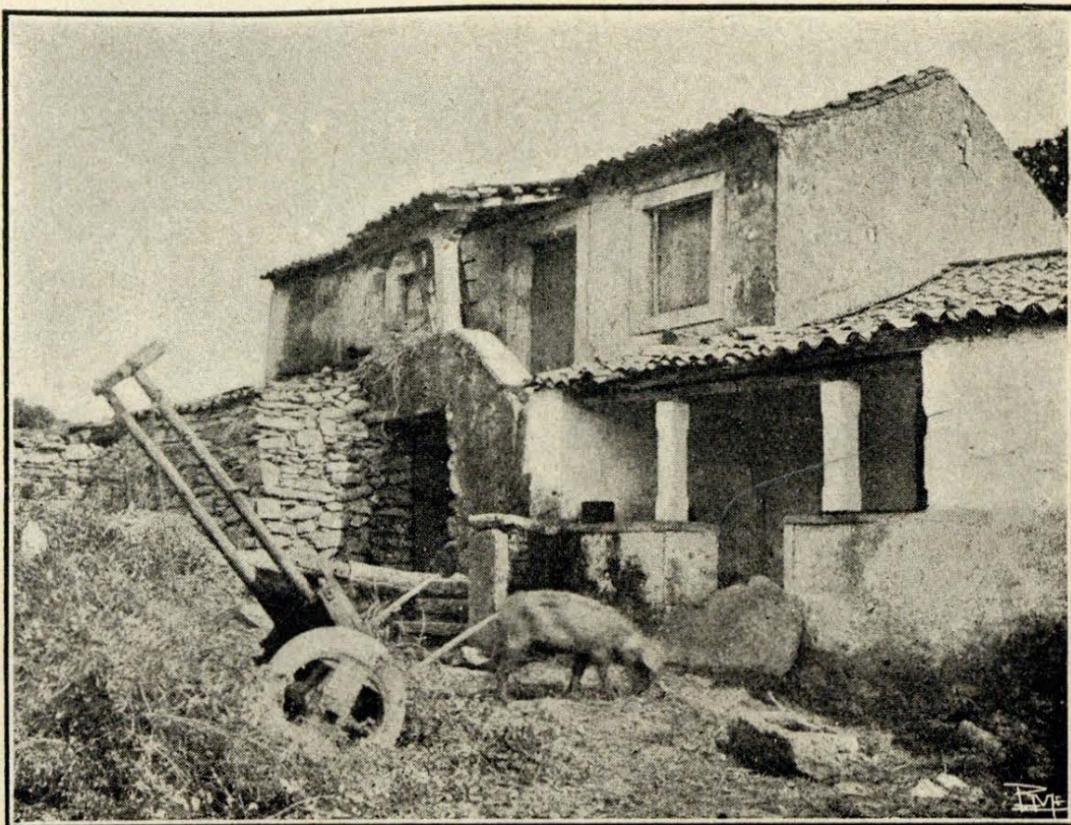


CASA DOS MONTES

FONTES DA ARTE

dos, e, as nações, na vastidão do mar ou na vastidão da terra, simbolisam-se nas côres dos seus estandartes.

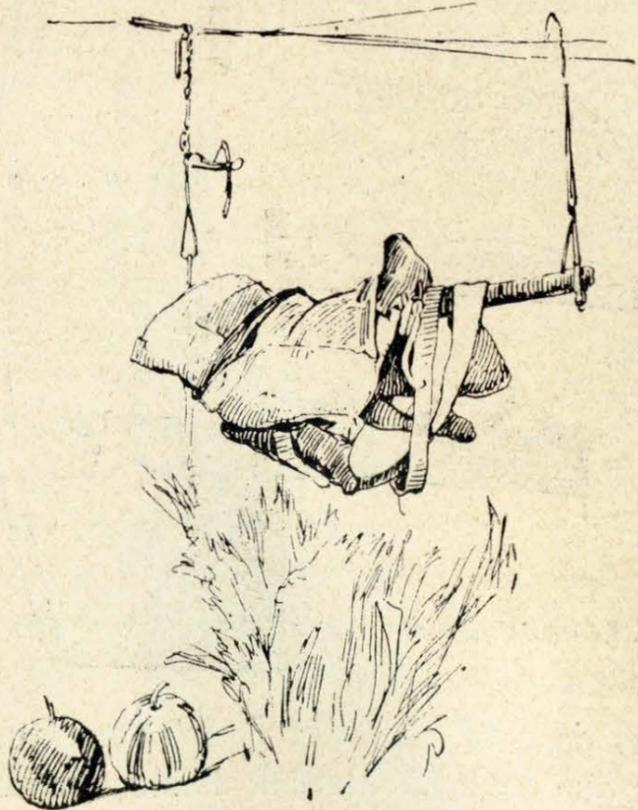
A propria igreja tem as suas cores liturgicas: — o branco, o vermelho, o roxo, o negro e o verde. O branco era a pureza e a alegria; o vermelho era o sangue dos martires; o roxo era a tristeza e a penitencia; o negro era o luto pelos mortos, o verde era a esperança no céu. O amarelo, que era o desespero, não tinha, embora usado, significação liturgica, por que ninguém deve desesperar da graça de Deus.



CASA DOS COVÕES

Sob todos os aspectos o homem adorou a côr, como adorava a fôrma, como adorava o som. O vermelho era a côr do sangue e da vida; o verde era a côr da esperança, a côr do que renascia.

O homem, um dia, quiz imitar a natureza, quiz fazer, pela sua mão, alguma coisa de belo. Só a pedra, até ali, obedecera aos caprichos da sua vontade, e já para a fôrma das suas frechas se inspirara na folha triangular, sagitada, como a sua lança fôra modelada pela folha do loureiro, como as contas do seu colar tinham sido inspiradas pelos frutos esféricos. Muitos frutos e sementes apresentavam na sua superficie desenhos caprichosos que os seus olhos admiravam.



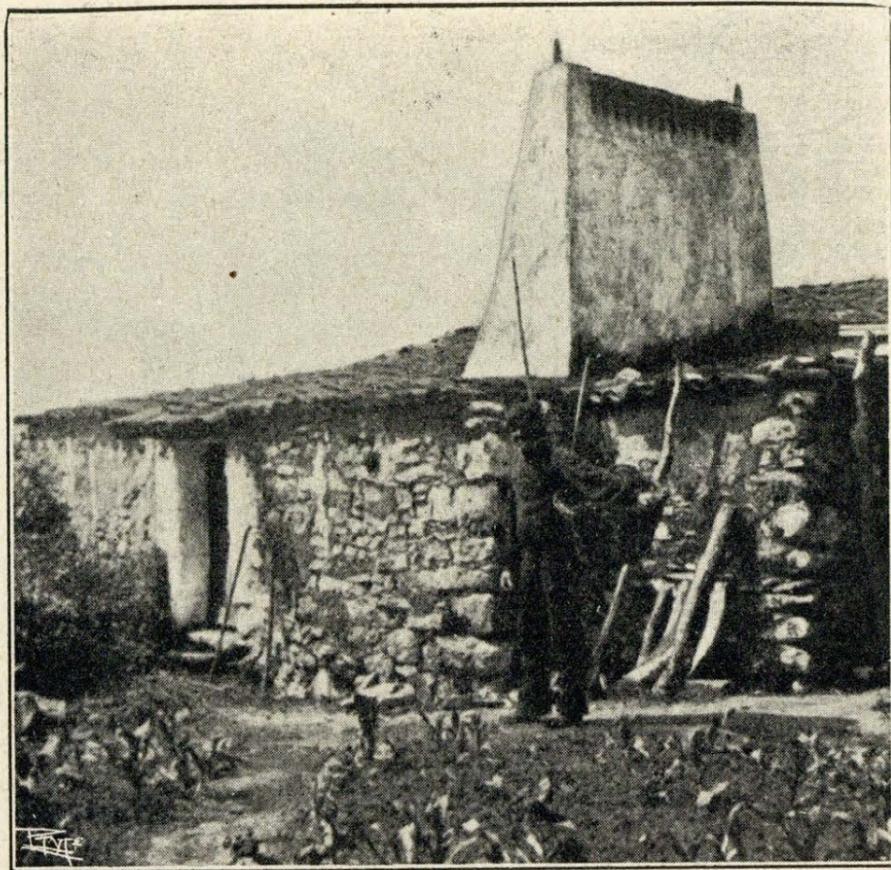
O PAU DA ALVARDA

O homem, então, nas pedras mais tenras e nos barros frescamente modelados gravou também: — primeiros traços sem significação, depois ornatos, enfeites, símbolos; depois pretendeu representar os animaes, e o proprio homem.

A' proporção que a civilização avança, o homem multiplica a grafia das suas representações aproximando-as, cada vez mais, da realidade. A pureza da fôrma era a grande dificuldade para a sua mão inexperiente, para a sua intelligencia mal cultivada, para os seus olhos que sabiam entender a beleza das coisas, mas que não sabiam recortal'a nas suas minudencias.

Primeiro usou a simplicidade do traço, numa convenção ainda hoje adaptada na arte popular; depois fez

FONTES DA ARTE



CASA DO CASAL DO REI

a ingenuidade das cores tiradas das terras mais vivas e mais brilhantes com que ele pintava o rosto para ser mais formoso. Foi com essas terras que ele pintou nas pedras das antas e nas paredes das grutas a simplicidade ingenua das suas zoografias.

E foi ali que nasceu a pintura — a arte divina da cor.

A representação da natureza, pela forma, era talvez mais facil aos olhos do homem primitivo. O trabalho do silex e outras rochas de extrema dureza, era fatigante, e não podia exceder um numero limitadissimo de formas. O barro obedecia á sua vontade, e foi, certamente, ao ver o desenho do seu pé, quando pisava o barro amolecido pelas chuvas, ao ver gravado nesse

barro o desenho dos pés das feras que temia ou da caça que procurava, que ele recebeu a sugestão de o aproveitar para os trabalhos caprichosos da sua imaginação. Tomou, então, o barro e modelou-o. Fez, primeiro, os utensilios precisos para as suas diminutas necessidades, inspirado na forma dos grandes frutos; depois inventou outras cobriu-as de traços, e, por fim, imprimiu-lhe as cores.

Desde esse dia a sua arte progrediu vitoriosa e triunfal, desde esses esboços fantasticos da prehistoria até chegar aos marmores impecaveis da Grecia. Achou-se em documentos eternos, toda inteira a evolução da escultura, na simplicidade da sua concepção, no seu estudo representativo, até chegar á soberba criação dos deuses.

O homem fez as suas obras, admirou-as e adorou-as. Foi assim que nasceu um culto, quasi uma adoração pelos grandes artistas; e essa adoração não se apaga porque os artistas pertencem aos grandes privilegiados que lançam, no espirito do homem ignorante ou culto, aqueles assombros, aquelas comoções e vibrações que nos levam a viver num mundo áparte.



FECHADURA DA PORTA NA REGIÃO SERRANA

O som, a cor e a forma são as origens divinas da arte, da arte, divina tambem, que tem fulgores tão belos como os da natureza, mas que vive na alma do homem como uma flor do sentimento da mais rica e da mais surpreendente realidade.

ARTE POPULAR

A ARTE nasceu com as primeiras vibrações da estetica. O primeiro artista foi aquele que escolheu, pela fôrma e pela côr, as peças para o seu colar, e o que pintou o seu rosto com as côres mais vivas para parecer mais formoso.

Poderia dizer-se, até, que a arte é filha da vaidade, e que o homem, vendo os capellos irisados das aves, e a delicadeza com que as plantas floresciaam, recebera a sugestão do luxo. Foi o culto da beleza nas suas claras e infinitas manifestações que do animal fez um homem.

Na escolha da fôrma do cajado que, para sua defeza, ía rasgar nos renovos da floresta, na maneira como nele ia ser engravada a pedra do seu machado, ficava registada uma manifestação de sentimento.

Era á volta das suas armas que a arte ia nascer. Marcou-as para as poder distinguir entre as dos companheiros, e, nessas marcas iniciais, é que nos parece estar a base de todas as ornamentações e a origem da mais admiravel perfeição de acabamentos.

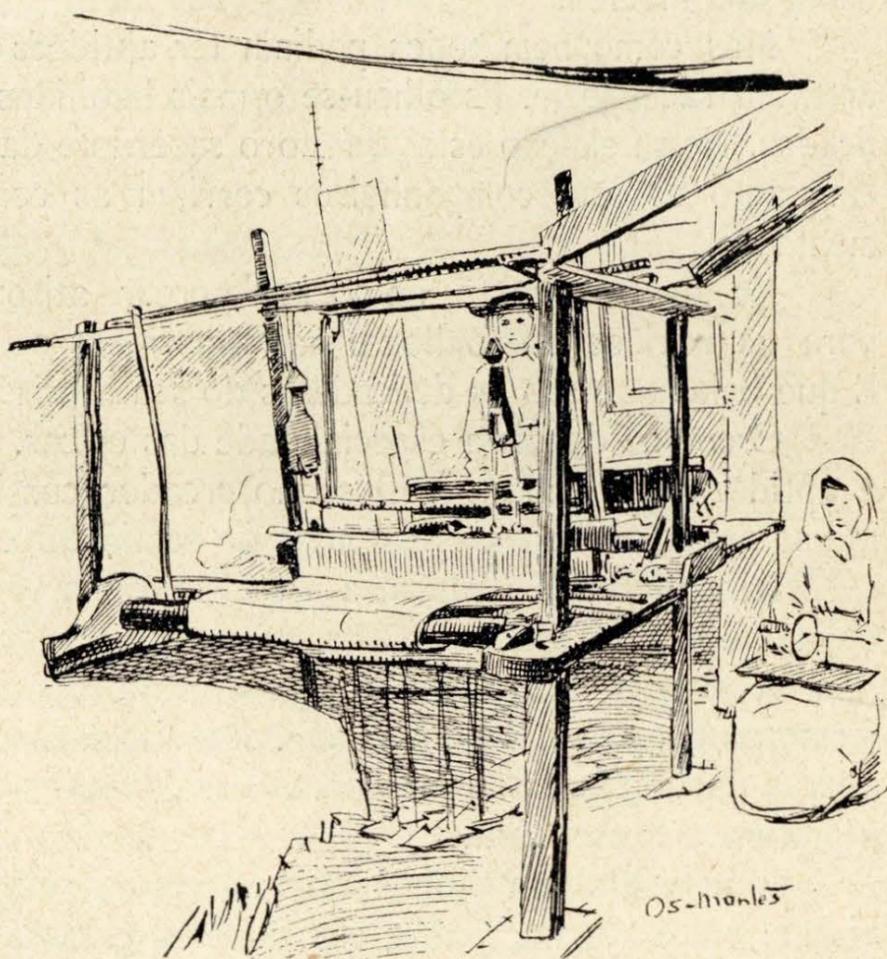
O machado do silex começou a ter forma definida e deixou de ser o calhau do acaso; as pontas de lança e de frecha começaram a ter desenho, e foi na pureza das suas linhas que a estetica nasceu. Foi prodigioso o talhar do silex, desde o perdido segredo das grandes laminas até ao delicado retoque das formosissimas pontas de frecha, que se devem considerar as grandes e preciosas joias da arte primitiva.

O homem fez, no silex, mais belas e mais ricas maravilhas do que fez a lapidaria nos cristaes das pedras preciosas. Foi belo e foi grande; e, muitas vezes, perante o precioso acabamento de muitos silices, a nossa alma tem ajoelhado subjugada e tremente.

Depois veio a olaria. O barro era a primeira coisa que obedecia aos caprichos mais fantasticos da vontade; e foi no barro que o homem imitou os frutos, e que, inconscientemente, nasceu a primeira estilisação. Do barro saía a pureza de uma intenção e as belezas gloriosas do acaso.

As peças de olaria mantinham as asperezas de barros mal escolhidos, e o homem, para disfarçar esses defeitos, e para as tornar mais belas, poliu-as, tracejou-as, e, até, nos traços mais profundos, lhe introduziu a riqueza da côr.

Como todas as coisas precisavam ter fôrmas definidas que satisfizessem a um fim, procurava-se a mais bela fôrma que ao fim satisfizesse. Era preciso que á pureza da fôrma se juntasse o encanto do belo.



TEAR — MONTES

ARTE POPULAR

Discutiu o acabamento e a beleza das suas armas de pedra, inventou as riquezas ornamentaes das edades metalicas e achou a applicação da poesia das côres.

A arte nasceu, cresceu, elevou-se como um sol que nasce para iluminar o belo e para realizar as mais doces creações da alma. As coisas belas comovem-nos sempre; levam-nos a sonhar e a sentir, e dão aquele goso intimo e profundo que traz educação e delicadeza aos sentidos.

O homem fez arte segundo o seu sentimento, e, como filha do sentimento, a arte já não podia morrer.

Mas como nem todos podiam ter aptidões manuais e sensibilidade estetica, fez-se da arte um sacerdocio. Escolheu-se o mais habilidoso e confiou-se-lhe a factura das coisas delicadas. Nessa eleição estava feito o sacerdote da arte; e então ficava na gruta trabalhando, enquanto os seus companheiros corriam as contingencias da caça e as pesquisas da alimentação.

No seu isolamento, na ancia de crear, atirou com a alma para os infinitos da fantasia, para as regiões do sonho, e nas suas mãos se ia esboçando o que por lá vira e sonhára. E que belas que são as delicadesas do seu sentir!

Creou-se depois a especialidade das coisas. Cada artista isolou-se nas suas tendencias e aptidões e foi mestre. O sonho creador continuava cada vez mais admiravel e fecundo até se apoderar de todas as notas do sentimento.

A escultura, a pintura, a architectura, a poesia e a musica surgem á luz do dia como objectivações do belo.

A singela, mas grandiosa arte era a criação divina donde haviam de nascer os mais formosos templos da humanidade. Das ingenuas representações zoomorficas deixadas nas pedras das antas e nos corredores das grutas nasciam as artes divinas da fôrma e da côr — a pintura e a escultura.

A arte era um culto, porque, como a religião, era o resultado do mais alto subjectivismo; era a alma a sonhar e a cantar a grande epopeia do belo.



RODA DE FIAR LÃ — REGIÃO SERRANA

Criam-se os mestres e as escolas. A arte sóbe, sóbe sempre até chegar ao mais alto pincaro da grande montanha do sentimento, onde se escuta a mais deliciosa das harmonias. E' a arte dos eleitos com as suas sublimidades divinas. E' o eterno sonhar da alma na ancia do intangivel.

Mas lá em baixo, na falda dessa montanha, tambem se canta, tambem se sente, tambem se cria. Ficaram lá as manifestações mais modestas da arte, e aquelas que,

HABITAÇÕES

primordialmente, fizeram vibrar a alma, mas nem por isso menos sentidas, menos belas, menos ricas e menos valiosas.

Uma caminhava, pelo sacerdocio, na suprema conquista do perfeito, nas doidas aspirações da gloria ; e já tinha, se não santos, pelo menos artistas semi-deuses.

A outra, a mais humilde, essa caminhava sem aspirações muito altas, sem conquistas de imortalidade: mantinha-se na sua humildade e ingenuidade primitivas.

Na base da montanha ficava a arte do povo, essa arte que é só dele, porque com ele vive, que só ele sente e que se tem conservado, quasi invariavel, como um exacto registo da historia. E a base e o pinCARO pertencem á mesma montanha.

E' a arte do povo que nos interessa neste momento, e dela vamos registrar alguns e curiosos casos.

HABITAÇÕES

O meu amorsinho anda
anda a amar e a padecer ;
anda a juntar as pedrinhas
p'r'as casas que vae fazer.

POPULAR.

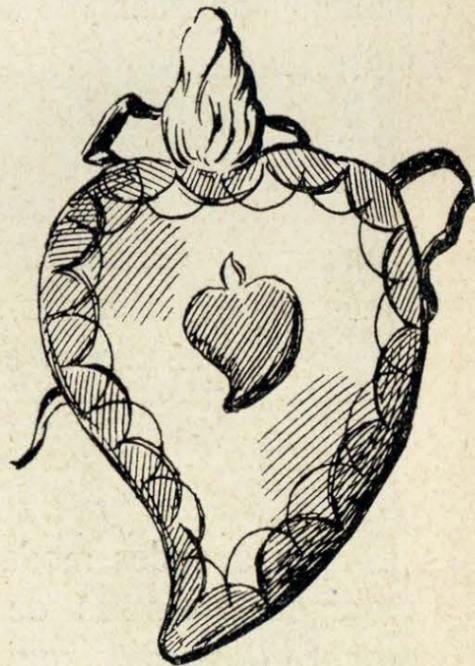
As raras habitações que chegaram até nós são documentos de eloquente tristeza. Parece, até, que na propria casa se reflectia a opressão do senhor, e que o peso do céu as esmaga.

Por toda a parte se acha feita a evolução da habitação e por isso aqui registamos alguns raros modelos da nossa região, nas suas fórmias mais típicas.

A casa enfrenta sempre um pequeno quintal, onde, como arvores de fruto só vegetam tortuosas figueiras e raras ameixeiras. Não tem janelas. Um pequeno alpendre, vedado por baixa cancela, serve de atrio. Entremos. A quadra de entrada é triste e escura. Raios de luz entram pelas juntas mal unidas do telhado e uma ou duas telhas de vidro deixam passar uma escassa luz. Ao lado alinham-se as arcas de pinho que o tempo escureceu, e nelas se guarda o pão, os legumes, o dinheiro e o bragal. Quando as abrem sae das roupas o intenso aroma do alecrim, da alfazema e do rosmaninho. Não tem outros moveis para arrumação. Uma ou duas cadeiras, quando as ha, são toda a mobilia da casa, ou então a simples tripeça feita nos ocios do serão. A arca é o celeiro, o banco e o leito.

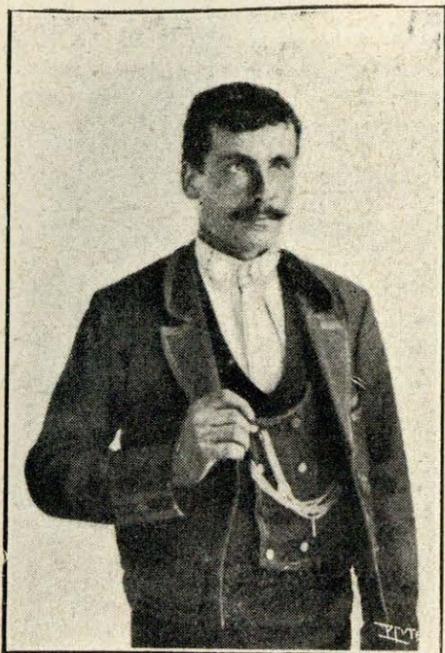
Na parede do fundo pendem os registos de santos, entre ramos de alfazema e alecrim, e ao lado deles uma candeia que é o mais simples e ingenuo lampadario.

Segue-se um pequeno quarto, a que outra telha de vidro dá luz. A um lado o catre de madeira, usualmente coberto pela manta regional, e, nos dias de festa ou casos de doença, pela coberta de ramagens. A' cabeceira está um prego d'onde pende uma candeia, e não raramente um painel com a imagem do santo da devoção.



«CONSCIENCIA» DE TECEDIRA

TRAJOS



ANTONIO GENOVEVO,
O ÚLTIMO «SARNICADOR»

Do outro lado da primeira casa abre-se a porta da cozinha que é, geralmente, de pavimento terreo. Nas paredes ha nichos de arrumação a que chamam cantareiras.

Estende-se a vasta lareira onde arde o lume sagrado, porque sagrado é o lume onde não se pode cuspir, sob pena de praticar um pecado. A' volta dela, nas noites de inverno, agrupa-se a familia, contam-se historias que a tradição conservou, fala-se dos casos, da lavoura, do tempo e dos rebanhos. E' junto da lareira que aos filhos e aos netos se ensina a filosofia da vida, que se repetem factos da historia regional, se fazem os namoros e se projectam os casamentos, e se resolvem os casos mais graves da vida.

A lareira é o santuario da familia e a assembleia da aldeia.

Tem em geral só tres divisões as casas mais antigas. Os filhos enquanto pequeninos dormem no quarto dos paes. Quando são maiores dividem-se os sexos — as raparigas dormem na quadra de entrada, e os seus catres são as arcas de arrecadação. Os rapazes vão dormir ao palheiro. Geralmente os tectos não são forrados.

O forno está geralmente á esquerda da casa, e, muitas vezes no pequeno atrio de entrada. A pocilga e os curraes ladeiam a casa.

A este raro tipo primitivo seguem-se as casas mais confortaveis, de lindo alpendre, varandim ou colunadas que tanto distingue as casas dos fins do seculo xvii e seculo xviii.

O seculo xix trouxe a casa incaracteristica, de uma porta e duas janelas, que por toda se repete com a mais horrorosa frequencia.

No povo da minha terra ha a predilecção pelas flores. Os cravos, sardinheiras e malvaíscos dão uma nota muito alegre ás rusticas habitações. O alecrim, a alfazema, plantas sagradas, e a losna, a erva de virtude, encostam-se e vegetam a um cantinho do pequeno quintal.

TRAJOS

O linho que estou ceifando
aqui nasceu e cresceu
tambem o hei-de fiar
com roca que amor me deu.

POPULAR.

As grandes modas do seculo xviii, a infiltração do luxo em todas as camadas sociaes, e, ainda, questões de ordem economica, fizeram desaparecer, quasi completamente, o encanto dos trajos regionaes. A rapariga da aldeia que era um modelo de simplicidade, que pelas suas mãos fiava e tecia todas as peças do seu vestuario, veste-se agora com os tecidos e as côres mais irritantes, e arrebica-os com os enfeites mais disparatados.

Com a perda d'aquella simplicidade, d'aquella harmonia, alguma coisa mais se foi tambem: — foi uma parte da modestia que a revestia, da ingenuidade que a caracterisava.

TRAJOS

A sua alma já não é aquela alma sonhadora; é uma pretensão viva e aspera, porque nem vale o que é, nem chega a ser o que deseja.

Os trajos antigos mal chegaram até nós. Ainda recorda o nosso espirito o curioso trajar da mulher serrana: — barrete branco de linho, arrendado com longa e multipla borla, caía sobre a cabeça e pendia sobre o hombro. O cabelo raramente se usava comprido; cortava-se em toda a parte posterior da cabeça, deixando ficar sobre a testa uma longa marrafa. Era para este caso que o barrete servia.

As raras mulheres que usavam cabelos compridos, penteavam-nos, apartando-os ao meio. As duas grandes madeixas enrolavam-se em dois crescentes de madeira lavrada, que descansavam sobre as orelhas. Ao centro deste penteado caía um boné de alta borla, feito de tecido de garridas côres.

O busto vestia-se com as *roupinhas*, de pano azul, por vezes, até, de chita; tinha largo decote, ou era quasi fechada. O seio era coberto por peitilho de veludo e renda ou por lenço branco lavrado. Quasi sempre um grande lenço dobrado em triangulo crusava no peito e atava duas pontas nas costas, acima da cintura. O bico do lenço caía nas costas em belo elemento decorativo. As côres do lenço eram apropriadas á idade.

A saia era de *lançinha* azul, de fabrico domestico, e orlada, na fimbria, de larga barra de veludo ou chita, ou ainda bordada a trancinha ou a ponto de cruz. Outras vezes escolhia-se, um tecido de garridas côres, como a que vae representada na gravura.

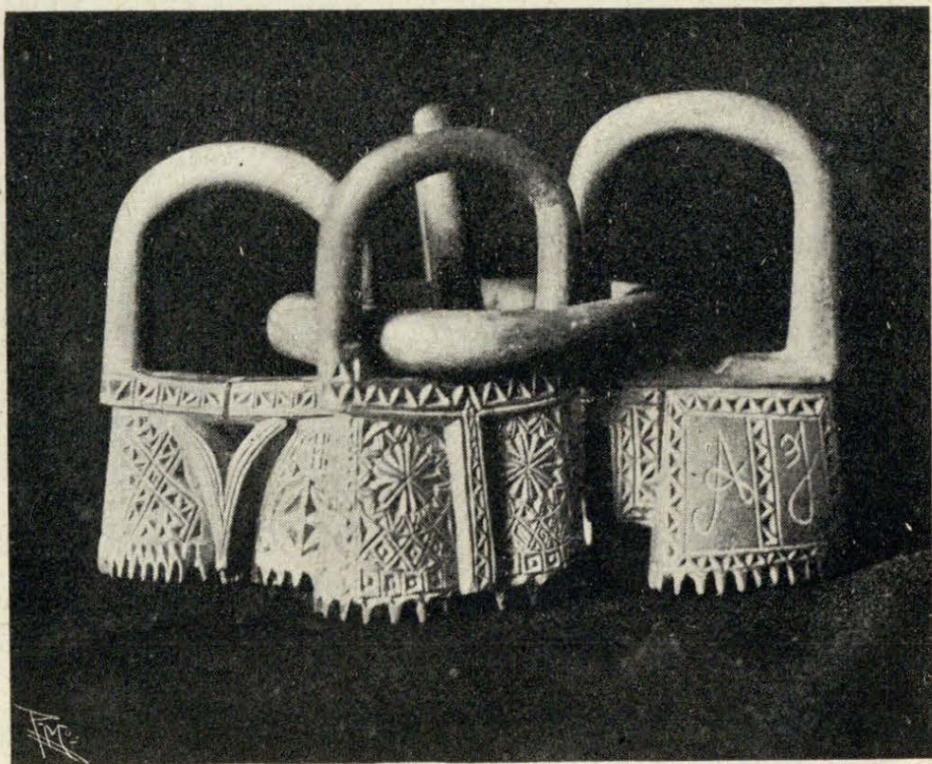
Os pés calçavam meias de lã ou de linho, e havia, para os dias de festa, as meias bordadas, cuja variedade é extensa.

A rapariga, mesmo a mais pequenina, vestia-se como a mulher, sem nenhuma alteração de fórma. Era uma delicada miniatura.

Para as festas e para a confissão tinha-se andaina propria: — na cabeça um lenço de cambraia ou *bobinete*, bordado, que só deixava a descoberto o terço medio da cara, e que lhe dava um delicado aspecto. O corpo era envolto em capa de cabeção em bico e bandas com applicações de veludo lavrado. Os homens, para os actos da igreja usavam larga capa.

Para o casamento havia a mantilha, especie de biôco, composto de curta capa com cabeção rigido, á frente do qual caía largo veu. Este biôco, era, geralmente, emprestado por casa de pessoa rica.

Ao trajar da mulher, descrito, correspondia o do homem, que era bem uma representação das andainas do seculo xviii. Só a casaca encurtára as abas, transformando-se na véstia de curto rabicho, na véstia que devia dar origem á jaleca actual. A camisa era de linho, com peitilho de preguinhas ou bordado. Nos franzidos dos hombros e dos punhos sobrepunham-se desenhos bordados,



«SARNICOS» OU MARÇAS DE BOLOS

TECELAGEM E BORDADOS

como aplicações de filigrana. O colarinho alto e dobrado, era preso por uma ou duas abotoaduras duplas de filigrana de ouro ou prata dourada. Para os pobres que não podiam comprar o metal precioso, havia os botões esfericos, de linho com aplicações de bordados imitando a filigrana. O colete era de côr garrida. Vestia calção e bota alta, ou meia e sapato com fivelas. Na cabeça o grande chapéu braguês de larga aba e borla, ou barrete de lã.

Era uma figura interessante e grave a de muitos velhos que conhecemos.

TECELAGEM E BORDADOS

Aos trajos ligaremos o interesse da tecelagem e bordados, porque ha entre eles a mais intima relação.

Na região serrana o vestuario do homem e da mulher era, e ainda é em grande parte, fabricado com a lã das suas ovelhas. A cardagem, a fição e a tecelagem eram industrias caseiras, que tendem a des-

aparecer.

A mulher fia a lã e o linho naquelas lindas rocas já denunciadas na *Portvgalia* e que são a mais rica maravilha da arte popular da minha terra. A lã é também fiada sem roca. Para este caso achou-se uma posição e um movimento adquados. Estende a folha da lã sobre as costas da mão esquerda, pucha-a com o polegar e o indicador, e, por uma conjugação bem ordenada de movimentos, o fio vae-se dando ao fuso com admiravel facilidade.

A mulher raras vezes perde tempo com a fição da lã. Nos pequenos ou longos trajectos, ou no caminho das propriedades, ou levando o jantar ao marido ou aos filhos, ela aí vae a fiar. Num pequeno cesto, que enfia no braço esquerdo, leva as folhas de lã e todo o material de fição.



PANO DE ARMAR — EM LINDA RENDA DE LINHO

INDUSTRIA PASTORIL

Caminha e fia. Dir-se-ia o fio de Ariadne, não marcando as tortuosidades do labirinto, mas a linha recta da previdencia e da economia. Por estes motivos são pouco usadas as rocas de fiar lã.

A tecelagem já hoje constituiu especialidade, e, como consequencia, um officio. O pano para o vestuario, as mantas, os alforges, tudo era produsido nos teáres manuaes que as raparigas faziam bater nos longos serões do inverno.

Dali saíram belos tipos de tecidos, e que ainda hoje conservam todo o interesse da sua originalidade. No meu amôr de regionalista fiz reproduzir alguns, e deles tirei a nota etnografica dos meus coletes.

A fiação e tecelagem domesticas constituíam uma riqueza etnografica quasi perdida. Entre outros objectos havia a delicadeza das rocas, dos sarilhos, das rodas de fiar, e, por fim, a curiosidade das *consciências*. *Consciências* eram os pesos ornamentaes do teár. Tinham, em geral, a fórma de um coração e neles se escreviam as mais amorosas palavras. Eram a simbologia amorosa, eram os poemas dos trovadores da aldeia.

Do fio da lã e da sua tinturaria resultaram os mais caprichosos objetos: — as mantas regionais de alegre policromia, as sacas do farnel, da roupa, os alforges, as franjas, e até as bolsas para os relógios; e em tudo se empregava o bordado mais ingenuo e tradicional.

O lenço bordado, a saca do farnel e a bolsa do relógio são os presentes da rapariga ao seu namorado. Em todos os lenços fulgem os simbolos, as palavras carinhosas, e os hieroglifos amorosos em abundancia magnanima. São os corações em chamas, os corações floridos, os corações atravessados por frechas, dois corações unidos, etc.

E' um coração a cantar tudo o que sente.



PANO DE ARMAR — EM RENDA DE LINHO

INDUSTRIA PASTORIL

A industria pastoril desapareceu com os rebanhos. Recordando esse tempo conservam-se de pé raros exemplos de curraes circulares, encimados pelas defesas contra os lobos. Eram formados por um muro circular, de altura não inferior a dois metros, e coroados pelas *defezas*. Estas eram largas com grande saliencia para o exterior, e na qual o lobo, ao saltar, batia com a cabeça, sem nunca atingir a parte superior do muro.

O pastor golpeava o seu cajado para fazer a contagem do seu rebanho. Ao recolher não contava, conferia. Encostava a unha do polegar ao primeiro golpe e ía-a correndo, sucessivamente, á proporção que o gado entrava.

SARNICADORES



CIRIO DA SENHORA DOS ENFERMOS

Usava a funda com que atirava pedras para fazer voltar o gado.

Os porcos marcavam-se tosquiando-lhe no flanco uma cruz ou outro qualquer sinal.

O pastor não era mandrião. Na sua vida contemplativa trabalhava. Enquanto o gado ia caminhando e pastando seguia-o ele: — fiava, fazia camisolas, meias, e até luvas da lã do seu rebanho, ou abria nas rocas, nos sarilhos ou nos badalos dos chocalhos do seu gado aquelas deliciosas e pitorescas gravuras que cons-

tituem uma tão delicada nota etnica. Era uma arte cheia de delicadesas e sentimento.

As raparigas faziam obras de malha, a curiosidade dos seus labores, as meias abertas, os bordados singelos e as rendas para aumento do seu bragal.

Com a extinção dos pastores, que tão belas coisas por aí deixaram, desapareceu uma das causas de perfeição: — o tempo, então, não se apreciava, não se media — aproveitava-se. Ao chegar da vida atual tumultuosa e violenta, quasi mecanica, o tempo mede-se e não se pode perder dele a mais pequena parcela. E a perfeição, a criação e a harmonia da arte popular, essas vão extinguir-se nas cruesas da luta pela vida.

SARNICADORES (1)

Com as modernas modalidades tende a desaparecer o artista delicado do povo. Sentimos que se apaga esse espirito creador que tantas e tão belas coisas deixou para o admirar.

Já se referiram na *Portvgalia* os *sarnicadores* mais notaveis desta região e aqui vamos deixar mais um, o Antonio Genovevo — dos Carrís — que seria em toda a parte um belo artista, se alguma educação o guiasse. Mas, assim mesmo, analfabeto como é, tem um excepcional valôr, e será talvez o ultimo representante das delicadezas artisticas do povo da minha terra. Aí deixamos uma das suas obras, dentre as que podemos colleccionar.

Os *sarnicos*, propriamente ditos, servem para enfeitar os bolos de noivado e das fogaças das romarias.

(1) Termo popular. *Sarnicar* — enfeitar com gravura ou recorte, ornamentar com gravura. *Sarnicador* o que enfeita ou grava. *Sarnico* o objecto enfeitado. Roca *sarnicada* — bolos *sarnicados*, etc.

LAVORES DIVERSOS

O trabalho moroso, mas delicado e sentido das rendas e dos labores apaga-se, esfacela-se com a barateza dos produtos mecanicos.

A maquina tende a matar todo o carinho, todo o sentimento que presidia á feitura das coisas mais belas e mais delicadas. As maquinas de bordar e de fazer rendas trouxeram, alem disso, o desprendimento por esses trabalhos manuaes, por veses preciosos, e a perda de amôr e de interesse pela maioria das coisas. São até criminosas de lesa-economia, porque o produto mecanico não se poupa, não se estima, não se guarda como antes se guardavam obras d'arte que constituíam joias de familia.

Mãos nenhuma se encorajariam hoje a produzir uma colcha lavrada, que consumiria anos de trabalho, quando existe uma maquina que a produz em poucos dias.

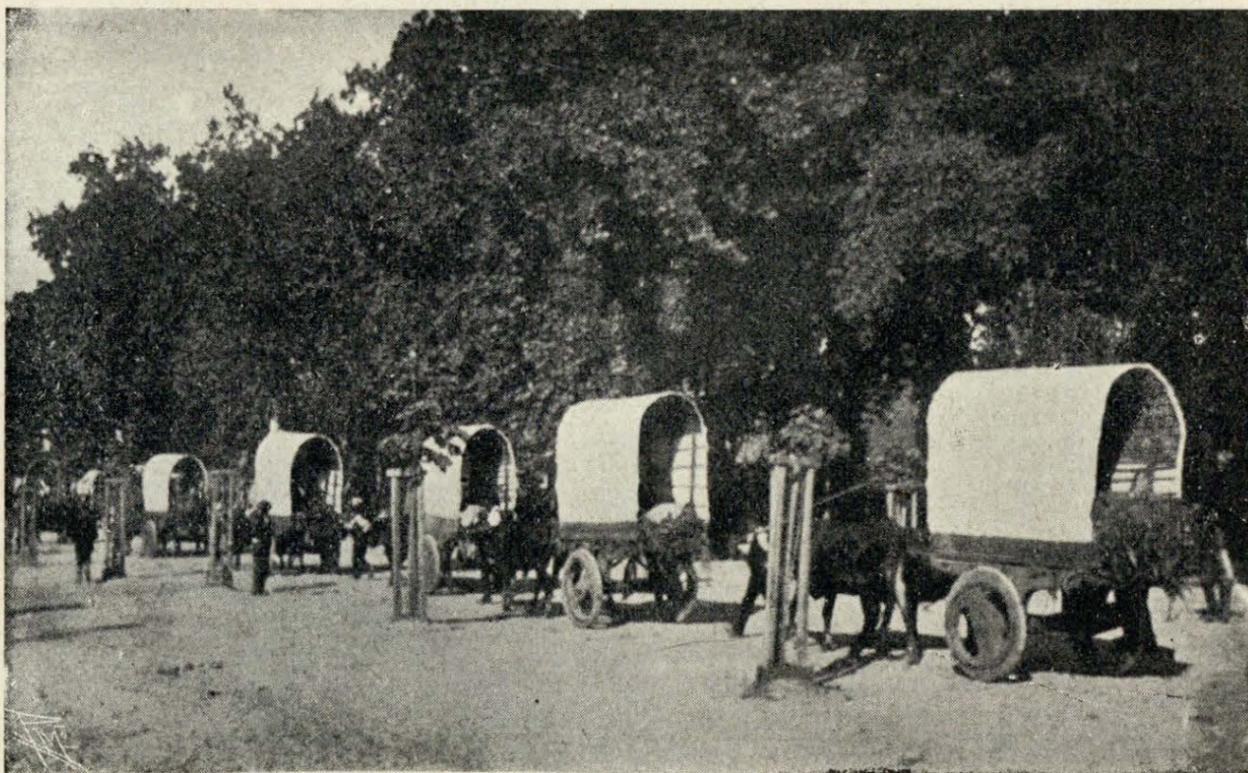
Nesta epoca de velocidades os trabalhos morosos não se admitem, e a arte caseira morrerá sufocada pelas ondas do progresso.



PEDINDO PARA A FESTA DA SENHORA DOS ENFERMOS

PANOS DE ARMAR

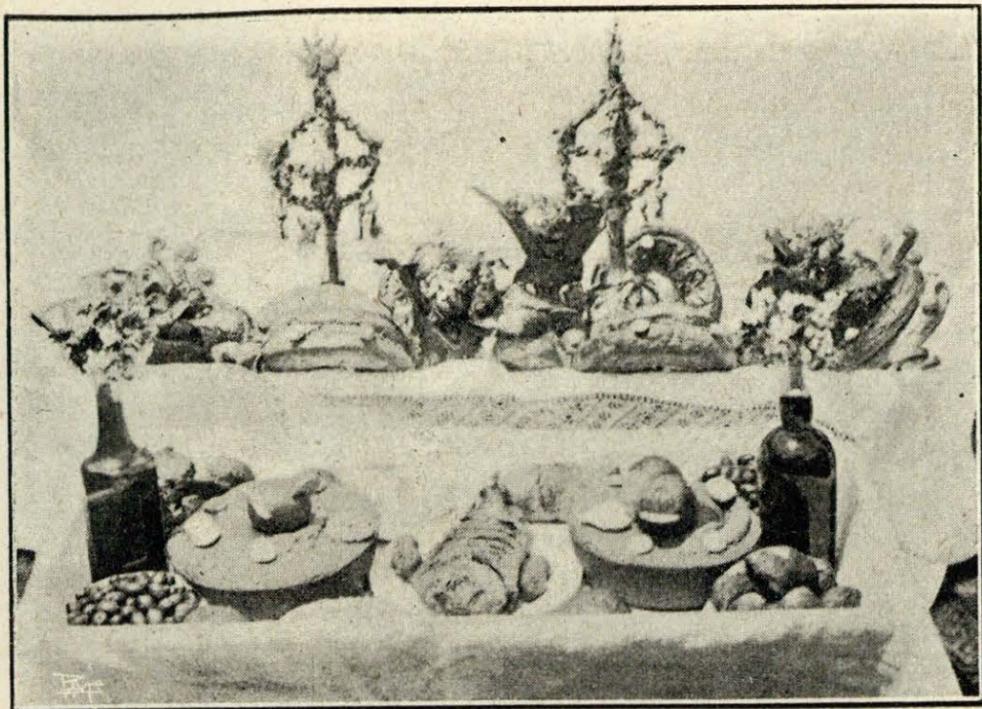
Assim se chamavam os panos bordados ou lavrados com que se ornamentavam as casas, pela Pascoa, quando o vigario vinha dar as boas festas e receber o foliar, ou quando ao



CIRIO DE SANTA SUZANA

doente se ministrava o sacramento da comunhão ou extrema-unção, isto é quando em casa se recebia a visita de Deus. Em muitas havia até a toalha de altar, onde, entre duas velas, se colocava a imagem de Christo. Para a visita da Pascoa era toda a casa preparada: — caiavam-se as paredes, esfregavam-se os pavimen-

PANOS DE ARMAR



FOGAÇAS

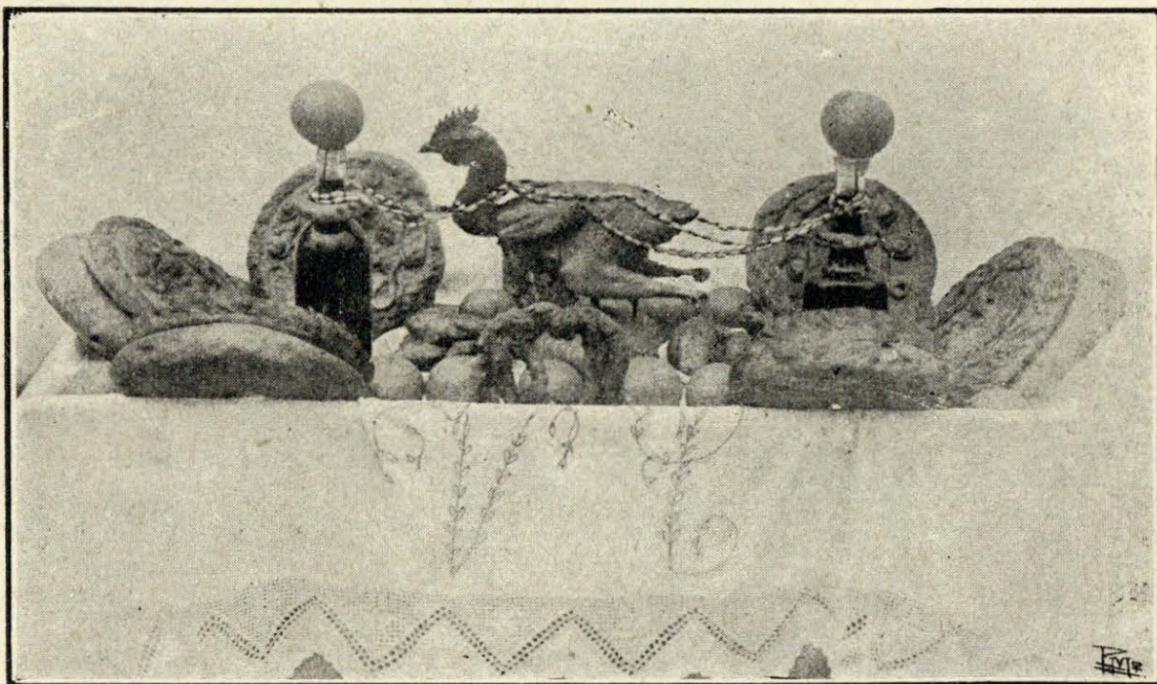
desenho de coberta estampada, como parece demonstrar a regularidade do desenho. É bordado a dois azues e vermelho, com aplicação de tres especies de pontos: -- cadeia, espinha e cheio. É um interessante documento.

O primeiro modelo reproduzido é em renda com aplicações de linho apropriado. Os quadradinhos que se destacam na fundo são perfeitas copias de azulejos, e onde sobresaem alguns motivos de ornamentação popular.

Pelo golpeado do linho passavam fitas de variadas côres que, como a alegria de um sorriso, dariam aos pequenos quadros muito interesse e encanto. A renda pertence ao velho tipo a que se chama *crivo* e é de um perfeito acabamento.

O segundo é a simplificação do antecedente. Pertencia a uma casa modesta, e servia para cobrir a parede no lugar onde se achavam os paineis de santos.

Observando o primeiro de que falamos reconhece-se a ingenuidade da sua feitura, tão vulgar e tão repetida nos bordados da aldeia. Tem grandes hesitações. Não é obra de mestre mas tem o grande valor da sua origem. Foi executada, segundo a declaração do ex-possuidor por uma pobre pastora nos raros dias em que lhe davam descanso, afirmativa que se acha confirmada por outras obras que dela se conservam, como seja, por exemplo uma formosa toalha de altar, feita a



FOGAÇA

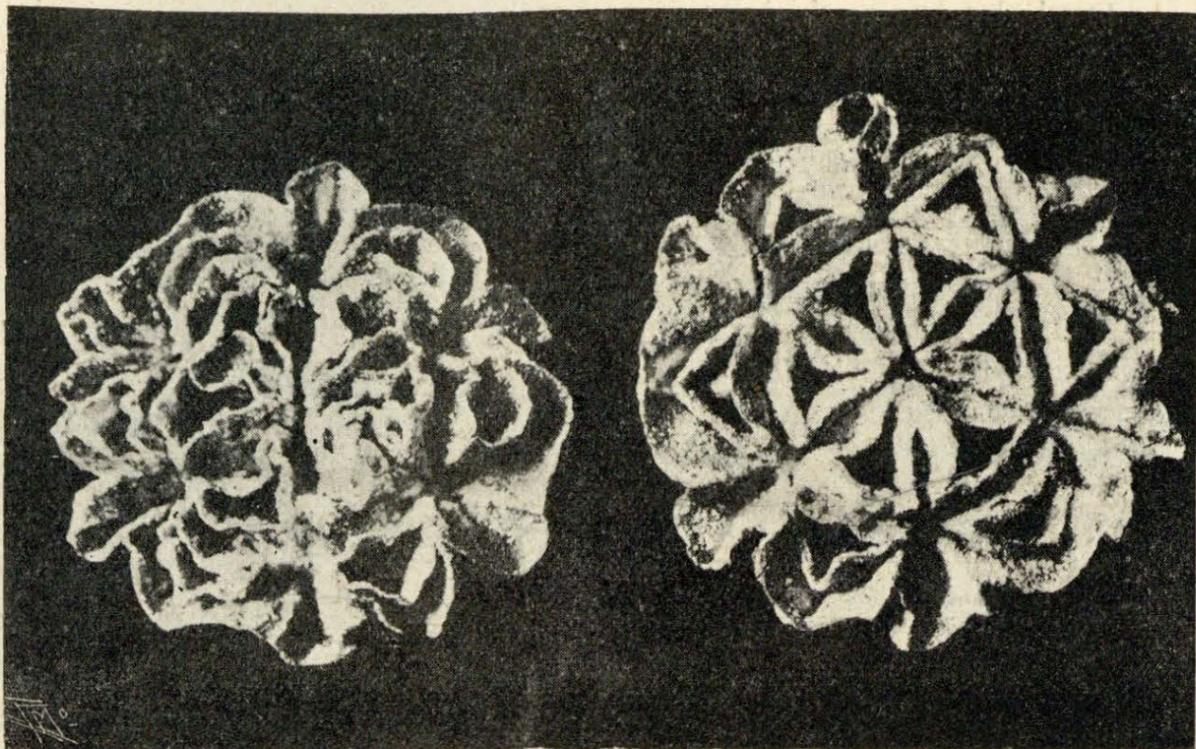
ROMARIAS

ponto de *grilhão*. E' um ottimo exemplar.

Qualquer das duas peças demonstra que tambem entre as raparigas do povo havia a nitida intuição do belo.

Os *céus* ou *doceis*, eram largas tiras de linho ligadas por entremeios de rendas de bilros. Como nos *pálios* caíam pequenas abas, com rendas, em todo o circuito.

Da fragilidade deste ornamento se fez a frase — *é um pano d'armar* — o que indica a fraquesa e pouca resistencia do um objeto ou de uma pessoa. N'estes panos havia todo o requinte da arte popular.



COSCORÕES — PEÇAS DE ALGUMAS FOGAÇAS

ROMARIAS

A romaria mais original da minha terra é a da Senhora dos Enfermos, na Ataíja. *Senhora dos Enfermos*, é uma frase que canta em todas as bocas, que alegra todos os espiritos, que sorri como uma esperança, que se realisa com infinito prazer. E' a festa que obriga o maior numero de andainas novas, é uma festa cronologica que serve para contar o tempo.



A ENTREGA DAS FOGAÇAS NA SENHORA DOS ENFERMOS

E' a unica que conserva notas que mais interessam a etnografia.

Começa pelo *jogo do frango*, na vespera, que é o domingo do Espírito Santo. E um curioso, embora barbaro divertimento.

Ao chegar da tarde, faz-se, no adro da capela, uma escavação no terreno, determinando um angulo agudo, em que um dos lados é vertical e com a profundidade de cinquenta a sessenta centímetros. No vertice desse angulo enterra-se um frango, ficando apenas com a cabeça fóra da terra.

ROMARIAS

Do lado oposto á abertura, e a distancia previamente estipulada, é que devem ser lançados os projecteis. Quem quer jogar escolhe pedras das fórmãs e dimensões que lhe con- vem e o direito de as lançar compra-se a um real por cada uma.

A lapidação começa. Os rapazes alternam-se. As pedras são lançadas e muitas duzias são precisas para matar o condenado.

As pedras vão caindo, e o lado ver- tical do angulo tende a desaparecer. Por vezes é preciso descobrir a cabeça do frango, oculta pela terra que cae. A' proporção que o angulo se desfaz, aproxima-se a morte do paciente. Levantam-se dis- cussões sobre o valor da pedra que cae, e,



CANÇÃO DOS PASTORES

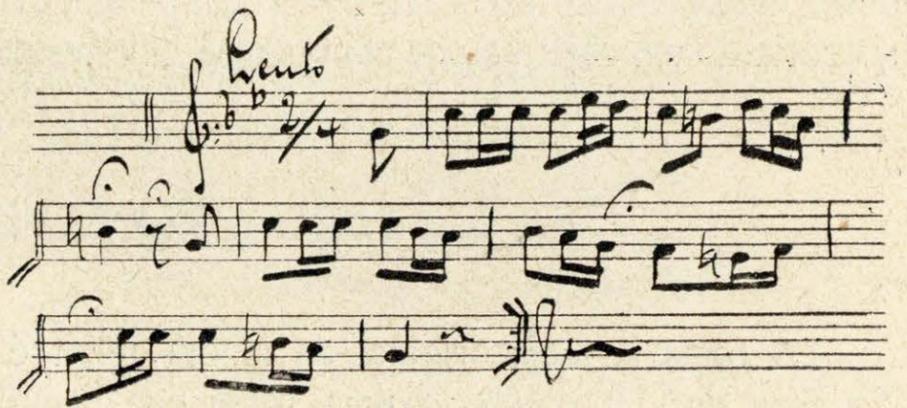
algumas vezes, ha desesperadas brigas. Uma pedra chega enfim, que esmaga a cabeça do condenado. O morto é desenterrado e entregue ao vencedor no meio de geraes aplausos.

A scena repete-se enquanto ha luz.

Esta é a vespera, a que, algumas vezes, segue um jardim de fogo.

Depois desta curiosidade, só ha, no dia da festa, as fogaças ou ofertas que, quasi sempre, tem interesse etnografico, a chegada dos cirios que de longe vem fazer a sua romagem e trazer o seu obulo.

As ofertas da juiza e ajudanta es- tendem-se em tableiros cobertos por alvas toalhas, de largas rendas. São variaveis. Com- põem-se, em geral, de bolos, frangos assados, pães de ló, vinho, pão, fritos, doces, frutas,



CANÇÃO DO BOIEIRO

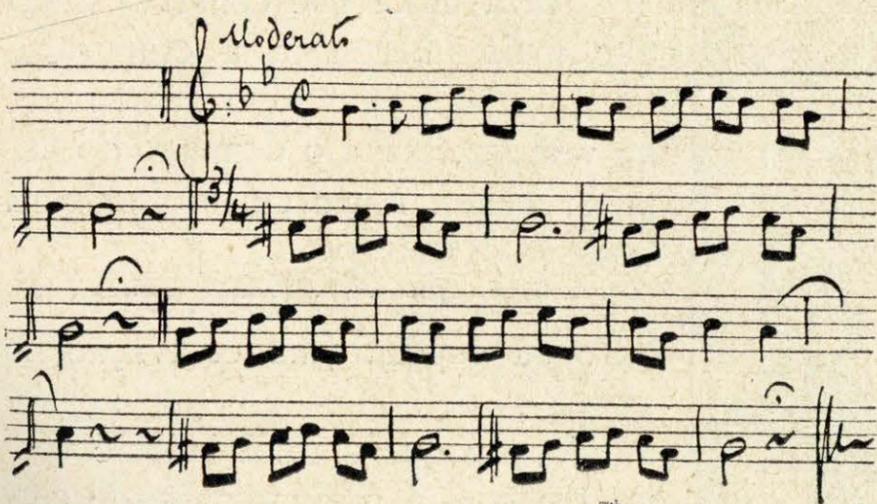
e rocas de pinhões. Téem muito de pi- torescas.

As ofertas restantes são curiosas notas, interessantes documentos das casas em que a Santa foi chamada para acudir ás aflições do lar. Véem os milagres em cera, isto é a representação dos mem- bros doentes. São pernas, braços, seios, cabeças, figuras humanas, etc.

Segue-se o leitão a indicar a pro- messa feita quando a porca prenhe adoeceu, e os chouriços e mantas de

toucinho a dizer que o marrão cevado esteve em perigo de vida.

Seguem-se as ofertas por devoção, que são, em geral, em dinheiro, generos alimen- ticios, galinhas, frangos, etc.



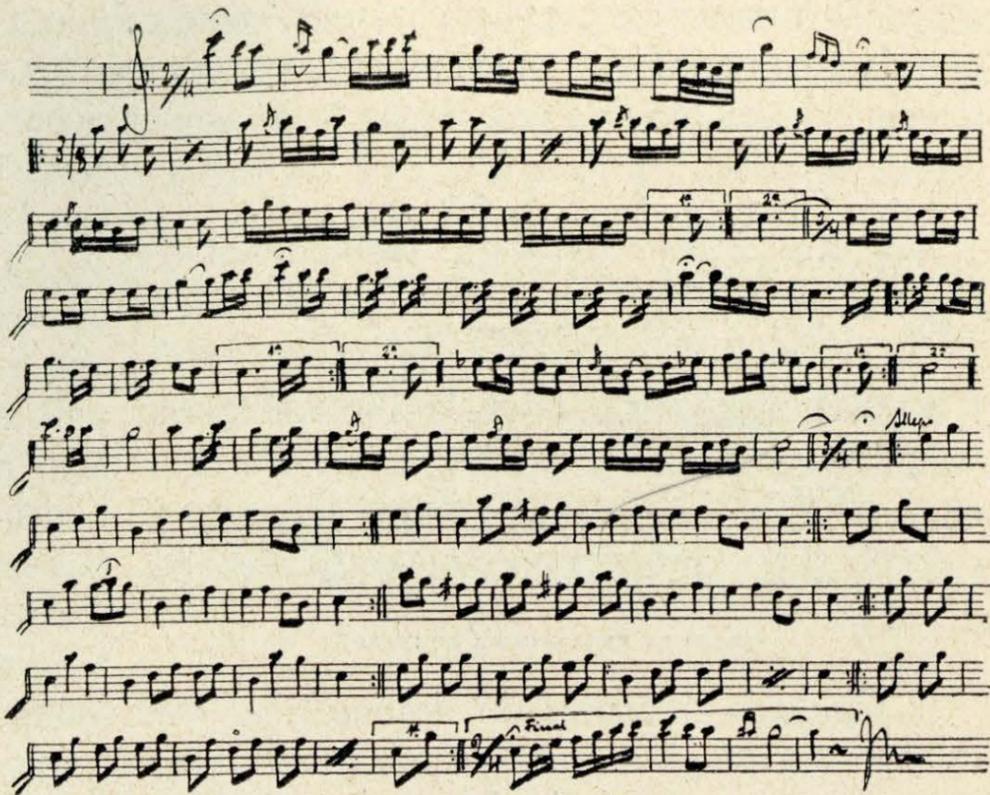
CANÇÃO DA LAVOURA

CIRIOS

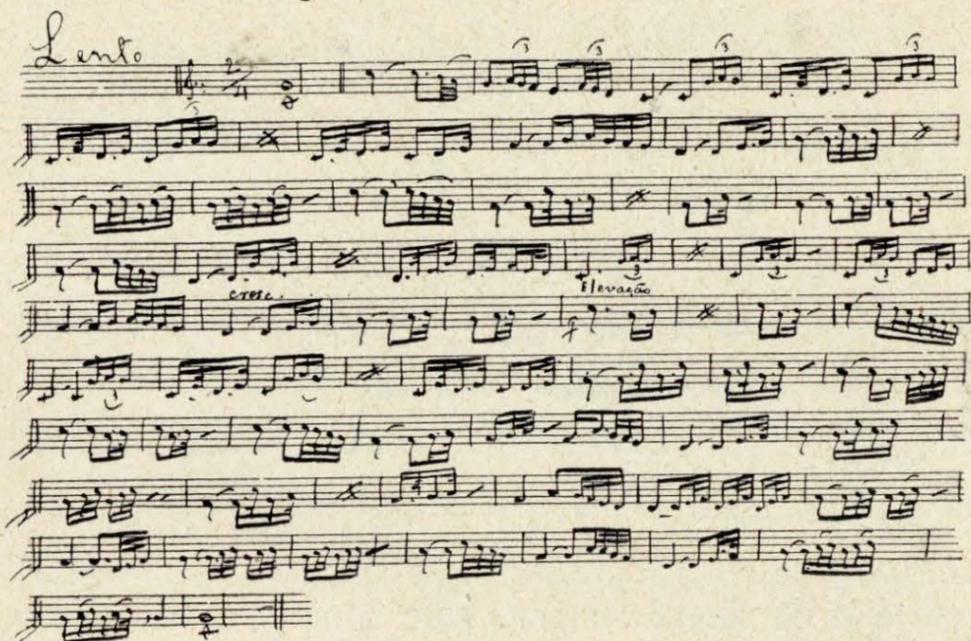
Tudo é vendido em leilão, excepto os milagres de cera, que, de grades especiaes, ficam patentes na capela mór, como um registo de prodigios.

O arraial é extenso e toda a gente da aldeia oferece a sua casa, o seu pão e o seu vinho.

A' tarde começam os balhos, e o *harmonico* é o instrumento musical preferido. Dança-se o fandango, unica dança tradicional que se conserva como digno representante dos mais arcaicos batuques. E' a dança onde se executam os mais notaveis passos de equilibrio e agilidade, um longo desafio entre os



GAITA DE FOLES — TRECHO D'ARRAIAL



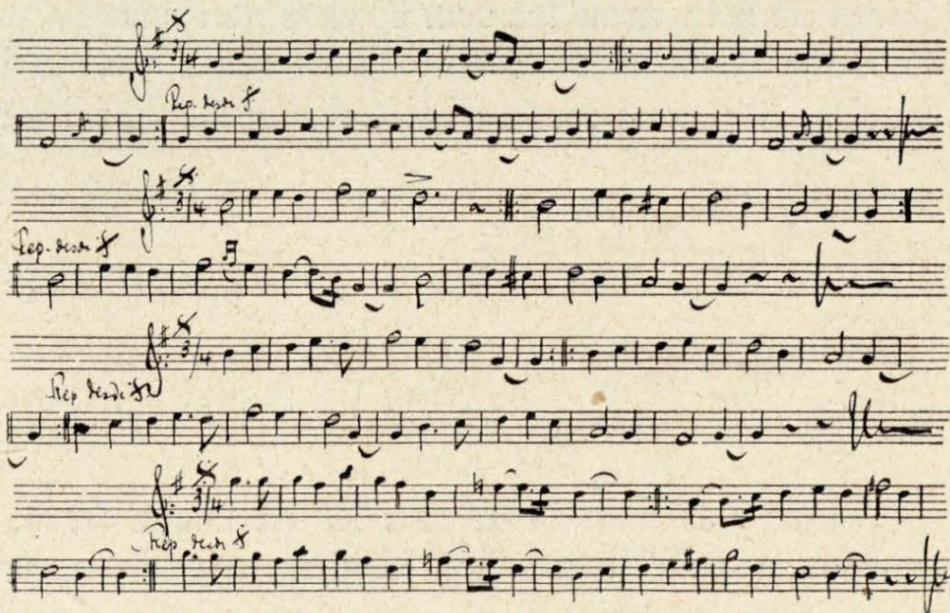
TRECHO DA MISSA — GAITA DE FOLES

esta conserva a nota interessante do seu *cirio* como a gravura indica.

CIRIOS

A velha romagem, que, com a nobreza de muitos seculos, se entronca na grandiosa mitologia, é hoje simplesmente um simbolo. Como as crenças, modificou-se e adaptou-se.

A romagem trocou o seu velho nome pelo de *cirio* para nos explicar que os devotos de uma região levam



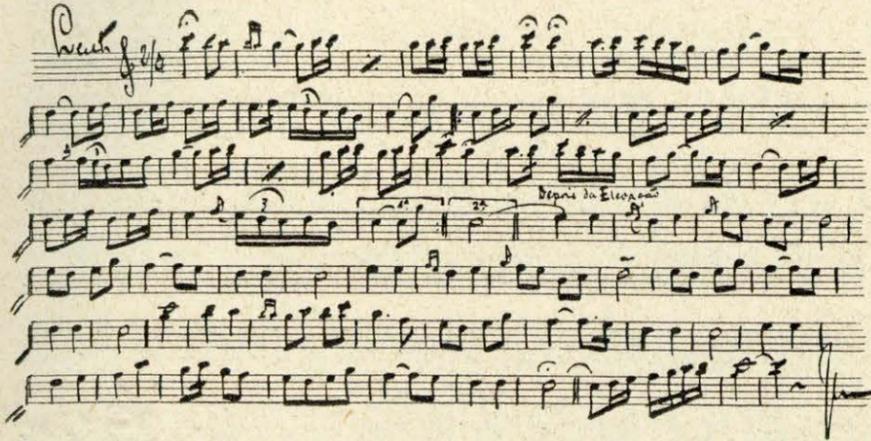
FANDANGO — QUATRO VARIANTES

CANÇÕES

a grande vela de cera, assim chamada, como religiosa oferta ao santo da sua fé. Esse cirio, que ás vezes atingia grandes proporções, era simples ou lavrado e, não raramente, se cravavam na sua base as moedas de prata que se achavam na caixa das esmolas, ou aquelas

que os devotos vinham trazer para esse fim. Do *cirio* só se conserva o nome.

Organisava-se a romagem, como ainda hoje, em extensa cavalgada. Abre o cortejo a gaita de foles, segue-se o juiz, montado em animal bem ajaezado, levando na mão a bandeira com a insignia do santo. Ladeam-no duas creanças vestidas d'anjos fantasticos, que, em todas as igrejas do trajecto, entoam lóas adequadas; segue-se a cavalgada.



TRECHO DA MISSA — GAITA DE FOLES

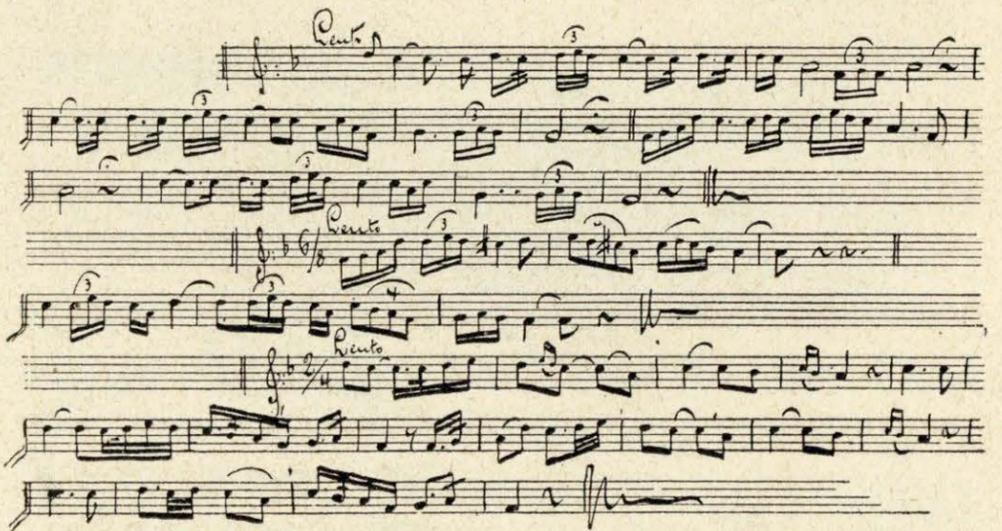
Chegado á capela do destino, dão tres voltas em roda dela enquanto os foguetes estalam no alto e a gaita de foles faz vibrar os seus modilhos. Ao fim da terceira volta e diante da porta da igreja dizem-se as lóas da chegada, como logo se dirão as de despedida.

Depois vão *festejar*, isto é ouvir a missa da romagem. Quasi sempre a gaita de foles é a musica da festa. E que linda e doce que é essa musica tradicional, muito especialmente os trechos do *Sanctus* e do *levantar a Deus*.

Depois de vendidas os fogas e feito o peditorio o cirio retira-se na ordem em que chegou.

E' tudo quanto resta das velhas tradições.

Outro *cirio* não menos interessante é o da Santa Suzana. Este compõe-se do juiz e mordomos da festa, cavalgando á frente de grandiosa musica, e seguidos por longa fila de carros de bois, armados com colchas de ramagem e lençóes. E' um interessantissimo aspecto esse que reproduzimos. Sae do Barrio, e vae ao Landal, onde está a capela da sua padroeira. E' o mais caracteristico dos cirios da minha terra.



DESGARRADA — TRÊS VARIANTES

CANÇÕES

SENHOR DA PEDRA OU CANÇÃO DO BOIEIRO

Uma das mais belas canções da minha terra, é sem duvida a *canção do boieiro*. E' a canção da noite e das madrugadas, quando o carro canta gemidos atraz da resignada serenidade dos bois. E' só então que o boieiro canta em alta, requebrada e *ralentada* voz

CANÇÕES

aquelas notas, aquela canção religiosa, cheia de encanto, que se perde na vastidão do espaço, que ecôa no isolamento da terra, como notas de um hino a Deus, como uma oração onde se pede protecção e amparo. E o carro gemendo, na tristeza das noites, faz o mais belo e delicioso acompanhamento a essa voz que nos parece a alma da terra vibrando e cantando.

E' uma larga prece, uma invocação á Virgem, a que sempre se imprime uma feição regional.

Meu rico Senhor da Pedra,
valha-me Deus,
feito de pedra lavrada,
valha-me Deus,
Mais a Virgem Sagrada.

De pedra, Senhor da Pedra,
valha-me Deus,
fez-se a igreja de Alcobaça,
valha-me Deus,
e a Senhora da Graça.

De pedra, Senhor da Pedra,
valha-me Deus,
se fez a Sé de Leiria,
valha-me Deus,
e a Senhora da Guia.

DESGARRADA

E' tambem a canção da noite, que se canta no isolamento dos caminhos. E' uma canção de saudade e não precisa comentarios a sua extranha beleza.

Era a telegrafia da voz, a noticia que se envia de longe para prevenir da chegada a familia querida ou a mulher amada. Vem, certamente, do tempo em que os lobos infestavam as montanhas, e esse canto que, ao mesmo tempo os afugentava, levava ás pessoas queridas o aviso de que não se corria perigo. Era escutada com muito agrado, e era a canção que tinha especialistas da mais celebre nomeada. Cantava-se com quadras populares.

CANÇÃO DOS PASTORES

E' muito arcaica a canção do pastor d'ovelhas só por nós conhecida na região de Turquel. Esta região tem musicas muito interessantes, já coligidas por José Diogo Ribeiro.

O' lô, ó lô, ó lô-bis
Encarreira, encarreira
Leva Deus á dianteira
Nossa Senhora no meio
Santo Antonio á trazeira.
O' lô Milheirinha
ó lô Cardeal
ó lô p'r'ó curral
ó lô, ó lô, ó lô-bis

O' lô, ó lô, ó lô-bis
Santo Antonio de Lisboa
São João de Portugal
ajuntae o meu gadinho
e levae-m'o p'r'o curral.
Eu p'ra casa vou
um bocadinho de pão
p'ra quem o ganhou
ó lô, ó lô, ó lô — bis, etc.

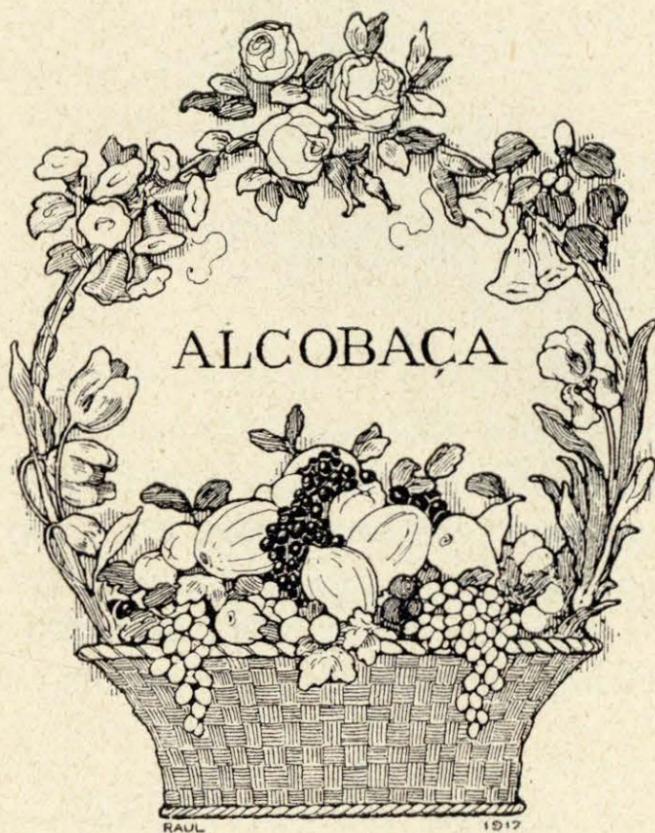
CANÇÕES

São inumeras as variantes do fandango e delas damos os quatro mais características.

A canção da lavoura canta-se quando os bois atrelados ao arado ou á charrua, sulcam a terra preparando-a para as sementeiras.

As *toadas* que se cantam nas eiras, na debulha do trigo, téem um caracter muito especial, mas não se podem, infelizmente, reproduzir-se por notações musicaes. E' um canto moroso e ridente, onde se adivinha a abundancia e a alegria, e que deixa até traduzir um certo descanso intimo no meio do extranho e fervoroso labor. Tem a mais extraordinaria e encantadora beleza. Dir-se-hia a bençam do pão que ali se debulha sob o ardente e luzente sol, a bençam do pão que é a causa de todo o trabalho humano.

E' um agradecimento a Deus, uma oração ao sol, á terra, ao homem, ao proprio gado que morosa e pesadamente vae desmanchando as espigas, soltando o bago bemdito que será a futura semente, que será a alegria e a fartura das familias, a esmola do pobre, o mimo do doente e a riqueza do mundo.



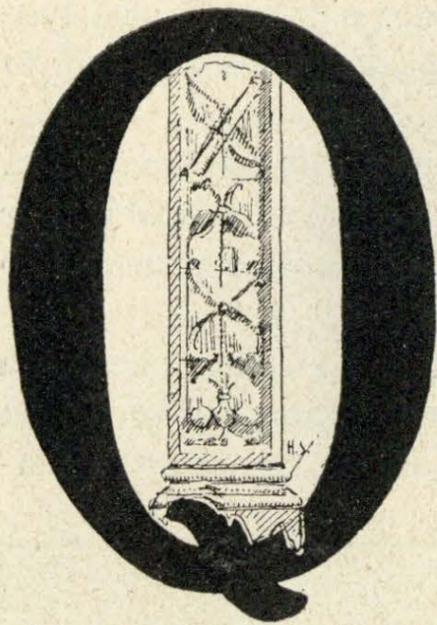
NOTA. — As notações das musicas populares, representam sérias dificuldades, e tantas mais quanto mais recuada é a sua origem. Compreende-se que seja assim. Nascendo da simples melodia, representando o sentir vibrante do prazer, a extensão dolorosa da saudade, a intensidade profunda da dôr, ou as delicadezas entusiasticas do amor, traduzindo expressões da alma, que são gozos ou tormentos, não podia, a musica, na alma do povo, escravizar-se ás leis do ritmo e da harmonia; só podia existir com plena liberdade de expressão.

E' assim que cada cantor imprime, á mesma canção o seu sentir pessoal, e, mais ainda, á mesma canção imprime modulações, variantes e requebros que traduzem a vibração momentanea da sua alma,

As notações musicaes que se reproduzem, são obra dos nossos amigos Manuel do Nascimento Cruz e José Diogo Ribeiro, a quem agradecemos muito reconhecidos. José Diogo Ribeiro é um regionalista e etnografo distinto, e foi um nosso excelente colaborador.

A RENASCENÇA NA PENINSULA

(A PROPOSITO DE UM DISCURSO DO SR. LAMPÉREZ Y ROMEA)



UANDO, nesta revista (1), me occupei de duas notaveis conferencias do illustre architecto e archeologo hispanhol D. Vicente Lampérez y Romea ácerca da *evolução* e da *revolução* que, na architectura peninsular, se deram entre 1480 e 1520, disse aguardar com anciedade a publicação da segunda conferencia, dedicada á ultima parte do thema versado pelo eximio prelector, isto é, á *revolução* operada na arte iberica pela importação da arte do Renascimento.

Deliberou o sr. Lampérez y Romea não publicar essa conferencia, porque, estando proxima a sua recepção na «Real Academia de la Historia», de Madrid, que justamente o elegêra para succeder a seu mestre, D. Adolfo Fernández Casanova, resolveu tratar, no seu discurso, das origens do Renascimento hispanhol.

E assim o fez, dando ao seu brilhantissimo trabalho, publicado com a resposta do insigne academico D. José Ramón Mélida, o titulo de *Los Mendoza del siglo XV y el Castillo del Real de Manzanares* (Madrid, Imprensa de Bernardo Rodríguez, 1916).

Dessa erudita exposição resumirei a parte que mais directamente se relaciona com a introdução da arte da Renascença na Península.

Refere-se que, chegando a Valladolid o Cardeal Mendoza pouco antes de concluidas as obras do Collegio de Santa Cruz, fundação sua, se rira da construcção e resolvêra demoli-la, o que teria feito, se acaso os reis catholicos lh'o não houvessem impedido.

Seria apenas a mesquinhez da fabrica a determinante dessa attitude, como affirma Salazar, na sua *Cronica del Gran Cardenal*?

Um documento recentemente publicado, o testamento do Cardeal, datado de 23 de Junho de 1494, explica mais plausivelmente a desfavoravel impressão que, no seu espirito, produziu o edificio do Collegio de Santa Cruz, concebido e iniciado ainda no estylo ogival, e a subita adopção de fórmulas do Renascimento na portada e na cornija dêsse edificio. E' que, numa verba, determina o Cardeal que, na capella do seu Collegio, se faça um retabulo, com entablamentos de talha, «*muy bien labrados a la antigua*», destinando para elle 200.000 maravedis e indicando, para o projectar, o mestre de suas obras, Lorenzo Vázquez, morador em Guadalajara.

A expressão «*a la antigua*» explica-nos a attitude do Cardeal em face do Collegio de Santa Cruz e a sobreposição de elementos no estylo da Renascença em edificio inicialmente gothico, levantado, segundo é de crer, entre 1491 e 1494. O celebre dignitario da Igreja conhecia o estylo *antigo*, as fórmulas classicas, e dava-lhes a preferencia. Por isso, não

(1) Pags. 27-28 dêste vol.

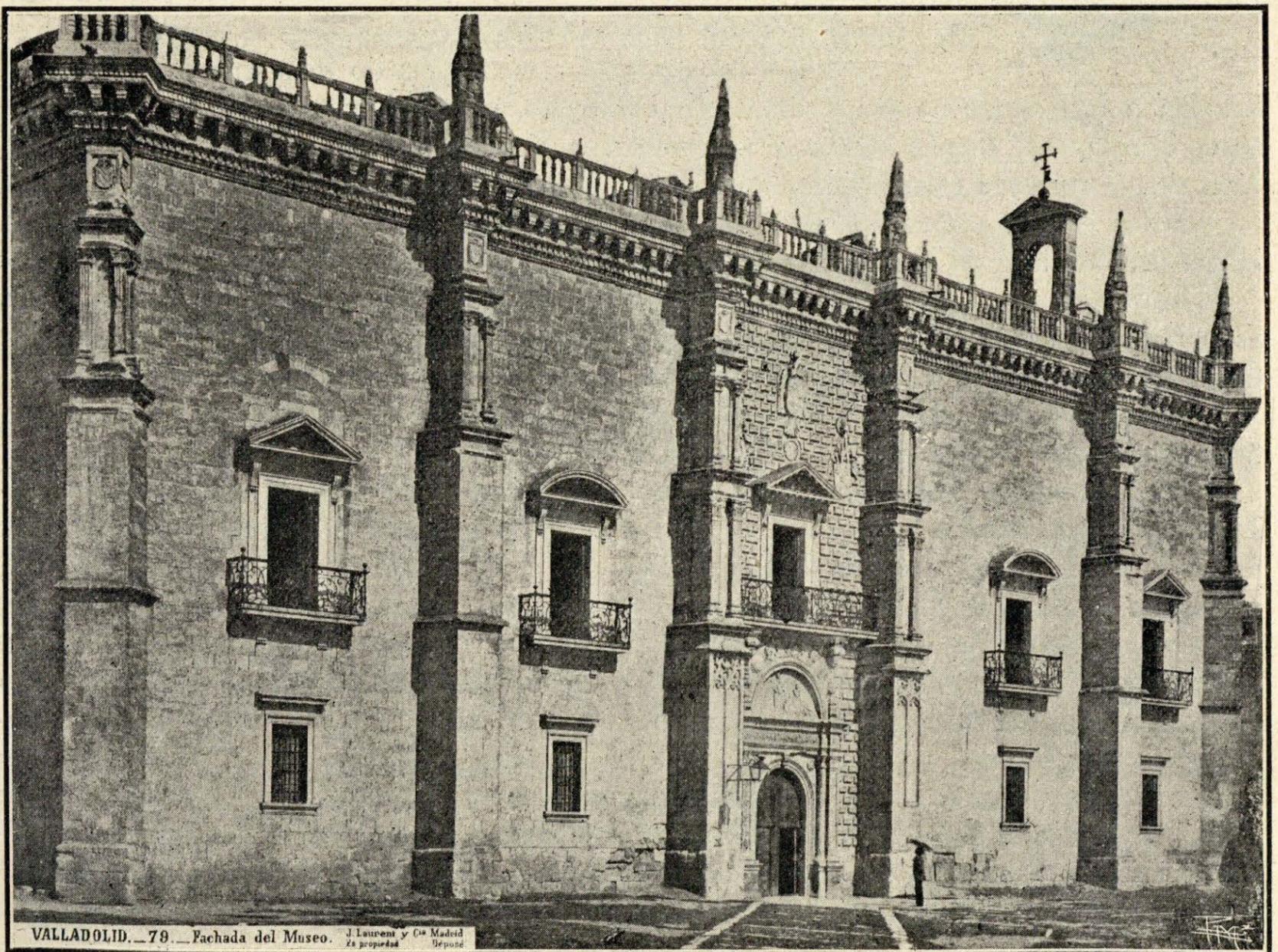
A RENASCENÇA NA PENINSULA

podendo demolir o que já estava construído quando chegou a Valladolid, quis, ao menos, que a arte do Renascimento, sua predilecta, fosse empregada onde e como pudesse ainda sê-lo, e, além disso, expressamente determinou, em seu testamento, que, na capella do Collegio, se erigisse um retabulo com entablamentos lavrados «*a la antigua*».

Ha, pois, que proclamar o Cardeal Mendoza o primeiro, dos Mecenas hispanhoes até agora conhecidos, que introduziu em Hispanha, ainda no seculo xv, a architectura do Renascimento, rompendo com os habitos de todos os outros Mendoza, seus contemporaneos, que, em Burgos, em Toledo, em Guadalajara, haviam empregado, nos edificios de sua fundação, o estylo gothico, ou aquelle estylo mixto, conhecido, hoje, pelo designativo de «*estylo Isabel*».

A publicação do testamento do Cardeal revelou tambem o nome de um architecto, Lorenzo Vázquez, não citado por nenhum dos biographos e historiadores hispanhoes e que pertence a um artista que, ainda no seculo de quatrocentos, conhecia e manejava o estylo classico.

Tem sido considerado, até agora, architecto do Cardeal e auctor do Collegio de Santa Cruz, de Valladolid, Enrique Egas, a quem, por este facto, se tem outorgado a precedencia na implantação do estylo do Renascimento em Hispanha. Mas, se Enrique Egas fosse, de fa-



COLLEGIO DE SANTA CRUZ (HOJE MUSEU) EM VALLADOLID

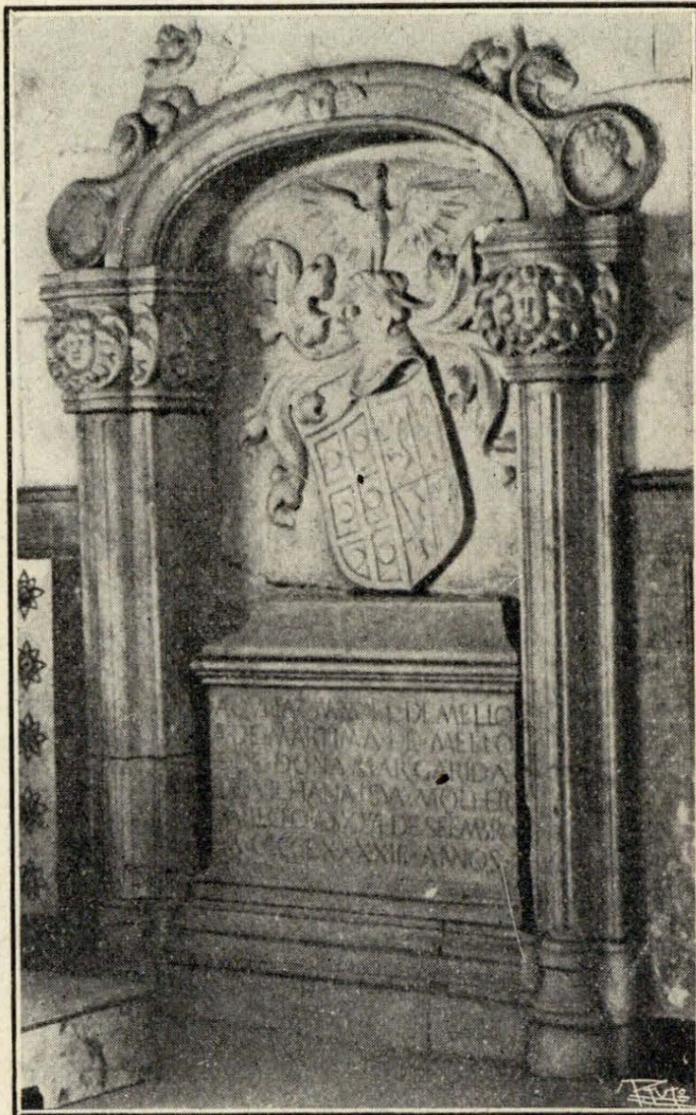
A RENASCENÇA NA PENINSULA

cto, o auctor da cornija e da portada, relativamente puras, do Collegio de Santa Cruz, como se explicaria que, volvidos quinze annos, elle revelasse, na fachada do Hospital de Santa Cruz de Toledo, em vez de um conhecimento mais perfeito do novo estylo, como seria natural, um evidente retrocesso? E' possivel, pois, que, chamado pelo Cardeal a intervir, em substituição de outro artista, seja Lorenzo Vázquez o auctor da cornija e da portada do edificio de Valladolid, cabendo-lhe, portanto, a precedencia, como introductor da arte do Renascimento na Peninsula. E' possivel, mesmo, comquanto não seja tão provavel, que lhe caiba a auctoria do edificio, em todas as suas partes.

Occupa-se tambem o sr. Lampérez y Romea do notavel palacio de Cogolludo, edificado por outro Mendoza, o primeiro Duque de Medinaceli, por 1500, obra de um bellissimo estylo mixto, — gothico-mudejar-renascença, — e cuja importancia na historia da arte hispanhola, como segundo estádio na marcha do Renascimento em Hispanha, é consideravel.

Não se sabe o nome do auctor dêsse notabilissimo edificio, verdadeiro incunabulo da architectura, nem é facil determinar por que via teria chegado a esse rincão da Peninsula a influencia trans-mediterranea, á qual se deve o caracter accentuadamente classico de tantos de seus elementos. Não é muito provavel, embora não seja impossivel, que o architecto do palacio de Cogolludo fosse Enrique Egas, — porque seria um cumulo que elle, o artista mais eclecticico dessa já tão eclecticica phase, como diz o sr. Lampérez, a ponto de haver, até, empregado o *manuelino* no Hospital de Sant'Iago; elle, que, em Santa Cruz de Toledo, se revela pessimo traductor do Renascimento, fosse tambem um *italianizante*, como auctor do palacio de Cogolludo, que a nenhuma outra de suas obras pôde comparar-se. Cita, ainda, o sr. Lampérez, na sua lucida exposição, tambem como estádios na marcha do novo estylo na Hispanha, o palacio de La Calahorra, capricho de outro Mendoza — D. Rodrigo; a collecção de medalhas e camapheus antigos de sua filha, a Condessa de Nassau, D. Mencía, e a reedificação e decoraçào do magnifico palacio dos Mendoza, em Guadalajara, no tempo do 5.º Duque do Infantado, D. Inigo de la Vega y Luna, que se finou em 1588, obra em que a arte italiana se manifesta superiormente bella nas pinturas de Romulo Cincinato, embora se apresente arida e sêcca na fachada. Ve-se, portanto, que a nobre familia dos Mendoza está intimamente ligada á introducção da architectura do Renascimento em Hispanha e que este facto se deu ainda no seculo xv.

Decerto para se não desviar do objecto principal do seu discurso, não alludiu o sr. Lampérez y Romea á publicação de alguns tratados de architectura classica, em lingua castelhana, em datas bastante recuadas, como o de Sagredo, *Medidas del Ro-*



TUMULO DE MANUEL DE MELLO NA IGREJA DOS LOYOS (EVORA)

A RENASCENÇA NA PENINSULA

mano (1), que, na primeira metade do seculo xvi, teve varias edições, sendo talvez a *princeps* de 1526, e que, no dizer de Llaguno, «*servió de cartilla por mucho tiempo*» (2).

Nove annos (1490-99) permaneceu em Portugal um eximio artista italiano, architecto e esculptor, André Contucci, o *Sansovino*, enviado por Lourenço de Medicis a D. João II; mas essa interferencia não teve, na marcha da arte em Portugal, a acção que seria de esperar. Contucci (deixa-o perceber Vasari) transigiu, enquanto esteve na côrte do *Principe Perfeito*, com a arte, meio gothica (decadente), meio mourisca, dominante em Portugal. E quando, em 1537, Francisco de Hollanda iniciou a sua longa viagem, ainda a arte do Renascimento não conquistára plenamente o nosso país, embora, pelo menos no dominio da architectura funeraria, se tivessem já entre nós erigido monumentos de puro estylo classico e uma brilhante pleiade de artistas franceses, portadores da delicada arte da Renascença da sua terra, se houvesse já fixado em Coimbra, attrahida por D. Manuel para collaborar nas obras da igreja e mosteiro de Santa Cruz.

Temos, em todo o caso, para, em certo modo, pôr ao lado da cornija e da portada do Collegio de Santa Cruz de Valladolid, um pequeno monumento funebre, datado de 1493, em que o ignorado artista, seu auctor, empregou já, embora conjugando-os imperfeitamente, os elementos e fórmulas do novo estylo: — o tumulo de Manuel de Mello numa das capellas lateraes da igreja dos Loyos, em Evora. E' um dos incunabulos da Renascença portuguesa, — talvez o mais antigo. Quem será o auctor delle, o nosso Lorenzo Vázquez?

D. JOSÉ PESSANHA.



O MUSEU ETNOGRAFICO DE SAN SEBASTIÁN

Numa das ultimas sessões da R. Sociedade Espanhola de Historia Natural, o nosso presado collaborador Eugenio de Frankowski relatou as suas explorações estivaes nas Vascongadas e Navarra, onde recolheu bastos e preciosos documentos da etnografia dessas provincias, e referiu-se com largueza ao novo Museu Etnografico de San Sebastián, que deve ser considerado o melhor da peninsula.

Ocupa o Museu oito salas do Museu Municipal, e nele se encontram reunidos todos os objectos referentes á vida e arte do povo vasco. Os utensilios de pesca, da vida pastoril, os aprestos de lavourea, os instrumentos de musica e os trabalhos femininos, ocupam compartimentos separados. Outras salas são ocupadas por uma cozinha tipica, um quarto, objectos funerarios e uma secção antropologica. Todo o Museu está ordenado conforme os ultimos progressos da sciencia, sendo cada objecto acompanhado por letreiros com a explicação do nome e uso correspondentes (3).

Deve-se o novo Museu, principalmente, ao trabalho da Comissão de Etnografia Vasca, presidida por D. Marino Tabuyo, ao conservador D. Pedro de Soraluze, ao vogal, insigne pintor, D. José Aguirre, etc. A parte antropologica a D. Victoriano Juaristi e a D. Doroteo Ziaurriz.

V. C.

(1) Vitruvio, architecto e theorico do tempo de Augusto.

(2) E' curioso notar que esta obra foi por tres vezes impressa em Lisboa, no seculo xvi. Da edição de 1541 fez uma excellente reproducção *fac-simile* o benemerito açoriano Dr. Eugenio do Canto, cuja memoria deve ser evocada com gratidão por todos que lidam no campo das lettras e da historia. A edição de 1526 (Toledo) é citada no *Catálogo de la Biblioteca de Sora*.

(3) Para edificação dos organizadores do nosso Museu Etnografico de Belem!

ANTAS DO ALENTEJO

Decerto não existe em Portugal região alguma tão abundante em monumentos megalíticos como a recatada e extensa terra de entre Tejo e Odiana. Os *dolmens* conserváram-se aí melhor do que em qualquer outra provincia, pela constituição do solo, abundante em pedras, e pela propria organização da propriedade rural, toda de latifúndios, que, não sofrendo as exigencias construtivas da pequena propriedade, deixa em paz as pedras magníficas dos monumentos. Foi a pequena pro-

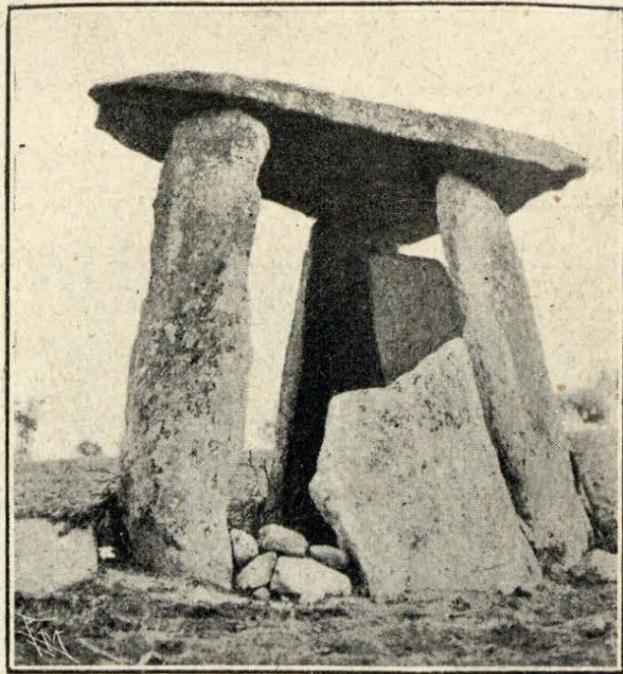


FIG. 1—ANTA DE MEM SOARES

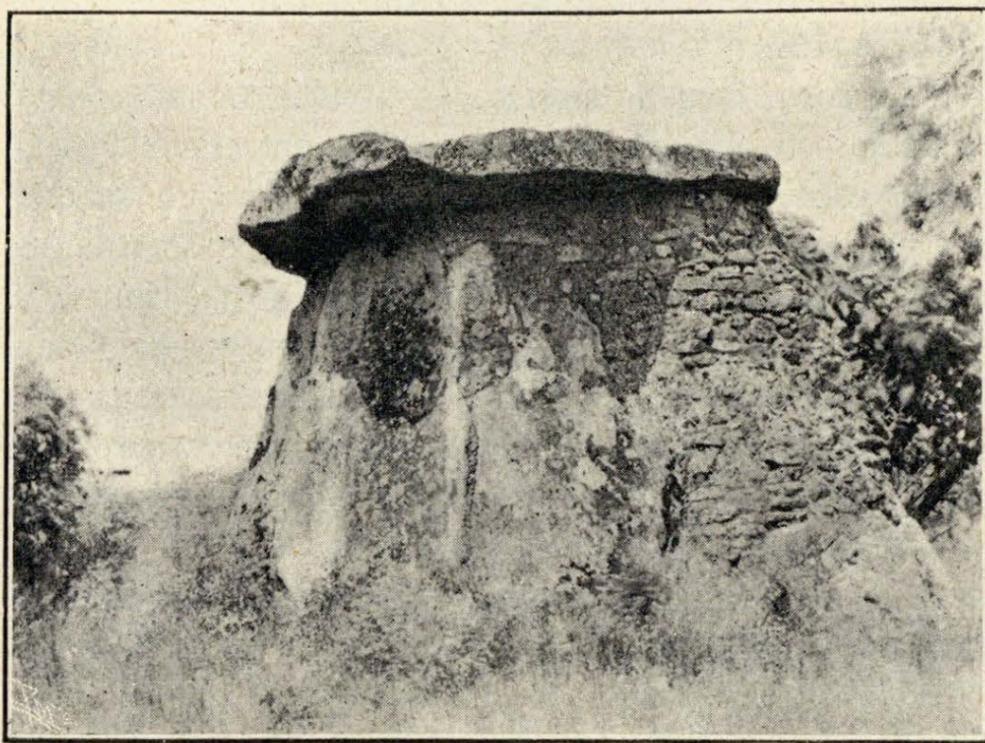


FIG. 2—UM ASPECTO DA ANTA DOS POMBAES

dade da Fonte das Mulheres, num ponto denominado Mem Soares, pertencente ao concelho de Castelo de Vide; o reproduzido em dois aspectos nas figuras 2 e 3 assenta no Olival da Anta, na Herdade do Pomal, ou Pombaes, perto de Castelo de Vide. Já foi reproduzida em litografia na obra de Pereira da Costa, *Dolmens ou Antas de Portugal*, (Lisboa-1868). Está transformada em barraca de pastores.

VERGILIO CORREIA.

priedade que destruiu a maior parte dos *dolmens* minhotos, beirões, estremenhos e algarvios.

Dos milhares de antas que existiam no país e documentavam o florescimento de uma civilização multimilenaria da pedra polida, resta ainda, apesar de tudo, uma boa porção.

Sucessivamente serão publicadas nesta revista fotografias de antas do Alentejo e de outras regiões, organizando-se assim um *corpus* especial destes monumentos.

O belo megalito representado na figura 1 está situado na her-

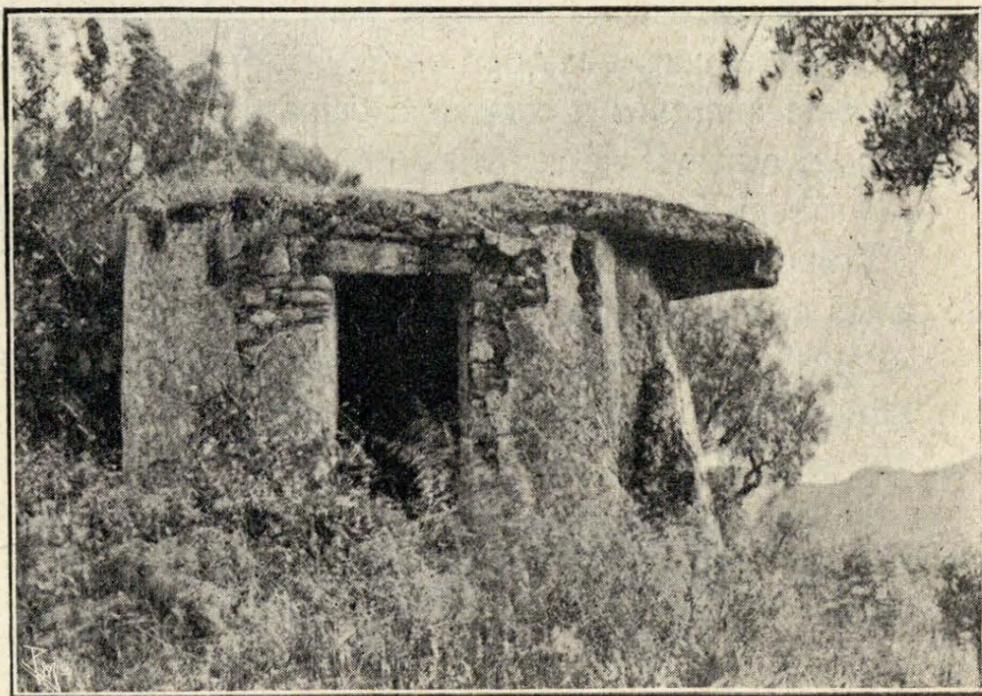


FIG. 3—OUTRO ASPECTO DA ANTA

(Clichés L. Keil)

AS MANTAS DE TERROSO

TECELAGEM CASEIRA



planície littoral é d'uma monotonia por vezes agreste, desconso-ladora. Para onde haja um relevo, uma vegetação, dirigem-se os olhares scismadores do habitante da beira-mar, em procura da variante do eterno thema — ceu e ondas. E' por isso que os po-veiros chamam desvanecidamente *a sua Cintra* á pequena aldeia de Terroso, que se aconchega a suave colina, a curtos kilometros da praia.

E' linda Terroso, com as suas casas alvejando por entre o arvoredos, o cuidadoso amanho das suas terras entregues á faina agricola, a disposição dos logarejos pelos escalões da vertente, a paz idyllica que se desprende, fluida, subtil, do rumorejar dos pomares e do soluço das aguas finas e scintilantes que borbulham e colleam, a cada passo, fertilizando os campos e vicejando os canteiros.

Ao conjuncto de sons indecisos, variados, embaladores, que constituem a symphonia constante que aldeias endereçam á Natureza — cantos longinquos d'aves, vozes arrastadas dos lavradores no trabalho, agitar da folhagem, aguas nas levadas — junta-se o ruido sêco e compassado dos teares, em que belas raparigas urdem as *mantas* tão conhecidas no Minho e agora, pela rapidez e facilidade de comunicações, em quasi todo o paiz.

E' uma industria caseira a da fabricação de *mantas*, e que, durante algum tempo esta-cionaria, se tem desenvolvido e aperfeiçoado, dando um derivativo proveitoso aos ocios das mulheres d'ali e arredores.

Os velhos de Terroso não sabem dizer quando se instalou ali esta tecelagem caseira e só se lembram de que seus bisavós já usavam as *mantas*, peça de bragal, empregada como cobertor ou coberta de cama, ou para resguardar os sacos dos cereaes, quando transportados em carros para qualquer parte.

Vê-se a *manta* a compôr a cama do pobre, a guarnecer o aposento do remediado e, *por moda*, a servir de reposteiro ou alcatifa na casa dos ricos.

E sabem de que se compõem as *mantas* de Terroso? De trapos.

Trapos de qualquer artigo, qualidade e côr, velho ou novo: de lã, d'algodão, de chitas, de panos crús, ou restos da liga ou trança de chinelos.

Estes trapos vão a teares manuaes, de construcção simples, os que vulgarmente se empregam na tecelagem caseira. A manta sahe fortemente urdida, em especie de *entrançadado* ou *tenilha*.

Sobre fundo branco ou claro ha, a encarnado, amarelo, verde, azul e preto, ornatos muito singelos e pouco variados: losangos e faixas de listas no sentido da largura ou do comprimento, que são d'ordinario 2^m e pouco mais \times 1^m e alguns centimetros.

As *mantas* vulgares, embora d'aspecto grosseiro, apresentam, por vezes, tonalidades ou combinações de côres, que as tornam caracteristicas.

AS MANTAS DE TERROSO

Fabricam-se tambem outras com trapo limpo e escolhido e lãs; e hoje o fabrico estende-se tambem a tapetes e cobertas d'algodão branco, de diversos padrões.

Primitivamente industria d'homens, passou a ser emprego de mulheres e creanças; e do seu primitivo centro irradiou para freguezias proximas, como sejam as de Amorim, Beiriz e Laundos do concelho de Povia de Varzim, de Rio Mau, do de Vila do Conde e outros, isto pelos casamentos das tecedeiras com homens das mesmas freguezias.

A's creanças é reservada a separação do trapo, dobagem do algodão, etc., e ás mulheres o córte do trapo, urdidura e tecelagem.

A's mulheres chamam *manteiras*. Propriamente no fabrico de mantas empregam-se em Terroso, entre adultos e creanças, 300 pessoas, havendo 70 teares em funcionamento.

A produção anual é de 25:000 mantas, que são remetidas para os mercados de Vila Nova de Famalicão e de Vila do Conde (onde são vendidas nas feiras); para o Porto, Aveiro, Coimbra, Figueira, todo o Alentejo (onde tambem são vendidas nas feiras) e Algarve, sahindo para esta ultima provincia pelo porto de Vila do Conde, nas embarcações do transporte de sal.

Comercialmente, as *mantas* são classificadas em tres typos: *velhas*, *chitas* e *novas*. As primeiras, compostas de trapos ordinarios, são de tons escuros e custam actualmente 40 a 50 cada uma; e eram de 28 a 32. As segundas, fabricadas com panos crús, chitas ou liga, com ou sem franja (*fróque*), regulam por 80, 120 e 150 cada uma, conforme a qualidade e materia empregada; e eram de 50 a 80. As ultimas, feitas de trapo escolhido e limpo, quasi sempre branco, com franjas e ornamentadas a varias e garridas côres, sendo conhecidas vulgarmente por *colchas*, custam 150, 200 e 250 cada uma; e eram de 120 a 150.

A venda é feita ás duzias e a mercadoria tem a maior sahida pela estação d'Amorim na linha Porto-Povia-Famalicão, que lhe passa no extremo poente.

Terroso é uma povoação em que a industria caseira da tecelagem se generalizou muito. Além de 70 teares para mantas, tem mais 20 para o fabrico de panno de linho, commum á maior parte das aldeias do paiz, sobretudo nas regiões montanhosas ou sub-montanhosas, como esta.

Se bem que o machinismo seja, o que comumente se observa, primitivo, feito pelos modelos luso-romanos, a industria tem sofrido aperfeiçoamento: primeiro, as *mantas* grosseiras, asperas, escuras, verdadeiros *bureis*; ha poucos anos, as colchas de côres claras ou vivas, os tapetes, etc. Aquelas, compostas de trapos sem preparos, ordinarios, vis; estas, com o emprego de algodão russo, retalhos limpos, e com cuidada ornamentação.

Sobre essas dezenas de teares, singelos, despidos d'essas insculturas typicas abundantes no sul e que constituem o relato indelevel d'uma vida de humildes operarias, curvam-se, no dia a dia, centenas de mulheres, que proctram suprir, com penosa faina, a deficiencia do salario dos paes, maridos ou irmãos — carpinteiros, pedreiros ou jornaleiros.

E quantas vidas de sofrimento não vão contando, no seu estalejar continuo, sêco, enervante, aqueles teares de Terroso!

Fevereiro de 1917.

MANUEL SILVA.

DO ALEMTEJO

II

A «COCA» OU «MANTILHA» DE PORTALEGRE

N'essa manhã chuvosa de Outubro, antes do despontar do dia, resava-se a primeira missa na igreja de S. Lourenço, em Portalegre.

Poucas pessoas assistiam ao acto religioso, que, áquela hora, lembrava o officio divino da noite do Natal. Só algumas senhoras se ajoelhavam em volta do altar lateral onde se estava dizendo a missa, trajando rigorosamente de negro.

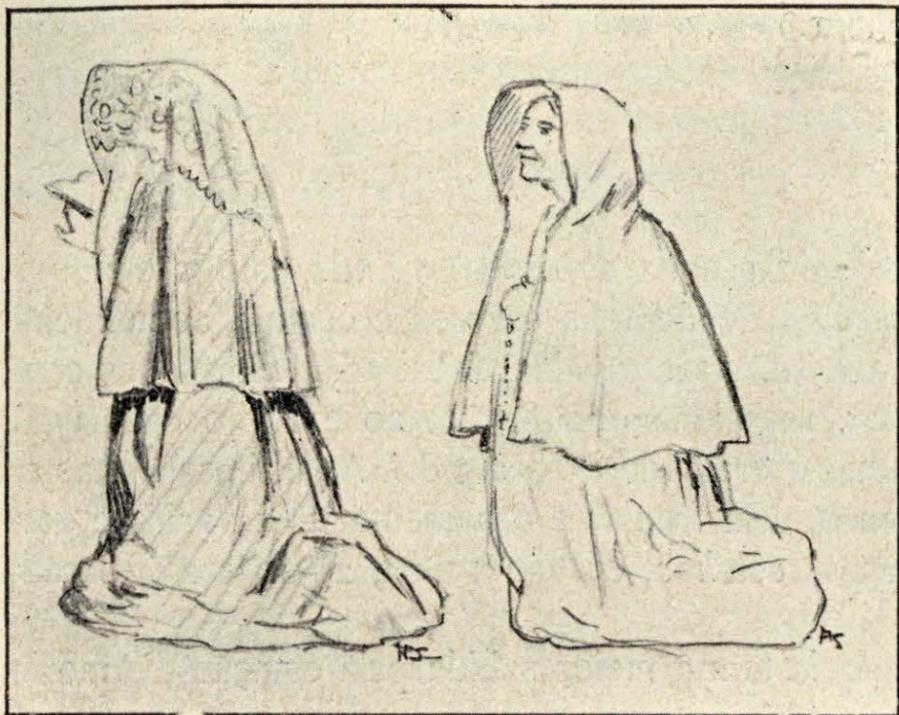


FIG. 1 — NA MISSA DA MADRUGADA

das as edades, especialmente para assistir a actos religiosos. Ha, tambem, quem o use sempre.

A este biôco, chamam, em Portalegre, «côca», ou «mantilha», e, á renda, «véu». Cá fóra, no adro, assisti á debandada dêsse grupo crente de embiocadas, cada uma acompanhada pela sua creada. Amanhecera já e cahía, como geada, uma chuva miudinha e regelante.

Um carvoeiro, vindo da serra, subia a rua, fallando ao burro que lhe transportava a enorme carga — vinte ou trinta saccos esguios e compridos, a estostrar de cheios, com o carvão a espreitar das bôcas.

Fez-me lembrar uma scena do seculo XVIII.

D. SEBASTIÃO PESSANHA.

Vi-as, depois, sahir. Usavam uns biôcos, pegados a uma especie de capa curta e que eram cobertos, no alto, por uma renda larga, que cahía pelas costas. Na frente, o biôco era armado em papelão, ou tarlatana, para se manter aberto. N'alguns, a renda era colocada, como já disse, cahindo do alto da cabeça sobre as costas; n'outros, porém, era posta em sentido contrario, isto é, cahindo um pouco sobre a cara. Completava o traje uma saia de merino.

Este curiosissimo costume, soube-então, está agora mais em voga nas classes ricas, onde o usam as senhoras de to-



FIG. 2 — MULHERES DE «MANTILHA»

(Croquis de A. Sousa)



FIG. 1 — RENDEIRAS TRABALHANDO

minam os antigos hábitos de Christo, de ouro esmaltado. Umas, com o *rebôlo* sobre os joelhos, vão fazendo as rendas de *colchete*, qual delas a mais complicada, ou desfiando no alvo pano de linho os entremeios tão caprichosos, productos de extrema paciência; outras fazem rendas de *agulha*, que servem as mais das vezes para colchas, que levam anos a compôr e que passam gerações guardadas nos arcazes, servindo sómente em dias festivos de bodas ou batisados.

A industria das rendas de Niza, — até ha pouco restringida quasi ao uso local, — tem ultimamente exportado muitos e belos exemplares, notando-se por isso um certo desenvolvimento no labor das rendeiras, que oxalá não abandonem os modelos e desenhos que ainda seguem e que imprimem ás suas rendas um caracter acentuadamente regional.

RENDEIRAS DE NIZA

Nos confins do Alto-Alentejo, encontra-se, localizada em Niza, uma antiga e curiosa industria — a das rendas.

E' interessante vêr as rendeiras, sentadas em tripeças, junto das portas, vestidas com os trajos característicos — saias escuras com barras claras, roupinhas de pano, lenço traçado sobre o peito, e mantilha curta na cabeça ou o classico chapéu nizense; adornadas com gargantilhas e fios de ouro, onde predomina



FIG. 2 — MULHERES DE NIZA

Na figura 1 estão representadas duas rendeiras trabalhando, á porta da casa, nas *rendas de rebôlo*, o mesmo succedendo na figura 3, onde essas rendeiras são acompanhadas por outra mulher, que desfia um *entremeio*. Na figura 2, das tres mulheres, tipicamente vestidas, a do meio trabalha em *renda d'agulha*.



FIG. 3 — Á PORTA DA CASA

(Clichés do autor)

LUIS KEIL.

CRONICA

ALBERTO SOUSA

Por especial deferencia, illustrou e dirigiu artisticamente o monumental trabalho do nosso presado colaborador e illustre arqueologo, sr. Vieira Natividade, o sr. Alberto Sousa.

Nos numerosos desenhos que, no trabalho, alternam com as fotografias, pôs ele todo o seu delicado talento de ilustrador, dando-nos, alem disso, nas aguarelas que reproduzimos em tricromia, duas verdadeiras obras de mestre.

Ao insigne aguarelista as nossas saudações e os nossos agradecimentos.

DR. EDUARDO HERNANDEZ-PACHECO

Visitou Portugal, em principios de Setembro, o illustre geologo e arqueologo, Dr. Eduardo Hernandez-Pacheco, professor no *Museo de Ciencias Naturales* de Madrid, e chefe de trabalhos da *Comisión de Investigaciones Paleontologicas y Prehistoricas*, a cujos trabalhos tantas vezes nos temos referido. O dr. Hernandez-Pacheco interessou-se especialmente pelos descobrimentos do nosso paleolitico.

GRUPO DE ESTUDOS ETNOGRAFICOS E ARQUEOLOGICOS

Com o maior prazer damos a noticia da criação dêste grupo, fundado pelos socios da Associação dos Arqueologos que constituíam o corpo directivo da secção de etnografia da mesma Associação.

Os trabalhos de organização prosseguem com o maior entusiasmo, esperando nós que a nova sociedade, — que afinal é a antiga secção, transplantada para um meio onde melhor possam exercer-se e desenvolver-se actividades, — se manifeste brevemente em publico.

LIVROS

«*Representaciones de Antepasados en el Arte paleolitico*» por Paul Wernert. (Madrid-1916): — Esta memoria n.º 12 da «*Comisión de Investigaciones paleontologicas y prehistoricas*» é um estudo valioso de etnografia prehistorica e comparada, devido a um investigador já experimentado e adestrado por numerosas escavações e trabalhos.

Partindo do principio do *pensamento elementar* ou da produtividade poligenetica, que leva todos os povos primitivos á confecção de objetos com formas identicas, á elaboração das mesmas crenças, etc., o autor, numa bem documentada serie de raciocinios e de explicações, e valendo-se dos elementos fornecidos pelas etnografia moderna, chega á conclusão de que, entre as raças paleolíticas, existiu o culto dos antepassados. Os capitulos III, *Paralelos paletnograficos de estatuetas de antepassados*, e IV, *Evolução das religiões primitivas*, são extremamente interessantes e muito bem documentados.

«*Comisión de Investigaciones*»: — Recebemos dois novos, importantes trabalhos desta Comissão, as memorias n.º 15 e 16, intituladas, respectivamente, *El Santuario Ibérico de Castelar de Santisteban*, por Raymond Lantier, e *Yacimiento prehistórico de Las Carolinas (Madrid)*, por Hugo Obermaier. A ambos nos referiremos desenvolvidamente no proximo numero.

Tradições Populares de Santo Tirço, por A. C. Pires de Lima (Porto, 1917) — Em separata da *Revista Lusitana*, vol. XIX, o sr. Pires de Lima, conhecido ffolklorista, publicou a segunda serie das suas interessantes notas sobre as tradições, usos e superstições populares do concelho de Santo Tirço, cujo valór se póde avaliar pela enumeração dos diferentes capitulos: Ensalmos: Para os unheiros — Para talhar uma dada — Para talhar a erisipela — Para talhar o ruborado — Para talhar o ar nas crianças — Para talhar o bichoco — Medicina e cautelas supersticiosas — Amuletos e agouros.

Muito agradecemos ao auctor a amavel oferta do seu valioso trabalho e as palavras que, com elle, nos dirigiu.



LIVRARIA FERIN

(FUNDADA EM 1840)

70, Rua Nova do Almada, 74 — LISBOA

Torres & C.^{ta}

Fornecedora de Ministerios, Bibliotecas, Universidade,
Escolas Superiores, Institutos, Liceus, etc.

Unica depositaria para a venda das publicações das Direcções geraes: dos **Trabalhos Geodesicos e Topograficos**, de **Agricultura**, **Comissão de Cartografia** e do **Instituto Superior Technico**.

Tele
fone: Central 508
gramas: FERIN

Editora de varias obras sobre: **Arte, literatura, sciencias, etc.**

Secção de material de engenharia

Sempre em deposito:

Teodolitos, taquiometros, niveis, alidades, pantometros, bussolas, esquadros de agrimensor, cadeias e fitas metricas, pranchêtas e papeis continuos, téla, vegetal, milimetrico e Marion.

Artigos para desenho. — Material escolar: carteiras, caixas metricas, de solidos geometricos, ardosias, contadores mecânicos, mapas, esferas, etc.

Sortimento de livros sobre todas as especialidades nacionaes e estrangeiros.

Assignaturas para todas as publicações portuguezas e do estrangeiro. Correspondencia com todos os centros literarios da Europa e America.

PORTALEGRE

Objetos antigos

Papeleira antiga, pequena, com gavetas curvas.
Comoda Luiz XVI, de embutidos, com tampa de marmore cinzento.

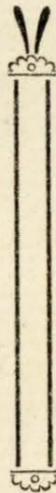
Mesa D. João V, de pés em pata de cabra, alta, elegante, sem gavetas, redonda, para encostar á parede.

Mesa grande, com obra de talha.

Arca antiga com duas ordens de gavetas.

Mesa D. João V, pequena, com duas gavetas e pés de garra.

Candieiros de latão, de formas e alturas varias.



Chaleiras, castiçais, e outros objetos de cobre e estanho.

Brazeira de latão com pedestal de 0,40 de altura, azas em forma de cabeça de anjo, suportes em cabeças de cysnes.

Alguns pratos de Viana, Rocha Soares e outros sem marca.

Armadura japonesa.

Quatro cadeiras de pau santo, com talha e pés de garra.

Linda colcha de seda, lavrada, fundo groselha.

Quasi todos os objetos estão por restaurar

Vende **Laureano Sardinha** por preços modicos
em **PORTALEGRE**

SERVIÇOS DE ADMINISTRAÇÃO

Podem requisitar-se para a Administração desta Revista:

— Capas para encadernar o 1.º volume (n.ºs 1 a 6), gravadas a vermelho e preto, sobre linho nacional, ao preço de **\$60 (quinhentos réis)** cada.

— Capas para encadernar o 2.º volume (n.ºs 7 a 12), gravadas a azul e preto sobre linho nacional, ao preço de **\$60 (quinhentos réis)** cada.

— O 2.º volume, devidamente encadernado, ao preço de **2\$ (dois mil réis)** cada exemplar.

Tambem nos encarregamos para assinantes da provincia, da encadernação do volume, nas mesmas capas, bastando, para isso, que nos sejam enviados os 6 numeros que o compõem, acompanhados da importancia de **\$90 (novecentos réis)** por cada volume a encadernar.

Em todos estes preços estão incluídos o porte do correio e a embalagem. Todos os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

<i>As cangas e jugos portugueses de jungir os bois pelo cachaço</i> , por Eugeniusz Frankowski (Separata da <i>Terra Portuguesa</i> , n.º 2) ..	₧20
<i>Arrufadas de Coimbra</i> (Elementos para o estudo da doçaria portuguesa), por D. Sebastião Pessanha	₧20
<i>Ensino profissional</i> (Tése apresentada ao Congresso regional algarvio), por D. Sebastião Pessanha	₧20
Etnografia artistica — Notas de etnografia portuguesa e italiana , com 110 ilustrações, por Vergilio Correia	₧80
Edição da «Renascença Portuguesa».	
Tapetes de Arrayollos , por D. Sebastião Pessanha — Um volume de 50 paginas, com numerosas gravuras e uma capa desenhada por Alberto Sousa	₧60

Pedidos á Administração